

FLAVIO DE CARVALHO

UMA POSSIVEL TEORIA
E UMA EXPERIENCIA

LYNCHA! LYNCHA!
GRITOU A MULTIDÃO

É o psychologo que durante a procissão de "Corpus Christi" queria fazer uma experiencia sobre a psychologia das multidões, refugiou-se na Leitaria Campo Bello

EXPERIENCIA

REALIZADA SOBRE UMA PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI
EDITADO POR SEUS IRMÃOS FERREIRA



EXPERIENCIA N.º 2

UMA EXPERIENCIA SOBRE A PSYCHOLOGIA DAS MULTI- DÕES DA QUAL RESULTOU SERIO DISTURBIO

Domingo, ás 15 horas, quando desfilava pelas ruas do centro da cidade, a procissão de "Corpus Christi", um rapaz muito bem posto, que se achava na esquina da rua Direita e praça do Patriarcha, não se descobriu, conservando ostensivamente seu chapéu na cabeça.

Os crentes, que acompanhavam o cortejo, revoltaram-se com essa attitude e exigiram em altos brados que elle se descobrisse. Elle, no entanto, sorrindo, para a turba, não tirou o chapéu, embora o clamor da multidão já se tivesse transformado em franca ameaça. Foi então que innumerables populares tentaram lynchal-o, investindo contra elle. O rapaz poz-se em fuga, occultando-se na Leitaria Campo Bello, situada á rua do São Bento, até onde foi perseguido pelos mais exaltados.

O sub-delegado de plantão na policia Central compareceu ao local, onde deu garantias ao moço, protegendo-o contra a ira do povo.

Na policia Central, para onde foi conduzido, declarou a victima da exaltação popular, ser o engenheiro Flavio de Carvalho, de 31 annos de idade, residente á praça Oswaldo Cruz, 1.

Nas suas declarações, disse que, ha tempos, se vem dedicando a estudos sobre a psychologia das multidões e tem mesmo alguns trabalhos inéditos sobre a materia. Para melhor orientação los seus estudos, resolvera fazer uma experiencia sobre a "capacidade aggressiva de uma massa religiosa á resistencia da força das leis civis, ou determinar se a força da crença é maior do que a força da lei e do respeito á vida humana".

Com esse intuito se postou no ponto citado e quando passava a procissão de "Corpus Christi" não se descobriu, sendo quasi lynchado pelos crentes, revoltados com essa sua attitude.

Terminou suas declarações dizendo que, não visava offender a religião do povo, pois esperava do facto que se verificasse tal rea-

EXPERIEN CIA N. 2

REALISADA SOBRE UMA PROCISSÃO DE CORPUS-CHRISTI

UMA POSSIVEL TEORIA
E UMA EXPERIENCIA

FLAVIO DE CARVALHO

Engenheiro civil, membro do
Instituto de Engenharia, etc.

2^a. EDIÇÃO

SÃO PAULO - 1931 — EDITORES: IRMÃOS FERRAZ

ADVERTENCIA

TODAS AS IDEAS EXPOSTAS, TODAS AS CONCLUSÕES, SÃO TENTATIVAS PARA ATINGIR UMA SUPOSTA VERDADE. ALGUMAS DAS EXPOSIÇÕES SE APRESENTAM DE UMA MANEIRA APARENTEMENTE EXAGERADA — E' UMA AMPLIAÇÃO DA VIDA NORMAL, UMA ESPECIE DE VISÃO MICROSCOPICA DA VIDA ANIMICA, FENOMENO ILUSORIO E IMPERCEPTIVEL A OLHO NU'.

CONTÉUDO:

A Experiencia	7
Analyse	49
O parametro da astucia	103
A trilogia	119
O complexo de omnipotencia	141
Instincto gregario	151

JUSTIFICAÇÃO:

Desta edição foram impressos 3.000 volumes numerados e rubricados pelo autor.

1975 J. B. C.

Direitos de reprodução e tradução reservados.

A S. Santidade o Papa Pio XI
A S. Eminencia D. Duarte Leopoldo

O A U T O R

A EXPERIENCIA

Era dia de *Corpus Christi* ; um sol agradavel banhava a cidade, havia um ar festivo por toda parte ; mulheres, homens e creanças moviam côres berrantes de tecido ordinario ; negras velhas de oculos e batina ou qualquer cousa de parecido ; grupos de homens de côr segurando estandartes, velas ; anjinhos sujos enfeitados com estrelas de papel dourado mal pregadas ; mulheres gordas vestidas de côr de rosa cabelo bem emplastado olhavam o mundo em redor com infinita piedade. Uma successão de gaze amarela, de tecidos pretos, veludos, padres rendados, crianças engomadas, pintadas e sujas

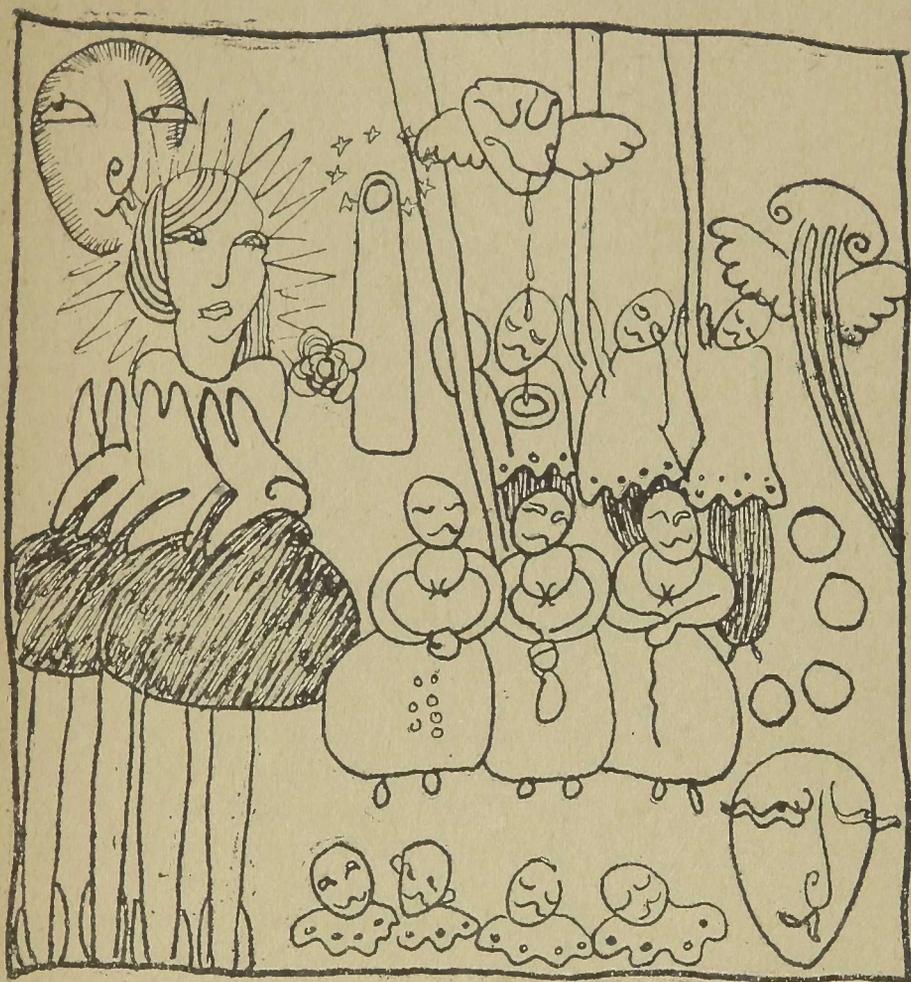
de pó de arroz, olhavam com espanto; freiras gordas e palidas se mechiam como bezouros enormes, e o trafego parado. Olhei para a cathedral e vi no topo da escadaria homens beatos que arranjavam com um cuidado sexual ramos de folhas, flores, panos dourados e cousas em torno de um altar. A luz viva do sol destacava o pó de arroz roxo das negras e os enfeites sujos das fachadas.

Parecia que o vestuario do povo fazia um todo harmonioso com a architectura em redor; o protesto da alma pelas vestes coloridas, pela sujeira pintada se conciliava perfeitamente com o exhibicionismo infantil, carola e pacato da architectura. As cornijas, os ovulos, as flexas dos predios semelhavam ser tambem de papel de seda e veludo.

Contemplei por algum tempo este movimento estranho de fé colorida, quando me ocorreu a idéa de fazer uma experiencia, desvendar a alma dos crentes; por meio de um reagente qualquer que permitisse estudar a reacção nas fisionomias, nos gestos, no passo, no olhar, sentir enfim o pulso do ambiente, palpar psychicamente a emoção tempestuosa da alma colectiva, registrar o escoamento d'essa emoção, provocar a revolta para ver alguma cousa do inconsciente. Déi meia volta, subi rapidamente em direcção á cathedral, tomei um electrico, e meia hora depois voltava munido de um boné.

A procissão formada escoava vagarosa ao som de um cantico sem cadencia. Massas de povo, cabeças descobertas, assistiam á passagem, embevecidos, saturados de bondade e auto-satisfacção. Parecia que todos tinham alcançado o limite do céu; uns olhavam para os outros satisfeitos, saciados.

Tomei logo a resolução de passar em revista o cortejo, conservando o meu chapéo na cabeça e andando em direcção oposta á que elle seguia para melhor observar o efeito do meu acto impio na fisionomia dos



Padres rendados, crianças engommadas, pintadas e sujas de pó de arroz, olhavam com espanto.

crentes. A minha altura, acima do normal, me tornava mais visível, destacando a minha arrogancia, e facilitando a tarefa de chamar a atenção. A principio me olhavam com espanto — me refiro á assistencia, porque aquelles que eram da procissão se portavam diferentemente, elles eram os eleitos de deus, os escolhidos, e formavam uma massa em movimento lento, contrastando em qualidade com a assistencia imovel; eram, portanto, praticamente, o unico movimento em todo o imenso percurso da procissão, e esta situação de movimento naturalmente exigia o monopolio da atenção geral, e uma presença perturbadora como era a minha deveria influir diferentemente na procissão em movimento e na assistencia.

A procissão era o principal atractivo. Exigia os olhares de todos e um elemento perturbador se tornava assim, em maior ou menor gráo, um rival da beata a ser desejada. Isto explicará mais tarde porque a attitude da procissão para commigo era bem differente da attitude da assistencia. A' medida que caminhava recebia da parte jovem da assistencia olhares agradaveis e da parte velha um certo desagrado.

Na procissão, um grande numero de negros edosos me olhava pacatamente, resignados; as velhas de ambas as côres não se indignavam; olhar de submissão e supplica que dizia "tenha dó de mim", e a parte de ter dó diminuia em intensidade á medida que a juventude crescia.

Quando insistia na minha arrogancia muitas olhavam para cima e apertavam com mais fervor o objecto entre as mãos; muitas vezes era uma vela possante; parecia que o fervor augmentava. A's vezes cochichavam á descoberta da minha pessoa á companheira ao lado.

Os padres velhos e moços affectavam uma submissão divina olhando para cima e de vez em quando me

espiavam sorratamente para ver o efeito da sua attitude sobre o insolito passante. A rua era estreita e a assistencia se comprimia. Locomovia-me com dificuldade, penetrando a multidão como uma folha de papel, de lado, ondulando-me o mais possivel.

Vi um velho amigo a uns metros de distancia e passei por elle fingindo que não o via mas estava sciente de que ele me havia reconhecido, a alguns passos de distancia dei meia volta, justamente a tempo para vê-lo me reconhecer e virar a cara. Não sei se era porque estava acompanhado de uma moça ou devido á minha attitude provocadora. Parei por algum tempo contemplando a passagem de uma irmandade de homens de côr, todos vestidos com uns panos brancos e roxo creio, (o branco mostrando a sujeira do uso) todos me olhavam com curiosidade passiva, com incompreensão mesmo. Sentia, porem, que começava a aparecer uma certa indignação geral, uma indignação contida; ninguem se manifestava mas via-se a duvida dos assistentes e a humilhação pacata da massa em movimento.

Os padres rezavam com mais fervor, as freiras incredulas não comprehendiam, os velhos se pareciam com as velhas, eram de uma resignação efeminada, lendo o breviario de mais perto, apertando mais o terço ou olhando para o céu com mais afinco. Imagens coloridas castiças sujos, fitas, crucifixos, passavam e repetiam-se carregados por velhas e velhos que evidentemente se sentiam humilhados com a minha attitude, mas pareciam orgulhosos de pertencerem á unidade em movimento. A emoção desta parte do cortejo era de autoconvicção de superioridade manifestada por uma submissão efeminada ao chefe deus.

Não tinha mais nada que observar ali.

Continuei o meu caminho em busca de um novo panorama, vencendo com dificuldade, atravez da assistencia compacta, recebendo o contacto indesejavel de

mulheres gordas suadas, homens bojudos, magros, com cotovelos afiados. Olho para a procissão e vejo um não acabar mais de filhas de Maria todas de branco e palidas, todas jovens e muitas dellas bem bonitas. Era realmente um novo panorama em campo diferente ; uma nova emoção mais cheia de “it”. Parecia-me que o cortejo se tornára mais voluptuosamente efeminado, o cheiro mesmo do ambiente tinha mudado. Mostrei-me resoluto, e com entusiasmo pervaguei o olhar sobre as cabeças brancas, uma visão de rostos palidos, cabelos louros e escuros, olhos de todas as côres remechiam, umas carregavam estandartes ou crucifixos não sei bem ; a maioria não fazia nada ou tinha na mão um breviário ou um terço. Nem sequer cantavam naquele momento. Percorri mais demoradamente toda a extensão branca e observei algumas caras aqui e ali. Algumas já me tinham visto e communicavam o ocorrido ás suas companheiras. Não pareciam descontentes com a descoberta. Nenhuma animosidade

■ O cortejo tinha parado. Movimentei-me um pouco para chamar mais a atenção. A assistencia continuava passiva para comigo. Olhei em redor e vi do outro lado da rua uma senhora conhecida acompanhada de uma moça bem bonita. A minha conhecida, convenientemente evitava me reconhecer, porém pouco depois, sem duvida possuida de arrependimento sacro, ela me agraciou com um sorriso quasi satânico, em perfeita harmonia com o meu estado aventureiro. Agradei de longe, de uma maneira não comprometedora, mas eu estava muito mais interessado na moça ao lado, que já começava a me parecer atrahente.

Meu estado ficticio experimental se aprazia de encontrar um obstaculo, uma qualquer cousa que destacasse a minha fantazia, dando-me a idea de que tinha de ir longe para me tornar mestre das cousas. Sciente da minha observação, ela ocultava pudicamente o seu

olhar do meu, aumentando a minha cota de monstruosidade.

Minha atitude atrahia e em parte monopolizava a atenção. Já começavam a discutir e raciocinar sobre o meu gesto, padres e freiras. Já me olhavam de um modo exquisito. Um ou outro individuo protestava timidamente, de longe, escondendo o seu gesto; as filhas de Maria se entreolhavam timidas e me fixavam submissas, encantadoramente, apertando na mão o breviario ou um accessorio.

Empreendi imediatamente uma serie de "flirts", escolhendo entre outras 2 louras bonitas, 2 morenas bonitas e 2 feias de cada typo.

Procurei manter com as escolhidas um "flirt" razoavel, tanto quanto me era possivel dentro de um ambiente que se tornava a cada instante mais hostil. Fui lentamente correspondido, principalmente pelas feias. Trocamos longas e voluptuosas mensagens, promessas fitticias, arrependimentos, emfim toda a costumada gamma amorosa humana.

A minha atitude era realmente provocadora. A assistencia, até então passiva, começou a inquietar-se. Os comentarios já corriam abertamente. Vi o perigo da minha situação e a grande dificuldade de qualquer fuga entre a massa compacta; porém, o alcance da experiencia era maior do que parecia á primeira vista. As filhas de Maria excediam a toda expectativa. Valia a pena arriscar mais cinco minutos. Eu queria realmente ver se todas se manifestavam de uma maneira conquistada e submissa. Iniciei imediatamente um vigoroso "vamping" com toda a massa branca, a principio dando predilecção a uma ou a outra, e aos poucos abolindo a predilecção e me dedicando altruisticamente a todas. O meu successo não foi completo, mas de todas aquelas que cederam á minha arrogancia, vamos dizer uns 70 % do total presente, uma meia duzia parecia não se preo-

cupar com a prisão religiosa, me encarando resolutamente submissas. Outras eram submissas timidamente. Via-se que guardavam uma certa recordação grata do outro delator, o Christo.

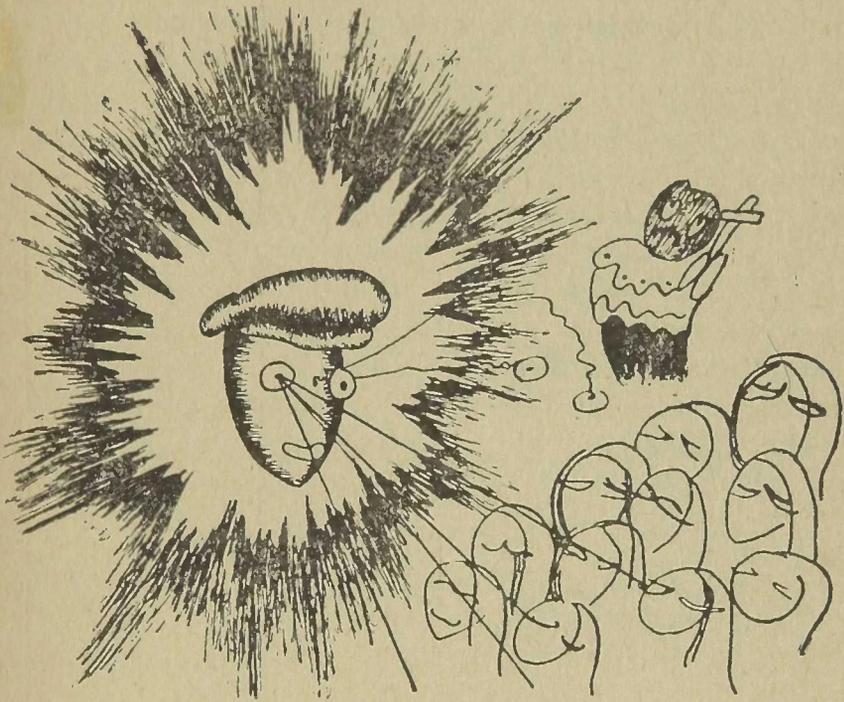
Era evidente que o meu mundanismo atrahia pelo seu character audacioso, heroico, — as filhas de Maria, cedendo sorrateiramente, se mostravam unicamente mulheres.

Uma delas, porém, destoou claramente das outras. Era uma moça alta, um tanto cheia, tinha o nariz arcado e segurava um estandarte. Ela se parecia mais com um sargento de cavalaria que com uma filha da Virgem, e o seu olhar francamente aggressivo me escrutava. Não podia ouvir o que ela dizia em voz baixa a sua companheira, mas os seus labios pareciam proferir injurias do mais baixo calão. Tenho certeza de que se estivesse ao seu alcance seria unhado e mordido sem reservas.

Notei, tambem, um fenomeno bem curioso. A interferencia do canto na minha actuação. Quasi todas se esqueciam de mim logo que começavam a cantar.

Os protestos augmentavam. A multidão me comprimia : o ambiente estava pesado e hostil. Segui o meu caminho como pude, apertado e cotucado, já aggressivamente. Com dificuldade conseguia passar ; os homens não se arredavam um dedo, e era obrigado a empurrá-los docilmente ; as mulheres da assistencia permaneciam passivas, tanto quanto me foi possivel observar.

Estava penetrando uma zona distinctamente hostil, pois pela frente fartamente munidos de estandartes e fitas vermelhas, castiças, terços e outros accessorios, appareceu uma horda de moços bem vestidos, muitos dos quaes usavam oculos. Eram evidentemente pessoas de collegios, universidades, profisioaes diversos. Pertenciam á chamada classe burgueza e estavam creio, tentando cantar alguma cousa.



Os padres olhavam para o ceu com mais afinco e eu actua-
va sobre as filhas de Maria.

Meu estado já era de agitação. Eu percebia claramente que a minha presença indesejável não poderia ser aturada por muito tempo, e, apesar dos protestos irritantes que ecoavam ao meu ouvido como uma ameaça crescente, conservei o meu chapéu na cabeça e procurei manter uma aparência de calma.

Como se manifestaria a parte jovem e masculina da procissão? Até que ponto chega o controle ancestral do deus a abafar a revolta do jovem? Eram questões que me preocupavam, apesar do meu estado de grande tensão nervosa. Não podia nem mesmo hesitar — o meu mecanismo de cálculo preconcebido me fazia automaticamente conservar o chapéu na cabeça e encarar o mundo em redor com grande calma aparente. Dei alguns passos para frente, quando me chamaram pelo nome. Viro-me e vejo um colega, um velho amigo meu, de fita vermelha no pescoço e breviário na mão. Não me surpreendi. Ele me pega pelo braço e me leva para um recesso da vitrina de uma casa de modas ali mesmo ao lado: “Flavio você precisa tirar o chapéu” me diz em tom amistoso e firme.

Respondi imediatamente que não perdesse o seu tempo, de modo algum tiraria o chapéu. O meu amigo, perante a precisão da minha resposta, não perdeu o seu tempo e voltou para a procissão.

Foi praticamente o primeiro protesto, o primeiro que se manifestou abandonando os laços da procissão. A importância do protesto é acrescida pelo facto de ser feito por um colega. Chamo a atenção sobre este ponto, que será amplamente discutido mais tarde.

Curioso de ver como seria apreciada a demarche fracassada, conservei-me parado por alguns instantes, procurando fixar a minha atenção na massa inquieta de jovens com fitas vermelhas, mas o tumulto crescia. Com dificuldade conseguia colher observações, e o meu raciocínio já não funcionava como dantes. A emoção do mo-

mento começava a me invadir aos poucos; tentando dominar o meu mecanismo preconcebido de calculo, vi vagamente uma porção de caras moças, um ou outro velho, a parte de cima de velas não sei bem, um começo de indignação mais ou menos contida, um ou outro gesto moderado feito com os dedos dirigidos a mim, mais isso tudo parecia crescer.

Um velho na assistencia disse qualquer cousa a que não liguei muito. Na parte central um grupo de jovens me ameaçava com os pulsos. Olhei para traz. A procissão estava parada. Todos pareciam esperar alguma cousa.

Alguem grita timidamente: "tira o chapéo". Endureci o corpo e olhei em redor por cima do mar de cabeças.

Todos se agitavam; pareciam que falavam muito e o volume de som augmentava sempre, mas as palavras não eram dirigidas a mim.

Olhei para frente para calcular a sahida, quando alguem grita "tira o chapéo"; seguem-se outros "tira o chapéo". A sahida estava difficil — uma barreira de gente se interessava pela minha sorte; atraz de mim havia grande movimento. Viro-me e vejo uma porção de jovens em atitudes ameaçadoras. Alguem me empurra e uma porção de mãos me agarram; sacudo-me violentamente, desprendendo-me das garras. A emoção do momento se apoderava de mim cada vez mais, quando por detraz me arrancam o chapéo da cabeça. Viro-me instantaneamente, mas o personagem já tinha desaparecido. Via apenas um tumulto de braços, pernas e gente que continuavam a gritar "tira o chapéo", conservando uma distancia de 3 metros de mim. Pareçiam querer avançar, mas estavam indecisos, gesticulavam muito, Vi muita cara vermelha, roxa mesmo, roxas de raiva.

Contemplei por alguns instantes esta scena curiosa; uma massa de gente levada ao extremo do odio dese-

jando me devorar e controlada por uma emoção qualquer que a retinha indecisa ; com a cabeça descoberta, apesar da tensão do momento, não sei o que me retinha no lugar, provavelmente um resto de curiosidade, estava no ponto de resolver se devia ou não exigir a entrega do meu chapéu, quando um jovem que aparentava uns 15 anos se aproxima e me entrega o chapéu dizendo "ponha se fôr homem".

Creio que foi o jovem que disse, mas não tenho certeza. Talvez tenha sido um outro, atraz ou ao lado. Não me sentia muito seguro, e minha calma aparente estava em perigo de ser desmantelada. Em redor de mim reinava um profundo silencio. Ao longe ainda se ouviam uns restos de canticos ; todos olhavam para o rapaz e para mim. As imprecações e os gestos tinham cessado. Agradei o rapaz e conservei-me indeciso por alguns instantes ; a emoção do momento me aconselhava seriamente a abandonar o terreno ; porém, o meu desejo experimental projectado de antemão, me dizia num sopro apenas perceptivel "continua, continua". Não sabia bem o que fazer. A agressividade do povo, a iminencia de um estouro no sentimento de odio retido, me inclinava a fazer o uso da palavra como um meio de orientar o imenso potencial de odio acumulado.

O panorama era realmente curioso ; um alto potencial de odio pairava sobre uma massa, exigindo uma sahida. Instavel, saturado de ancia para o movimento, em baixo agitavam-se braços, pernas e cabeças. Tinha a impressão de ver uma scena microscopica de bonecos desconjuntados, onde braços e pernas debatiam-se sem ponto de apoio e sem ligação com cousa alguma. Pareciam castigar uma natureza vasia. Eu tinha me esquecido que estava na situação em que estava. Minha percepção saltava fora da realidade, mas nenhuma visão era segura e o meu organismo, sem duvida, descobrindo isto, de uma maneira defensiva, inconsciente, reagira,

empurrando-me dentro da realidade. Sentia que sahir da realidade era o melhor meio de medir a queda entre o irreal e o facto concreto.

Os jovens agitados me pareceram de repente muito reaes e muito concretos ; eu mudava de situação do mesmo modo como se costuma escolher uma situação conveniente num sonho que seguiu um caminho desagradavel.

A palavra era a unica arma que possuia e fazer uso da palavra impunha-se, mesmo porque o periodo de silencio, apesar de bem curto não podia se prolongar por mais tempo, mas dizer o que... Elogiar a atitude do povo não me parecia seguro, porque dentro do meu estado de espirito seria incapaz de elogiar sem ridicularizar sem humilhar pelo sarcasmo. Já começava a definir um pouco melhor a posição. Resolvi fazer uso, ou, melhor, tentar fazer uso do poder de raciocinio das massas. Pensei que apelando para a intelligencia talvez conseguisse alguma cousa ; não sabia para o que mais apelar.

Abri os meus braços num gesto patriarchal e patheticamente e expliquei com doçura : "eu sou um contra mil"... a agitação immediatamente cresceu e todos pareciam discutir indecisos entre si. Repeti novamente o que acabava de dizer. O barulho da discussão augmentou o volume. Fiquei parado, sem saber o que fazer, temendo me retirar bruscamente porque sem duvida seria agarrado e estraçalhado. Via perfeitamente que nem elles podiam continuar discutindo, nem eu continuar parado. Alguma cousa precisava acontecer. Meu instincto de conservação me mostrava que quanto mais cedo acontecesse o que tinha de acontecer melhor seria para mim ; o povo já se acumulava por todos os lados ; grupos se formavam resolvidos a tomar uma atitude qualquer ; e me parecia que teria maior probabilidade de escapar iniciando uma acção immediata, uma ofen-

siva, dizemos, do que esperar pelo ataque do adversario. A minha inferioridade não permitia outra atitude.

O meu apelo ao raciocinio tinha fracassado por completo. A massa tinha reagido pela emotividade ancestral, e não pelo raciocinio. A minha demonstração numerica só conseguiu humilhar, me colocar numa posição mais alta que a anterior..

Olhei para as caras da minha frente, todas homicidas, vindicativas, revoltadas, todas na expectativa. Não podia sequer me mexer. Se dêsse um passo seria agarrado e estraçalhado. Uma idea me ocorreu, de colocar-me numa posição fantastica incrivel, inadmissivel, provocar uma confusão momentanea no sentimento das massas, uma indecisão qualquer, para facilitar a minha retirada. Resolvi então, insultar as massas impiedosamente. “Eu sou apenas um”... comecei em voz bem alta “vocês são centenas...”

Um jovem de cabelos louros indignado protesta “vocês... quem...” A natureza aparentemente pueril do protesto me surpreendeu sumamente; não podia comprehender, num momento de excitação máxima um protesto tão pequeno; era evidente que o desejo de nivelamento estava ali, porem o que eu não comprehendia é que ele se manifestasse por um mundanismo tão banal, tão insignificante, muito mais proprio aos tagarelas de salão, e em magnifico contraste com a scena que se desenrolava naquelle momento.

Meu humor excitado não pude por mais tempo conter um riso irreverente. O senhor louro sentiu o sarcasmo da situação, e aborrecido balbuciou qualquer cousa, abandonando a posição de destaque e imiscuindo se na massa.

Eu continuava em perfeita comunicação mental com a massa, sentia todas as oscilações, e reagia de acordo com a minha tendencia no momento. Meu humor fôra provocado e me passou pela cabeça a idéa de fazer

um discurso catholico, elogiando o deus e a fé, a vontade do povo, concordando com a attitude aggressiva, e me entregando humilde e submisso. Por alguns momentos visualisei a emoção extraordinaria que podia me proporcionar esta attitude. Vi-me odiado e humilhado e depois christianamente perdoado e abandonado com desprezo. Vi mulheres gordas me olhar como se fosse mais efeminado que uma virgem pudica submissa; homens com desejos homosexuaes e sem duvida viria alguma mulher querendo me adoptar como ornamento de cabeceira.

A visão era emocionante, mas terrivel. Não podia me conformar em materializa-la. Meu sentimento de virilidade era provavelmente acima dessa submissão e eu tinha de continuar o meu discurso num tom aggressivo e humilhante. Sentia que o modo pelo qual a minha emoção estetica se tinha desenvolvido não me permitia dirigir-me ao povo por “senhores”.

“Covardes...” recomecei, “mil contra um”! Entrementes aparece novamente o jovem senhor louro; desta vez disposto, segundo me declarou, a lutar comigo sosinho. Sem proferir palavra, com um gesto comprehensivel, mostrei a horda agitada em redor e a inconveniencia para mim de qualquer luta naquelle momento.

Então o seu heroismo redobrou de magnitude, e alguns amigos bem intencionados tentaram agarrá-lo. Quanto mais procuravam agarrá-lo, mais ele se debatia com furor heroico. No entanto, acabou cedendo amavelmente ás solicitações dos seus amigos uteis.

Uma nova forma de tumulto se estabelecia. Preocupado, eu não via nenhuma das caras em redor de mim, mas sentia perfeitamente que o potencial de odio augmentava. Era sufficiente observar o movimento geral e os deslocamentos parciaes das massas em redor, para obter **uma** medida bastante exacta do perigo.

Ia recomencar o meu discurso, quando surge um personagem pequeno, vestido de preto, moreno e magro, que tambem queria lutar comigo. Novamente expliquei a inconveniencia desse procedimento num ambiente unanime contra mim; afastei-o docilmente; elle não insistiu muito, e voltou consolado para as fileiras dos seus companheiros. "Evidentemente", continuei, falando o mais alto, que podia, e com a voz mais grossa que tinha: "coagido pela força bruta, vencido pelo numero, vejo-me forçado a continuar o meu caminho sem chapéo" um rumor de desagrado percorreu a multidão, "mata... pega..." gritou alguem.

Continuei a falar, e ao mesmo tempo tentando uma retirada andando de costas de vagar — era o unico meio — numa retirada brusca seria irremediavelmente agarrado. Era preciso fazer a multidão pensar, estabelecer uma duvida qualquer; prolongar a vinda da reacção emotiva-inconsciente; era tambem evidente que quanto mais retardada a reacção, mais violenta ela viria, e é claro tambem que quanto mais eu humilhava a multidão, maior o numero de caracteres de odio em evidencia, fenomeno perfeitamente visivel. Observei tambem que as oscilações da reacção não estavam em cadencia com o reagente provocador; havia uma decalagem entre os dois movimentos e essa decalagem parecia depender do tempo gasto por uma emoção em contagiar uma massa de povo. Por tanto quanto mais eu prolongava esse contagio, melhor para mim; quanto maior a decalagem, maior o espirito de duvida, e acreditava firmemente que um ataque violento por meio de palavras estabeleceria, por contraste, uma prolongada sensação de duvida. Naquelle momento agitado me recordava com clareza do resultado categorico de algumas experiencias que havia feito nesse sentido. O contraste immediato é um verdadeiro basbaque: estabelece uma confusão de espirito retar-

dando o aparecimento de uma directriz. O meu estado precisava de semelhante confusão, alguma cousa para distrahir as massas enquanto eu tentava escapulir.

Tinha já em "stock" um volumoso vocabulario do mais escolhido calão, e já havia resolvido exhibir-me nessa modalidade, sendo o ultimo reagente empregado na minha experiencia, o ultimo esforço para libertar-me. Estava prestes a largar o verbo quando alguem grita "lyncha !"; vejo que uma parte da multidão, quer se precipitar sobre mim, mas é accidentalmente impedida pela confusão reinante. Os que estão na frente parecem mais indecisos do que os que estão atraz ; alguns procuram seguir os outros impedindo assim um avanço immediato ; a parte mais proxima da multidão, funciona como uma camada protectora — não que ela seja pacifica, ao contrario, estava bem agitada, mas parecia que alguma cousa a detinha e a efervecencia vinha mesmo detraz, daqueles que estavam por assim dizer em maior segurança, e ao mesmo tempo tinham recebido a influencia da minha actividade.

Eu recuava vagarosamente de costas, mas sempre fingindo que não recuava. A camada protectora se aproximava de mim barulhenta e ao mesmo tempo como se estivesse na expectativa, prompta a dar o bote por detraz. A multidão berrava "lyncha !" e um sem numero de pulsos esticados, "mata . . . mata !" gritavam. Todo o meu organismo estava alerta — não perdia nada em redor de mim, mesmo o que não via, todos os meus musculos estavam em tensão ; vi uma porção de caras conhecidas, alguns gritavam raivosamente pelo meu nome, um senhor de preto sympatico me pegou pelo braço protectoramente, mas com receio e murmurou qualquer cousa que não ouvi devido ao barulho, mas creio que em seguida ele disse "vamos depressa" ou cousa semelhante, o que era perfeitamente inutil, pois sentia que ninguem melhor do que eu podia calcular a

velocidade apropriada do meu recuo. O senhor de preto continua ao meu lado, eu ando mais depressa, os berros de “lyncha e mata” augmentam de volume e numero ; no inicio eram apenas alguns e assim mesmo gritavam com uma certa timidez, esta timidez se prolongou por um certo tempo, porem, agora, já não se notava mais nenhuma timidez : o “lyncha mata” vinha seco e vigoroso e ecoava em redor. Para ser preciso creio que a timidez cessou no momento em que abandonei o meu discurso, e a intensidade do odio crescia á medida que eu mais aparentava recuar. O meu cerco era iminente ; tinha de agir com rapidez e arriscar tudo, por detraz e pela frente.

As ondas fechavam ; de um lado os predios impediam qualquer fuga e do outro a procissão paralyzada se movimentava tumultuosamente ; sentia-me em perfeita calma mas alerta e sensível a todas as perturbações ; “Lyncha... Mata... mata” me martelavam psychicamente de todos os lados. Fiz um signal de agradecimento ao moço de preto que ainda estava ao meu lado e que ele não viu, e me dirigi rapidamente para uma parte da procissão que tinha apenas uma camada de velhos, algumas crianças, meninos ou meninas não sei, e algumas freiras ; a multidão juntou num clamor só. O bote estava dado, accelerei-me consideravelmente, creio que derrubei ou atropelei algumas freiras. Na travessia da procissão, fui rapido em zig-zag, me lembro de ter empurrado com a mão uma mulher gorda que tinha botões nas costas e que não sahia do caminho ; a pressão dos botões me impressionou pois nunca pude suportar essa moda. Me lembro tambem de ter visto uma freira calmamente reunir e proteger algumas crianças. Admirei a sua calma só um instante, e muito rapido, corria e desviava saltando a passos largos. Esta ultima parte da minha aventura tinha sido muito rapida. Os elementos da procissão em contacto com a minha

passagem não tiveram tempo de raciocinar nem mesmo de presentir o meu intento de atravessar ; o meu gesto surprehendeu e até certo ponto apavorou alguns, muitos nem me viram atravessar.

Esta idéa de atravessar a procissão foi realmente a melhor parte de toda a minha estratégia de fuga, foi a que mais retardou o avanço da multidão, e veio mais por selecção natural que por outra cousa. Pelo menos assim me pareceu, não me recordo de ter calculado muito antes de escolher esse caminho. As minhas observações sobre a qualidade da parte atravessada são posteriores e foram feitas em pleno conforto. O que quero dizer é o seguinte ; a escolha da parte fraca da procissão foi mais inconsciente, me parecia ter sido dirigido para lá por forças estranhas ao meu controle. Assim mesmo não posso afirmar este ponto com precisão. Como o meu estado de consciencia fôra altamente exaltado é possível admitir na ocasião um processo de raciocinio tão veloz que não deixou residuo suficiente para ser apreciado no momento em que escrevo.

Discutirei este ponto em mais detalhes na parte que toca á analyse. O certo porem é que a minha retirada por aquele processo, naquele ponto, era a melhor escolha que se podia fazer consciente ou inconscientemente. A multidão que me perseguia, devido a sua forma compacta, não podia passar por aquele ponto com a mesma mobilidade que eu passei ; forçosamente ela tinha de se engarrifar com a procissão e foi o que aconteceu. Olhando para traz vi os elementos da procissão, atonitos, indecisos um tanto esparsos, funcionando como uma camada protectora, e logo ao lado a multidão confusa berrando "lyncha", uns tentando atravessar outros empurrando. Isto durou apenas alguns instantes — a camada protectora como era de esperar não tardou a se restabelecer da surpresa e do periodo indeciso. O contagio com a multidão transmitiu logo o desejo do "mata

e lyncha". Os elementos da procissão não mais funcionavam como camada protectora, mas impregnados pelo odio, em momentos eram absorvidos ou seleccionados e expulsos. Agora todos avançavam sem obstaculo. Toda a timidez vencida, a massa unanime se atirava resoluta sobre mim, sendo a unica protecção o pequeno espaço que me separava da massa.

Nunca me senti tão bem humorado e alerta. Não tinha nenhuma sensação de insegurança apesar de comprehender a peculiaridade da minha posição. Sentia-me leve apesar da minha categoria de peso pesado e não duvidava por um momento da possibilidade de escapar á sanha sangrenta, nunca fui tão optimista. Estas emoções eram perfeitamente definidas; sem duvida, a premencia do momento exigia uma directriz bem caracterizada, e creio que esta só podia ser producto de uma selecção natural para mim psychicamente inconsciente, porque creio poder afirmar que o meu raciocinio não tomava parte consciente na selecção de optimismo e outras sensações, como por exemplo o augmento de velocidade dos movimentos e o modo de seleccionar a minha direcção.

E' como eu sinto no momento em que escrevo; visualizando a minha aventura, me parece visualizar a parte de um mundo estranho a mim, me sinto metade como um archeologo e metade como um cynico sceptico. A concatenação dos factos não me traz senão um panorama illusorio e archeologicamente me sinto tão inseguro como se estivesse elaborando por meio de uma ficção exaltada um mundo nevrotico qualquer. Uma interpretação não archeologica dos factos poderia por bamba me colocar mais perto dos acontecimentos, mas tambem me arrisco a cahir em confusão devido ao grande numero de arranjos possiveis. De maneira que o methodo archeo-

logico de pescar e classificar emoções pode significar mais do que aparenta porque depois poderia ser considerado como formando um conjuncto unico observador-aventura e psychanalizado ao mesmo tempo. A analyse psychologica representa apenas um passo além do processo archeologico, mas nada de definitivo talvez esse passo seja, alem ou aquem, o que pouco importa, desde que jogamos apenas com percepção, raciocinio e introspecção, sem nenhum ponto de referencia fora do passado. Minhas emoções são pescadas no passado, muito do mesmo modo como o são os peixes. Um grande numero escapa ao meu methodo de pescar e as que são colleccionadas formam um conjuncto enigmatico desconexo, mas aparentemente inteiro. No entanto, as emoções perdidas, se fossem pescadas, não podiam deixar de alterar o aspecto do conjuncto. E quem sabe o numero de emoções perdidas... ou mesmo a capacidade emotiva maxima. A passagem dos peixes de um lado para o outro pode figurar o fluxo dos acontecimentos e o meu methodo de pescar indica a deficiencia da minha percepção, de maneira que me é absolutamente impossivel dizer com exactidão o que foi o passado como tambem me é impossivel dizer o que é exactidão. Tenho de descrever as minhas emoções como elas me occorrem no momento em que escrevo, isto é sujeitas a censura ou a aprovação da minha psyche no momento. Ha uns tempos atraz, conversando com o dr. A. Souza Barros sobre o assumpto, recebi conselho de descrever os factos separadamente das minhas opiniões pessoaes, colocando a analyse em separado para que outros possam tambem aplicar os seus pontos de vista ; achando a idea excelente concordei logo, e quando comecei a escrever foi com o firme proposito de reservar para a analyse minhas apreciações pessoaes, mas a medida que caminho vou me convencendo da dificuldade de precisar o que realmente aconteceu ; a narrativa está sujeita a quatro influencias

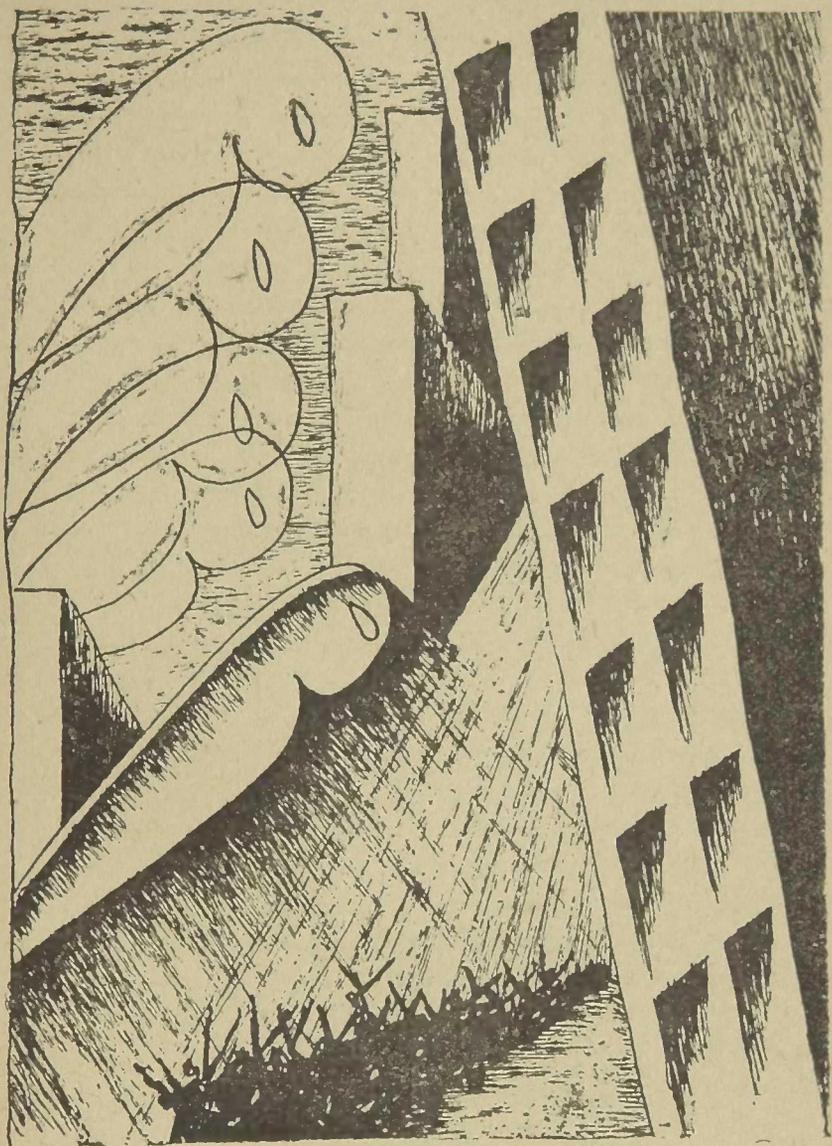
deformadoras ; 1.^a) perda dos acontecimentos no momento de observar ; 2.^a) deformação dos acontecimentos colhidos pelo modo de ver pessoal ; 3.^a) perda de acontecimentos, durante o processo de recordar para escrever ; 4.^a) deformação pela apreciação pessoal dos acontecimentos recordados. Essas quatro deformações constituem os quatro movimentos do processo archeologico que estou seguindo, e que terá como resultado um panorama disconexo, cheio de vasis, representando o que aparentemente aconteceu. Estes vasis não podem ser preenchidos pela imaginação porque a imaginação elaborando sempre numa linha ficticia colocaria peças relacionadas á sua linha de conducta e provavelmente alheia ao mecanismo dos acontecimentos. Os vasis não podem ser preenchidos e devem permanecer como vasis, mas o processo psychologico funcionará como uma especie de gase continua sobre o panorama archeologico. Não creio que ele jamais será suficientemente exacto para poder encher os vasis mas de qualquer maneira ele nos dará uma base hypothetica bastante util nas subseqüentes meditações.

Voltando a minha experiencia ; eu corria apressadamente procurando um refugio pois todas as lojas estavam fechadas ; pensei em arriscar atingir o Instituto de Engenharia, onde tinha o meu "atelier", mas a distancia era muito grande e depois não oferecia nenhuma segurança especial. Pela minha frente muitos elementos espalhados pareciam agitados, pareciam querer convergir em grupos. Havia um certo perigo de ter a fuga cortada pela frente, mas o perigo não era imediato — os poucos grupos já formados e os que estavam para se formar, os esparsos e não obedecendo a nenhum commando unico seriam facilmente evitados pela astucia. Eu tinha a vantagem de ser o unico dirigente dos meus

movimentos, e só podia receiar ser engarrafado pela multidão compacta. Meu estado mental e organico era tão alerta que não sentia nenhum processo de raciocinio dirigir os meus movimentos, como já disse anteriormente; o elemento de duvida que denota o processo de raciocinio estava completamente ausente ou então ele era tão pequeno ou bem tão veloz que escapava á minha percepção. Eu parecia me mecher como um automato movido pela selecção de forças do mundo em redor que apresentava como uma successão de massas coloridas sem detalhes. Enchergava de um modo vago os movimentos das partes agitadas quando braços e ornamentos se destacavam contra o cinzento; percebia mais psychicamente que visualmente; tinha a impressão de possuir por todo o corpo milhares de detectores que me mostravam com minucia o que se passava. O sombreado das janelas, o amarelo sujo dos predios, o escuro da populaça vinha e sumia á medida que me ausentava rapidamente; estava sciente da existencia do berreiro, mas não ouvia o som; meu pensamento só se occupava do caleidoscopio veloz, do que via e sumia. Parecia alheio á experiencia e ás vezes me sentia tão longe do local quanto me tinha sentido proximo a ele em outros momentos. Mas o meu estado mental não era fantastico. Nenhuma ficção me preocupava; sentia que estava longe das emoções do meu proprio organismo. A consciencia da vida e a imensa carga inconsciente não pesavam absolutamente no meu modo de ver, porque me sentia fora de qualquer prisão pessoal e funcionando como parte movel dos acontecimentos. No momento em que escrevo me parece que funcionava como um elemento dentro de uma selecção inevitavel. As cousas aconteciam como sahindo do imprevisito. As imagens e as sensações vinham e iam sem nenhuma ligação aparente, e quando deparei com a providencial porta de uma leiteria, uma longa sombra acolhedora, não hesitei

um momento. Todas as minhas tendencias se dirigiam para lá. No entanto, creio que passei por algum processo de raciocinio porque girando sobre o calcanhar voltei-me rapidamente, equilibrando-me com os braços em forma de uma valvula de escapamento e vi a multidão proxima uns vinte metros talvez. Um imenso rumor enchia o espaço, uma multitude de braços com os pulsos cerrados ameaçavam e agitavam, bocas enormes berrevam raivosamente "lyncha", crucifixos estandartes coloridos estremeciam em cadencia com a directriz de odio. A vontade era unanime, pega... mata... lyncha... padres, velhos, moças, jovens todos vibravam de raiva, o ruido echoava por toda a parte, tudo era resonador, eu sentia um volume immenso de som invadir os meus ouvidos, me lembro muito bem que não tinha medo nenhum, parecia azomado mas consciente do que se passava, meus musculos estavam rigidos.

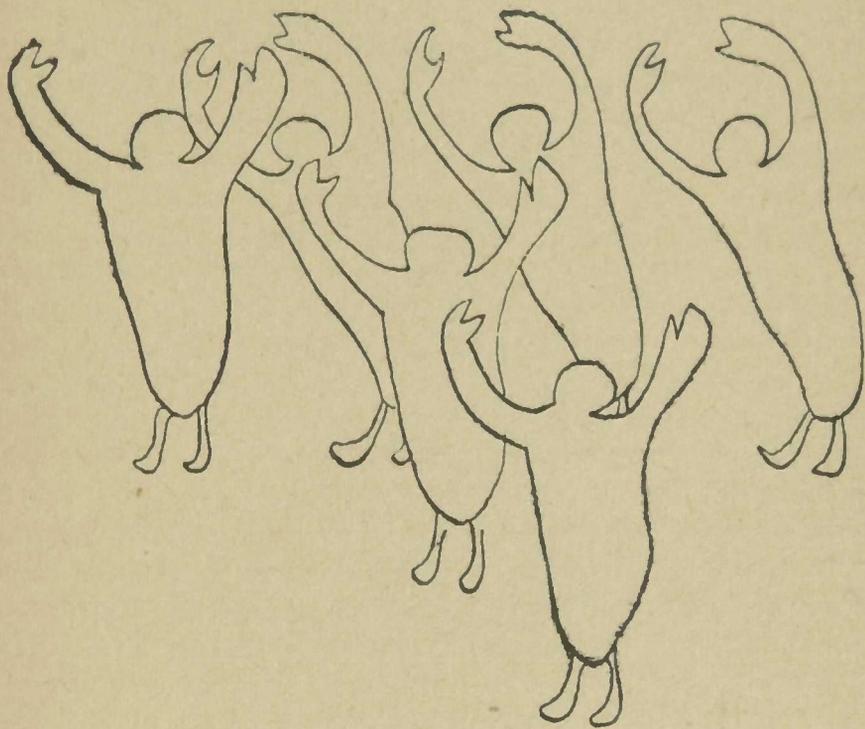
Permaneci imovel alguns instantes contemplando a massa que se aproximava. Eles avançavam a passo de carga confusos uns atropelando os outros, os detraz sempre querendo avançar mais depressa que os da frente alguns destes se erguiam por cima injuriando os da frente com gestos e demonstrando grande violencia e me parece que quanto mais para traz maior a violencia, não sei se isto me vem a cabeça agora pelo facto de já ter feito a observação anteriormente, mas a imagem que visualiso indica com clareza este fenomeno. No fim da rua a praça estava repleta. Tinha a impressão que o povo impulsionado adheria em massa ao odio coletivo. Grupos de gentes vestidos de branco colavam-se. E era emocionante sentir a agitação e o rumor crescente, sentir a duvida das cousas o pode ou não acontecer, o ceu estava limpo e claro e focalizava com nitidez os acontecimentos, a luz e a sombra dos predios altos engaiolava a scena em proporções dramaticas e os homens pareciam pigmeos sacudidos por uma força



... e os homens pareciam pigmeos sacudidos por uma
força estranha...

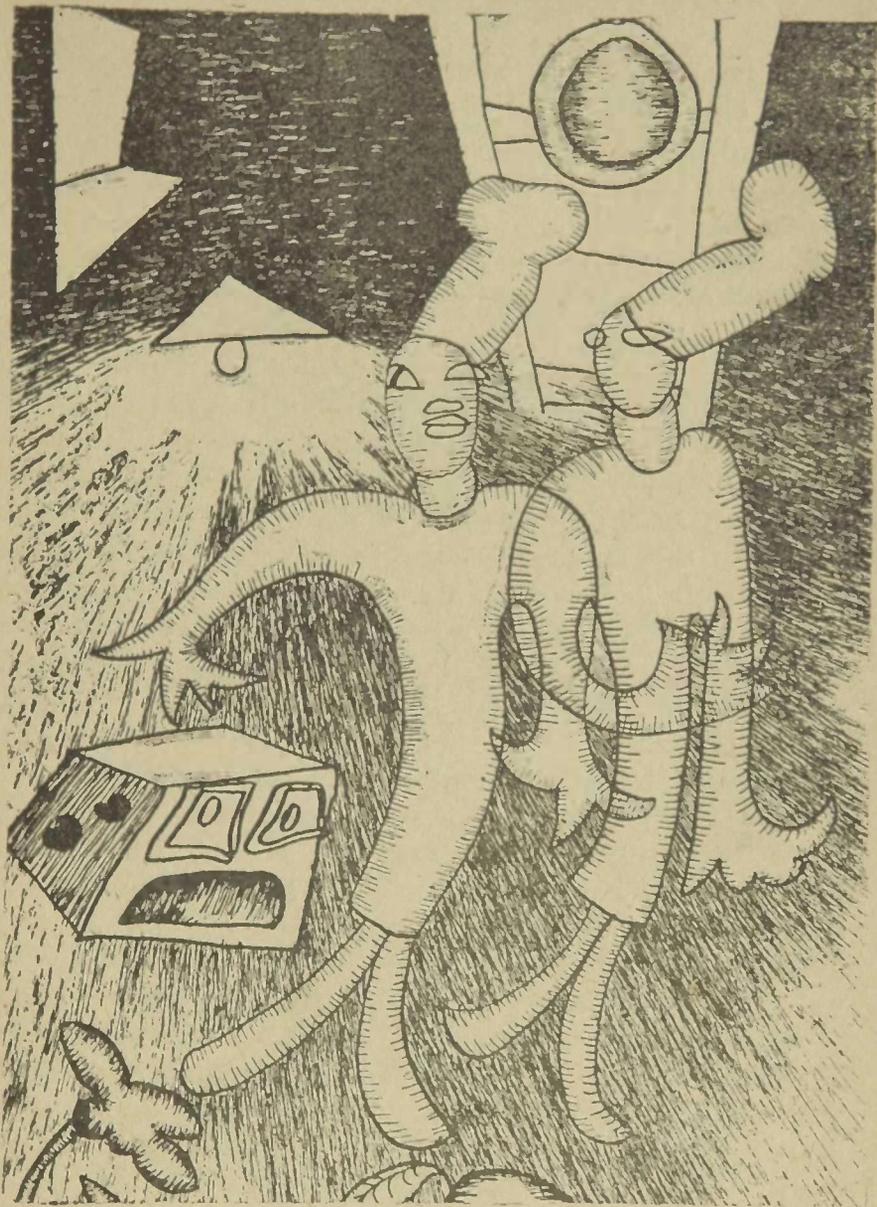
estranha, o sol iluminava acalentando agradavelmente, sentia-me preso pela agitação do detalhe e pela indolência da scena. A onda se aproximava.

... num movimento brusco penetro na leiteria a toda, seguido pela parte avançada da coorte. Minha pausa tinha durado apenas alguns instantes. Na leiteria as mulheres desmaiavam e chiavam de desespero, o local estava repleto, crianças choravam todos correm para o fundo do predio. Lembro-me de ter visto umas mulheres correndo e abanando os braços para cima e para baixo, muitas corriam com os braços levantados pareciam estar no auge do desespero. Não vi quasi homens e não pude observar a cara das mulheres porque nem bem tinha penetrado na leiteria que todas se espalharam para o fundo do predio e só vi uma porção de costas coloridas diferentemente se afastarem malgeitosas. Era evidente que não estavam acostumadas a correr. Como eu ia muito depressa atropelei numas cadeiras e cotuquei-me varias vezes nos cantos das mesas. As mulheres me estorvavam a passagem. Tinha a impressão de que corria atraz de um bando de galinhas, uma ou duas vezes fui forçado a empurra-las docilmente, algumas eram pesadas e gritavam ao menor toque, tinha uma que ficou engasgada entre uma mesa e uma cadeira no momento mesmo em que eu ia passar, — choquei-me com violencia mas agradavelmente, — atraz o tumulto invadia a leiteria, berros selvagens de “pega ele” “mata” gemidos de mulheres, suspiros, o arrastar de pés, o barulho de cadeiras, tudo tinia em movimento ; todas procuravam um esconderijo sem saber onde encontra-lo. Minha acção era a de um automovel que atravessa um rebanho, tinha pressa empurrava mas procurava não machucar ninguem, agia sem raciocinar pelo menos e como me recordo agora. Empurrei uma porta na minha frente e entro numa cosinha, uma porção de aventaes brancos e bonés compridos, o bri-



... pareciam um bando de galinhas...

lho de panelas luzes fortes. Esperava encontrar uma porta no fundo e alcançar o telhado, desejo que me ocorreu sem raciocínio propriamente, mas não tinha porta alguma só uma parede hostil zombava amarela. Os cozinheiros me olhavam receiosos e imoveis creio que me tomaram por algum ladrão perseguido. Tive um sentimento de profunda tristeza, não encontrar uma saída significava entregar-me; pela primeira vez na experiencia senti a emoção exacta do perigo. Parecia estar dentro de uma gaiola; nas outras vezes que havia presentido o perigo tinha sempre um meio de escapar. Olhei em redor para cima como se procurasse alguma coisa que eu sabia não existir; os cozinheiros me encaravam em silencio, pareciam bonecos sem vida suspensos no espaço. E no alto da parede vejo uma claraboia. Sem hesitar pulo sobre uma pia e com dois socos rebento a claraboia que era de tela de arame e guarnições de madeira. A tela de arame estava grossa de poeira acumulada e por um curto instante hesitei, com receio de sujar a minha roupa, a abertura pequena forçava a tela suja sobre os meus cabelos. Apesar de calmo, sem duvida, a hora do perigo e as circunstancias guiavam os meus movimentos; contrahi-me como pude, disse uma ou duas palavras improprias para reproducção e atravessei a claraboia, enquanto alguém em baixo observou "eh... já tem trene... macaco velho"... O barulho, os gritos e os gemidos continuavam mas com menos intensidade. Cahi do outro lado, examinei rapidamente a minha situação: estava dentro de um pequeno saguão de qualquer coisa como dois por um e meio metros rodeado pelas superficies altas dos predios. Só podia escapar saltando um muro liso que tinha uns quatro metros de altura e que parecia dar para um outro saguão igual ao meu. O barulho vinha novamente, vozes gritavam "pega ele"... "não deixa escapar", sentia o som dos passos e do atropelo que se aproximava, olhei para o

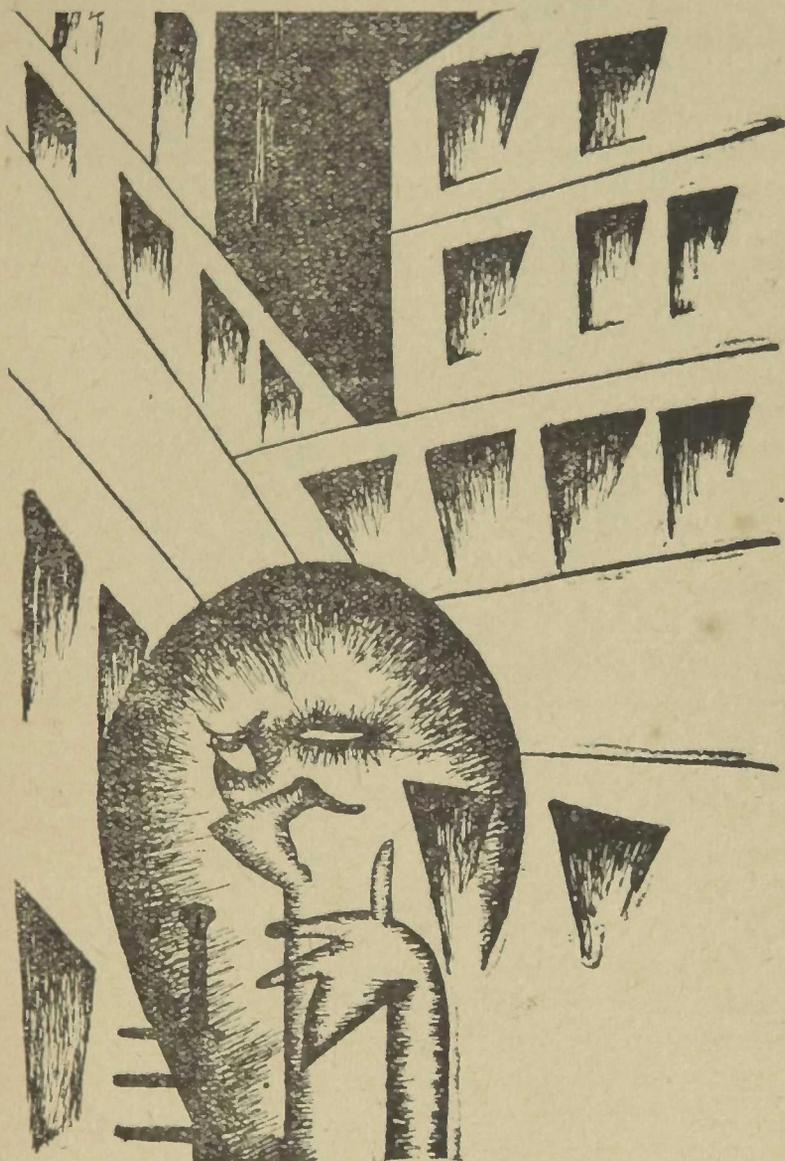


... como bonecos sem vida suspensos no espaço

muro com uma vontade louca de pular, mas era um pouco alto ; com certeza escorregaria para traz. Ao lado do muro numa janela tinha umas grades de ferro que não eram muito geitosas, mas considerando o momento poderiam com boa vontade servir. As vozes estavam cada vez mais perto. Olhei para traz e vi uma porta pequena que não tinha ainda visto. Instintivamente precipitei-me para a porta ; o meu sentimento de segurança tinha me abandonado por completo. Não me sentia bem ; fechando a porta encontro-me dentro de uma latrina ; o trinco não oferecia nenhuma segurança ; ali me era impossivel resistir ; se o saguão fosse invadido, o que podia se dar de um em um porque a abertura da claraboia era pequena, teria tempo de escapar mas . . . escapar por onde : estava escuro. Tacteei com as mãos em redor, num gesto ridiculo e completamente inutil, estava sciente do ridiculo.

Do lado de fóra gritavam, mas não sei o que gritavam. Pensei que talvez pudesse escapar pelo telhado. Olhei para cima e vi que me seria facil escapar mas, ao mesmo tempo, senti que não podia escapar, tinha a sensação do inevitavel, de fatalidade : as circunstancias me forçariam a entregar-me. Pensei em sahir para o saguão e escalar o muro . . . mas alguma cousa me retinha parecia viver num mundo intensamente pessoal ; não ouvia nada das vozes do lado de fora mas sabia da sua existencia. Permanecendo imovel, em contemplação introspectiva, começava a ter medo e sabia que estava com medo. Sabia que era melhor sahir para o saguão, a fuga era facil, mas o meu estado mental tinha relaxado meus musculos ; sentia, tambem, o ridiculo da minha situação mas não me importava muito.

Estava em pleno fenomeno de medo, eu não tinha notado o inicio do fenomeno, mas naquele momento estava perfeitamente sciente do meu estado e por assim dizer me transportava num dos meus caracteres criticos

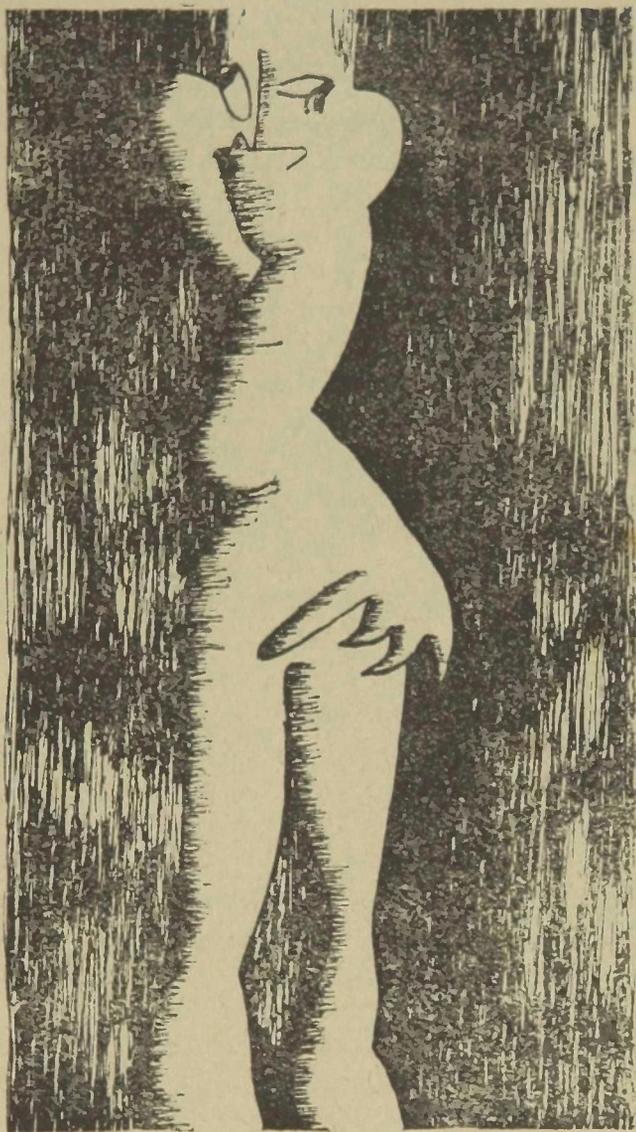


O medo.

fora de mim e contemplava a mim mesmo. Me recordo que nesta parte crítica não fazia nenhuma tentativa para me retirar desse estado mas ao contrario parecia apreciar diagnosticar e formar opinião, tinha uma perfeita imagem mental de mim mesmo, eu era duas personalidades sempre uma se manifestando depois da outra, e creio que nunca senti as duas ao mesmo tempo, uma era a critica que já mencionei e a outra era o meu eu dominado pelo medo. Não creio que todo o fenomeno de medo tenha durado mais de dois ou trez minutos e a personalidade critica durou menos tempo que a outra, mas durante esse tempo se manifestou claramente critica.

De uma pequena distancia eu me via a mim mesmo, uma creatura estranha, completamente diferente do que eu costumo ser. Não tinha roupa e a cor do meu corpo era entre o amareloescuro e cor de chocolate. Com a escuridão enchergava-me difuso, Tinha os quatro dedos de uma mão mergulhados na boca, e a outra aberta enterrava os dedos na carne da perna, os meus olhos esbugalhados olhavam para cima e do lado. Era a imagem do terror ; contemplei-me demoradamente, meditei, mesmo, a minha pessoa critica não se opunha á visão, escrutava e gosava o espetaculo e creio ainda que inconscientemente desejava prolongal-o. Digo isto porque logo depois, construia uma serie de imagens em que me via transportado num futuro hypotetico, entregue á sanha da multidão, mas nesse futuro não via a multidão, como somente os efeitos dela sobre mim.

O meu corpo não tremia ; estava mais do lado imovel ; creio que sentia uma parte se deslizar lentamente sobre a outra. Estava em pleno estado de panico, tinha a impressão de que ia me desmanchar que desintegrava-me, as postas de carne em movimento moroso se separavam em todas as direcções, a gravidade não parecia influir, com o mesmo desembaraço mechiam para



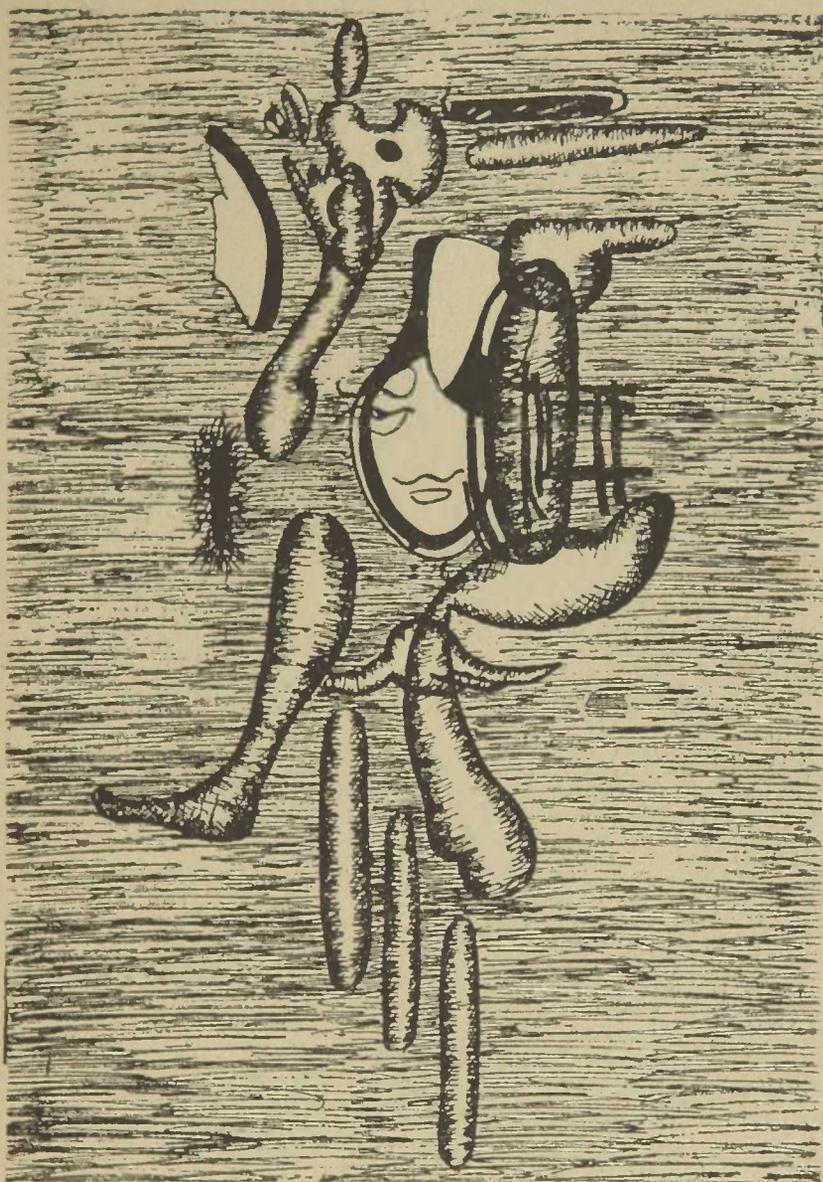
Uma criatura estranha, completamente diferente do que eu costumava ser . . . Era a imagem do terror . . .

cima e para os lados, impotente, preso por uma angustia profunda assistia emocionado ao meu desmanchar. Não sentia frio nem calor, parecia não ter temperatura; os ossos sem duvida estavam ausentes pois não me era possível acreditar que tinha ossos mas contudo não tombava; o roçar da minha pele era que nem pano; não sentia o contacto dos meus dedos na boca, me imaginava sem pulso e sem sangue e as partes em movimento se pareciam com pepinos em conserva. Cousa curiosa, no entanto, eu não conseguia acabar-me, apesar do desmanchar, estava sempre inteiro, o meu cerebro não tinha nenhum controle sobre as cousas, era espectador passivo; as partes em movimento pensavam por si.

Logo depois de começar a desmanchar-me e enquanto o processo continuava, sentia um outro fenomeno não menos curioso e emocionante; braços dedos e mãos surgindo de uma multidão ausente me rasgavam aos poucos, senti alguém enfiar o dedo num dos meus olhos e puchar a pele rasgando, mãos me pegavam e puxavam, minha carne cedia, era branca e sedosa e estriada como crystaes de gesso e não tinha sangue.

Ouvi gritos, parecia o som de uma multidão veloz que sumia.

Não havia duvida nenhuma sobre a imagem mental e a sensação tactil da minha destruição, e que ambas apareceram como consequencia imediata de um sentimento profundo de insegurança, era a ultima visão da minha personalidade como um ser inteiro. Num momento em que o perigo já tinha por completo desaparecido, a minha psyche visualisava uma cousa que satisfazia as condições de panico logo, anterior, e ao mesmo tempo uma cousa que logicamente devia ter acontecido antes, porque esta sensação e esta imagem não apareceram no momento de verdadeiro perigo. O que podia significar esta imagem no movimento do meu mecanismo psychico? Assim pensava no mo-



... assistia emocionado ao meu desmanchar.

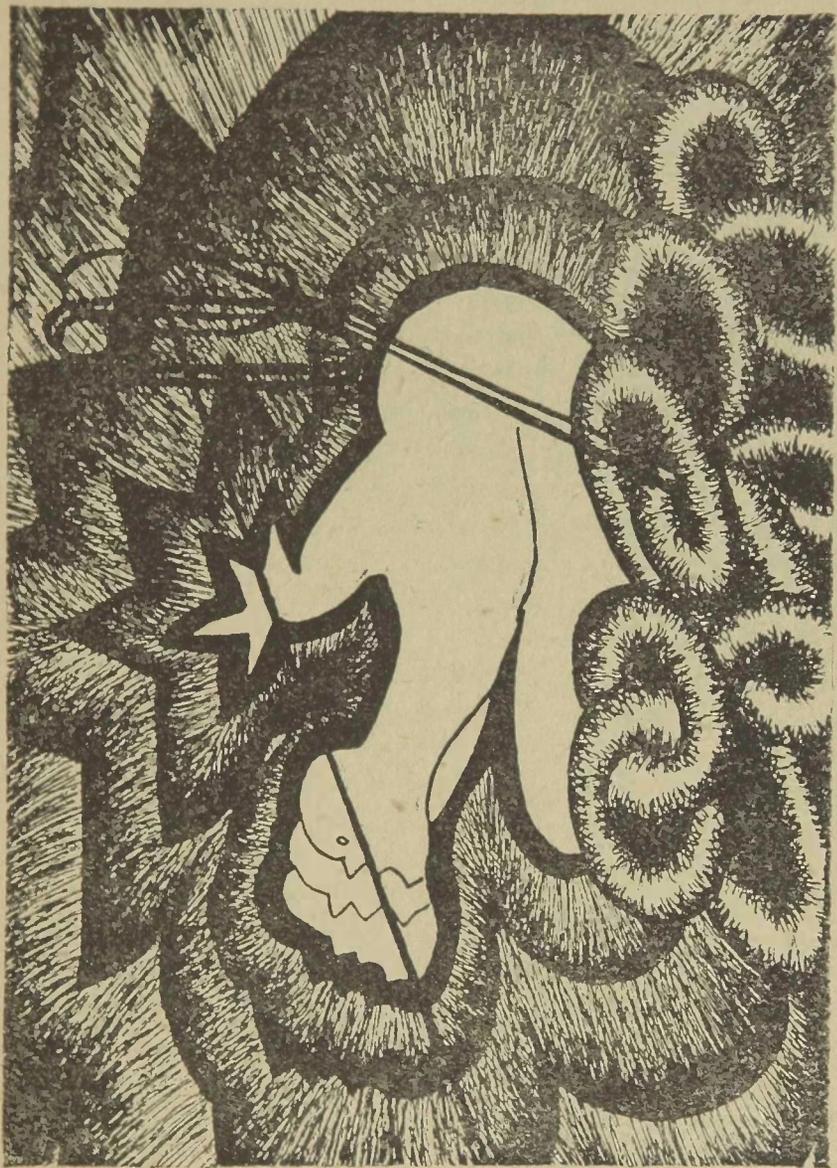
mento mesmo em que assistia á scena de minha destruição. Estava perfeitamente sciente de ambos os meus estados e o meu raciocinio parecia funcionar independente da ficção temporaria.

Ouvi uma voz do lado de fora ; a voz repetiu-se e fui informado que estava preso. As imagens da minha ficção desapareceram. Sahi para o saguão e vi a cabeça de um guarda na claraboia que me recomendava não fugir, assegurando-me que a policia me protegia. Prometi não fugir e ele desapareceu do outro lado. O saguão era o mesmo ; revi o muro, a janela, a altura dos predios em redor, tudo como dantes ; porem havia ali uma cousa que eu não tinha visto antes, era uma escada de parede encostada á claraboia. Nesse momento, o policia appareceu de novo, e dirigindo-se para o lado de dentro : “não precisa não, aqui tem uma optima escada” e escalando a claraboia desceu pela escada, olhou-me cuidadosamente, queria saber se eu tinha armas, deixei-me revistar.

Sem duvida ele esperava alguma resistencia, parecia surpreso de me encontrar tão pacifico ; trocamos algumas palavras cordiaes. Elle subiu novamente a escada e informou a um superior ; “não ha perigo nenhum, ele não quer fugir”, e me recomendando calma ausentou-se outra vez.

Não podia me conformar em ver uma escada ali no lugar mesmo onde eu tinha me atirado ao chão. Se a tivesse visto quando da minha primeira estada no saguão meu destino teria sido outro, provavelmente teria escalado o muro, prolongando assim a experiencia e sem duvida adiando o advento do meu estado de panico.

A presença da escada indicava que o meu mecanismo de percepção tinha falhado justamente no momento em que ele seria de maior utilidade, tinha deixado de perceber precisamente aquele elemento de que



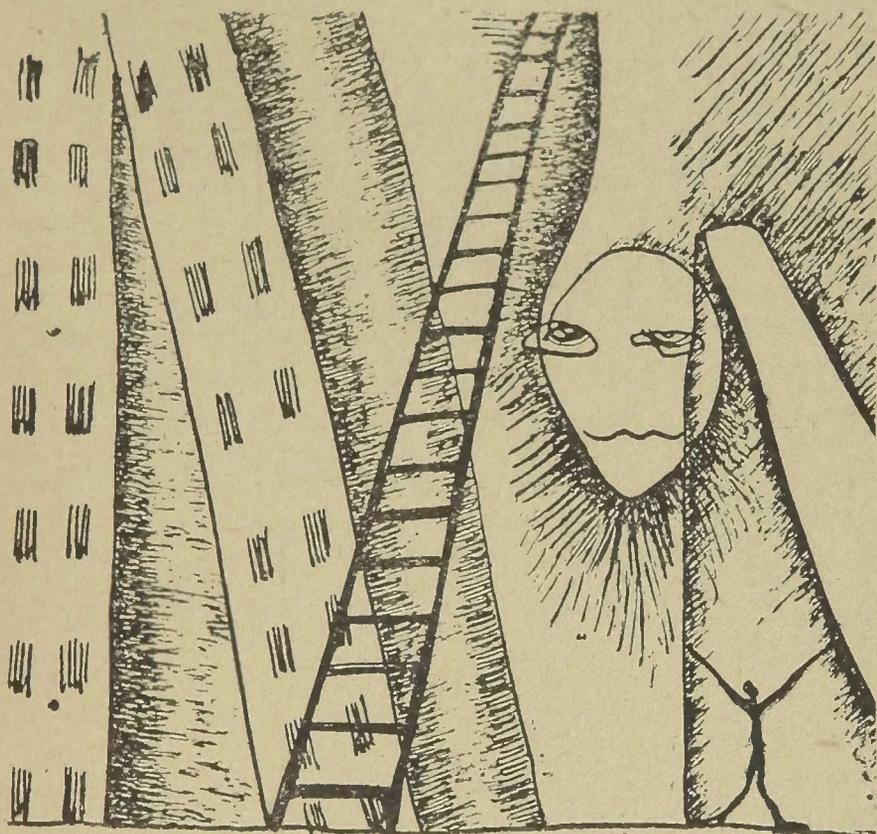
O som de uma multidão veloz que sumia.

eu mais necessitava, a escada, e, no entanto, quando primeiro penetrei no saguão estava com perfeita lucidez de espirito, sem nenhum medo. E' verdade que os meus movimentos me pareciam mais guiados pelo ambiente que pelo meu raciocinio, pelo menos o meu raciocinio não era perceptivel; mas que selecção determinava que eu despercesse precisamente o objecto de que mais necessitava ?

Antes de entrar na leiteria tinha observado o contrario; uma selecção natural parecia me guiar sempre para o melhor caminho, para a melhor solução possivel. E' verdade que eu não posso afirmar que não desprezei nenhum elemento durante esta chamada selecção natural, mas ambos os estados foram observados pela mesma pessoa, isto é, dentro de uma continuidade psychica não me surprehenderia se tivesse deixado de observar uma janela ou bem trocado a cor de uma parede.

Que ligação poderia existir entre esta falha e o fenomeno de medo immediato ? Me sentia abatido pela ironia aparentemente mysteriosa da occorrenca e olhava para a escada, que rigida e erecta parecia zombar de mim.

O policial voltou, iniciamos nova conversa. Soube que ele não tinha religião, que me considerava um rapaz educado, e que pertencia á guarda de theatros. Informou-me tambem que o dono da leiteria tinha abaixado as portas de ferro e que uma guarda de seis ou oito policcias continha o povo que a principio se mostrara ameaçador, mas que com a ordem de seguir o andor, dada na procissão, e com o reinicio dos canticos, voltava aos poucos para as fileiras; me afirmou mais ainda que a minha salvação tinha sido realmente o reinicio dos canticos; "vi o povo se dispersar logo que começou o cantico. Parece que a canção atrahê", e logo em seguida me aconselhou a abandonar o saguão antes de terminar a procissão porque, me disse ele, "no fim, ao dis-



Não podia me conformar em ver uma escada ali...

persar, o povo voltará para cá. Será mais facil sahir emquanto eles estão ocupados”.

Não hesitei em seguir o conselho do meu inteligente amigo depois de entendimento com o superior que comandava a guarda, e que no inicio se recusava a ceder. Galgamos a escada e descemos na cosinha. Os curiosos me olhavam. Uma das garçonetes me afirmou que tinha viajado involuntariamente “uma distancia como daqui ali”, quando eu passei “feito uma bala”, mas que “não se sentia machucada”. E sorrindo amavelmente se apalpou pelo corpo. Espiei pela porta da cosinha. A leiteria parecia ter voltado á normalidade, estava cheia e animada. O guarda me advertiu para esperar um pouco que a “viuva alegre” ainda não tinha chegado, e depois de conferenciar com um outro guarda me avisou que tinhamos de esperar o signal do outro do lado de fóra, antes de atravessar a leiteria.

Finalmente veio o signal, sahimos da cosinha e atravessamos a sala debaixo de um rumor de espanto. Na porta estacionava um punhado de curiosos. Entrei num carro amarelo de chapa de aço, o chamado “viuva alegre”, as mulheres olhavam, os homens zombavam, uns se referiam a cousas de architectura sem duvida devido a minha qualidade de architecto “e a fachada futurista”... ou bem “como vae a fachada” etc. O carro custou a se movimentar. Estava esperando o delegado, diziam, e por muito tempo esperamos o delegado. Finalmente em movimento atravessamos as ruas mais centraes da cidade, seguindo vagarosamente na rabeira da procissão que duas horas antes se agitava raivosa contra mim.

Os detalhes na delegacia de policia são pouco interessantes. E’ suficiente dizer que fui logo acusado de ser communista e de atirar bombas na procissão.

Aquele que me acusava era catholico de medalhinhas na carteira e era precisamente o que tinha comandado o destacamento de protecção.

Tinha-se a impressão de que ser comunista era crime, alguma cousa de monstruoso e prohibido. Protestei violentamente, contra a historia das bombas e ele logo se retratou alegando que "era o povo que dizia". Fiz um depoimento no qual me concederam "contuzões" e "diversos ferimentos leves". Fui examinado por um medico que se recusava a encontrar ferimentos leves e nem mesmo arranhões, seguido do desespero do escripturario que alegava ser preciso haver ferimentos leves. O delegado me mandou em paz. Sali receioso, temendo ser reconhecido por alguém, as ruas cheias tinham um aspecto festivo, estava frio... o cahir da tarde...

ANALYSE

O comportamento de uma procissão sobre o domínio de um chefe invisível é parecido com o comportamento de outras aglomerações chefiadas. O sentimento religioso influe apenas no aspecto da procissão e na magnitude das reacções produzidas. No fundo, uma procissão em movimento é parecida com uma parada nacionalista. Ambas possuem um chefe invisível, o Christo e a patria. A patria numa parada nacionalista funciona como o Christo numa procissão. A patria é aquele ideal que pertence a todos e que é o igual de todos, cada individuo com o sentimento da patria se con-

sidera com um certo direito sobre ela, se considera mesmo o igual da patria, a patria assume o character de um emblema totemico onde todos os elementos da nação é o igual do emblema. O mesmo acontece com o Christo ; ele é um chefe invisivel representando uma idea, dominando uma multidão unida por uma certa ordem de laços. A idea em si pouco importa, e mesmo a maioria das pessoas submissas não conhecem ou não se preocupam com a idea de uma maneira consciente. O mecanismo religioso funciona do mesmo modo que o mecanismo patriotico, produz um sentimento profundo de igualdade, mas não entre os elementos da massa : somente entre o individuo e o Christo. O grande desejo dos componentes da massa é de se igualar ao Christo, e inconscientemente o Christo é tido como o seu igual pelos elementos. Cada individuo se sente com direitos sobre o personagem divino e o grande conforto da religião consiste em se nivelar a ele, em ficar parecido com ele. Dahi o habito de devorar periodicamente o Christo na communhão da missa. Esta idea de nivelamento é muito importante porque representa uma aspiração geral do homem em todas as suas actividades. Quando o catolico engole o corpo de Christo e as vezes bebe o seu sangue em forma de vinho, ele pretende por esse acto absorver as qualidades do Christo. Ficar sendo igual do Christo. E' um habito muito antigo originado com a revolta do jovem contra o patriarcha da horda que era uma especie de homem deus e que praticava o monopolio sexual das mulheres. As autoridades sobre o assumpto geralmente concordam que este senhor era quasi sempre assassinado e devorado pelos jovens dissidentes. Este processo de comportamento é precisamente o mesmo usado pelas religiões hoje com menor ou maior gráo de agressão ; era o unico meio conhecido do homem para se nivelar ao chefe, a forma de revolta primitiva que logo ficou santificada na sua antithese a adoração

ao chefe morto. E' provavel que este processo de revolta e adoração seja tão antigo quanto o proprio homem ; o velho chefe antes odiado e que depois de morto era adorado.

IDE'A DE DEUS E DE PATRIA

A fase de deificação do chefe corresponde ao periodo totemico porque o chefe depois de morto era o igual dos revoltados. O acto de matar consistia num rebaixamento do chefe. O contacto provocava o nivelamento. O par antitetico odio e adoração, funcionando como um cyclo ancestral é o verdadeiro eixo dos determinismos dos povos principalmente do determinismo economico. A idea de religião e de patria hoje institue esse mesmo laço existente entre as hordas totemicas e o chefe morto, somente que no caso das hordas totemicas o chefe morto já foi de ha muito esquecido, emquanto que a idea de deus e de patria ainda permanece mas sem duvida desaparecerá como no modelo totemico das civilisações da Africa, da Australia e outras.

O deus e a patria são as duas cousas mais maleaveis que o homem possui. Com facilidade ele molda a patria e o deus a sua imagem e se prostra constricto em adoração a si mesmo. Nivelado ao deus e á patria ele se considera um ser privilegiado. Patriotas e irmãos em deus ou Christo não devem ser molestados. Esta exhibição de narcisismo é sempre levada a serio sendo mesmo o ponto mais sensivel do homem, uma sensibilidade parecida com um nariz muito comprido ou uma deformidade fisica qualquer numa mulher. Uma ridiculari-

zação do deus ou do nariz traz um rebaixamento na sua personalidade, uma diminuição de sua importancia e uma perda no goso de narcisismo.

O laço entre o homem e o deus que é o mesmo entre o patriarcha morto e os jovens, representa um estado muito importante no desenvolvimento da humanidade ; o estado pretotemico, a tendencia para a afirmação do Eu ; no começo, se portando na sua forma elementar primitiva, obedecendo a selecção de um pequeno numero de necessidades, e logo aos poucos deslocando-se até nossos dias nas formas mais complexas das religiões actuaes, refugiando-se tambem no turbilhão do comercio e da sciencia. E' a tendencia para a democracia produzida pelo desmanchar do estado de despotismo e religião (1) e usando as palavras expressivas de Sir James Frazer applicadas ao estado analogo das tribus selvagens totemicas, é o periodo de democracia e magia (2). O periodo totemico das religiões actuaes não é propriamente um periodo religioso, não obedece ao despotismo de um chefe. E' apenas um periodo de intensificação narcisista, consequencia da repressão despotica do chefe e do desejo intenso de nivelamento, o acto de matar. Portanto applicada ao catolicismo e outras seitas, a palavra religião é ambigua e tende a augmentar a confusão na terminologia actual. Para os nossos fins chamaremos ao catolicismo de totemismo catolico.

(1) Mudança entre o estado de patriarchismo para o totemismo nas tribus, é discutida com certa habilidade por Freud — "Totem e Tabú".

(2) "Origens da familia e do clan", Sir James Frazer.

ADORAÇÃO
E ODIO

A presença de um reagente provocador e humilhante como era a minha presença perturbava de maneira deploravel a piedosa exultação narcisista mais do que em qualquer outra aglomeração, e destacava com mais contraste o sentimento antitetico de adoração e odio. Esta manifestação deste par antitetico foi observada de uma maneira precisa em todos os elementos da procissão, se manifestando na sua forma mais violenta de protesto viril quando, em presença dos jovens, houve um momento em que a vontade de matar surgia como o unico meio de preservar a personalidade ameaçada de rebaixamento. A intensidade das ligações narcisistas do desejo divino, traz com mais facilidade á tona o par antitetico, desejo de matar ou de adorar.

Os laços afectivos de uma massa de crentes, nada têm que ver com ideaes teologicos, mas são recordações dos laços patriarcaes da familia primitiva, e o comportamento de uma massa de crentes recorda as fases da historia emocional do homem, revivendo psychicamente a evolução social primitiva, mostrando sempre sentimentos formados nas recordações da serie : chefe de grupo, monopolio sexual - revolta dos jovens, assassinato chefe - deus antropomorfico, inicio de estado pretotemico-esquecimento do deus, totemismo.

Esta cinematografia da historia emotiva social do homem não se manifesta nos elementos da massa crente de uma forma continua e cronologica, mas as mudanças de reagentes ou a secessão de cousas em redor provoca uma serie de repetições, e só a focalização num dado reagente permite observar uma parte do processo evolutivo.

Observamos em todas as fases da serie emocional o mecanismo de nivelamento ; o monopolio sexual do

chefe do grupo envolve o desejo de levantar o seu nível; a revolta dos jovens implica um augmento na cota dos jovens e o assassinato do chefe concretiza este augmento provocando o estado pretotemico de um deus antropomorfico, com o qual o homem repete, em forma de ritos, os seus desejos de nivelamento. Segue-se o esquecimento do deus ou o abandono do objecto sexual, e o desejo se desloca aos poucos se firmando na calmaria do igual totemico.

Uma procissão de Corpus Christi em movimento é portanto uma massa de crentes que aspiram a se nivelar ao Christo ou bem que inconcisentemente já se nivelaram a ele. Uma perturbação nessa massa significa perturbar os laços existentes entre ela e o Christo significa desviar a atenção do Christo isto é, desviar a atenção de si mesmo, retardando assim a exultação narcisista de se ver igual ao Christo.

Tomando a massa em conjuncto, observamos claramente durante a experiencia que os grupos do cortejo reagem conforme o sexo e a idade, as moças, as velhas, os velhos, os moços não se portavam da mesma maneira para um dado reagente, e o comportamento variava tambem com a classe social e profissional. A assistencia tambem tinha um comportamento peculiar seu.

TOTEMISMO

Como a palavra totemismo vae aparecer com frequencia, antes de entrar nas reacções convem não deixar duvidas sobre a sua significação. O totem é o igual do individuo. O individuo transporta a sua personalidade para o objecto ou animal totem ; as palavras de Spencer e Gillen são bastante significativas. “O totem de um homem é aqui como em toda a parte identificado com

o homem. Um indigena nos disse um dia, quando discutiamos a coisa com ele, nos mostrando uma sua fotografia que tinhamos tirado : isto se parece comigo tanto quanto um kanguru (o kanguru era o seu totem) (1)" o Christo da procissão é precisamente o kanguru do selvagem isto é, o ponto de repouso final do Eu das massas crentes. Christo e kanguru preenchem as mesmas funções, servem de estructura para receber o Eu deslocado e de apoio erotico para a actuação narcisista. Ambos são objectos symbolicos, intimamente ligados ao velho chefe, o homem-deus. E' de supor que a escolha de um kanguru como totem não seja feita ao acaso. Sem duvida o kanguru estava ligado ao chefe morto mais ou menos como Christo está ligado a deus. O problema das cousas da selecção do totem não será discutido aqui.

No systema totemico das tribus selvagens não existem imagens do velho chefe morto. As imagens representam sempre os diversos totems. O mesmo acontece com o catholicismo, no qual o velho chefe, o deus, não possui uma imagem. As imagens são destinadas a apoiar a imensa legião de santos ou heroes da igreja. E' possivel que no caso das tribus a selecção dos totems tenha alguma coisa que ver com os actos ou a pessoa dos heroes.

O catholicismo possui ainda a lembrança do pae da horda primitiva, as relações entre o deus e os crentes são relações de temor, de medo e de respeito. Nenhum crente sabe bem como ele pode adorar um deus e quando apela para "o pae que está no céu", sendo homem, sente uma especie de indecisão na sua organização libidinosa, "uma certa vergonha" como me disse alguém.

(1) Annaes do Museu Guimet. "Origens da familia e do clan" Sir James Frazer. Pag. 13 da ed. franceza.

Esta lembrança do velho pae da horda, coloca o catholicismo num estado de evolução mechanica emocional anterior ao estado de evolução das tribus totemicas.

Ao que parece, a maioria das tribus totemicas já se esqueceram do pae da horda. Encontramos, portanto, o catholicismo, em pleno caminhar para a concretização totemica. Cada santo com o seu grupo de crentes, cada crente munido de uma infinita piedade para com o mundo em redor, indice seguro de narcisismo, collocando no seu santo, no seu totem, toda a sua fé, o seu Eu. Procurando fazer do seu santo o seu igual, o seu totem. Podemos, assim, visualizar no futuro um christianismo sem Christo e sem deus, parecido com o totemismo dos selvagens. Primeiro desaparecerá a recordação do deus pae e depois a imagem de Christo, e finalmente a noção do Christo. E' de supor que a imagem desaparecerá antes da idea de Christo, caso contrario teriamos uma imagem sem idea, condemnada sem duvida a actuar como soldado desconhecido, ou um outro symbolo de nacionalismo sofredor em uso na epoca.

Este fenomeno de totemisação é commum a todas as organizações sociaes. Ele acontece com todas as massas dominadas por um chefe despotico e é sempre o resultado da revolta contra o monopolio.

TOTEMISMO POLITICO ACTUAL

Actualmente, a Hespanha atravessa o periodo inicial do totemismo. Tendo-se rebelado contra o despotismo de Primo de Rivera, os jovens rebeldes se acautelam, clamando pela independencia de certas provincias, cada provincia com o seu totem idealistico.

A Italia parece que não tardará muito a eliminar o seu ditador e entrar em periodo totemico. O conflicto entre o papa e o dictador mostra a impossibilidade de haver, no commando dois chefes com pretensões viris. Para que a ditadura possa ser mantida, o papa ou o simbolo cristão terá de se sujeitar a um papel puramente feminino de completa submissão. A interferencia de um papa bipolariza os esforços de um paiz, diminuindo o potencial do chefe, introduzindo uma forma de estado pretotemico, onde a massa e os chefes se comportam polyandricamente. Esta polyandria tende a reforçar os caracteres dos laços totemicos, e acelerar o processo de totemismo.

Desde o inicio da era christã assistimos na Italia ao drama do cyclo patriarchismo-pretotemismo-totemismo. Ali nota-se que o periodo pretotemico, tornando os laços totemicos mais fortes que nas outras nações da Europa, reforçando o mechanismo de fetiche, augmenta sempre a imensa legião de santos e heroes.

O estado actual do Brasil após a revolução é de inicio de totemismo. O povo parece não querer tolerar a continuação da velha dictadura, pois realmente uma revolta perde a sua significação quando ela não dispersa o despotismo. A união dos imperios, a subdivisão das nações em feudos, demonstram o funcionamento do cyclo historico patriarchismo-totemismo. O mundo actualmente inclina-se para o totemismo, clamando a subdivisão dos imperios. Assim a Europa encontra-se numa transição nacionalista-totemica.

A formação e evolução da familia é um exemplo do cyclo despotismo-totemismo.

A FIGURA DO
CHRISTO

A figura de Christo aparece no scenario das religiões como um prolongamento do velho deus-pae, um prolongamento que veio incentivar, reavivar a imagem e as qualidades do velho chefe já quasi esquecido. Ela aparece precisamente num momento de intensificação totemica num momento em que o mundo conhecido d'elle ameaçava se esquecer da personalidade do velho chefe.

Ele veio como o protesto viril de uma recordação quasi apagada, como o pretendente do trono de um chefe esquecido. Filho do deus pae ele relembra a antiga potencia do pae, e a sua missão é de incarnar a virilidade do pae, psychicamente reprimida pela sagração do deus antropomorfico ; ele aparece assim não somente como um prolongamento carnal do pae, mas como o unico rebento do chefe, capaz de reviver as scenas de luxuria do velho blazé, o unico que ainda pode reacender no rebanho a chama archaica da volupia paterna, provocar a fé a submissão incondicional do rebanho, como fazia o chefe deus na submissão das femeas. Ele estava no mundo para lembrar aos homens que o pae ainda tinha poder, que conquanto afastado ainda podia destruir e castigar ; a sua humilhação, a mensagem de amor do deus pae, eram apenas um meio astucioso de recapturar o prestigio perdido. A função antropologica de Christo era de relatar as proesas lembrando a potencia sexual do velho deus, e se ele tivesse sahido vencedor sem duvida teria repetido essas proesas como o fez Mahomet seiscentos annos depois.

A morte de Christo interrompeu uma carreira que continuada, provavelmente, não teria o successo da

de Mahomet e seria obscura como a dos outros profetas da época.

Christo é para o christianismo a ultima manifestação de virilidade do deus pae ; ele é o protesto viril, um simbolo, a ameaça sexual do velho, que vem trazer aos povos a potencia do deus, ele funciona como um orgão sexual e como uma represalia, actuando com o par antitetico sadismo-masoquismo. Uma vez a sua imagem destruida, ele desaparecerá no esquecimento, arrastando consigo as sombras do passado patriarchal, deixando a humanidade livre para um totemismo immediato.

Apesar de inumeras ameaças, uma pseudo reencarnação, é pouco provavel, devido ao estado adiantado do quebrar totemico. Os deuses ideologicos da fantasia humana fabricados pela sciencia ainda não foram bem recebidos pelos povos mais acostumados a obedecer a chefes patriarchaes. Parece que o culto narcisista de santo e heroe, precedera mesmo a qualquer ideologia unitiva...o desaparecimento da personalidade do Christo será o inicio de uma nova orientação na libido de uma boa parte dos povos da terra... talvez seja ele a ultima erecção do continuum deus-pae, antes de mergulhar a humanidade christã na democracia e magia do totemismo.

A INTERFERENCIA NO CORTEJO

Evidentemente que um cortejo em movimento, dominado pelo processo de integração totemica com um chefe invisivel, recebe qualquer interferencia como um obstaculo ao cumprimento do gozo narcisistico e, como vimos na narrativa, o obstaculo é tratado como inimigo indesejavel por uma parte da procissão, e como

amigo aspirado por outra parte. Podemos admittir, como primeira tentativa, que as diversas partes da procição pensavam diferentemente da minha attitude, e podemos aventurar mais que a minha qualidade psychica era diferente para cada parte, isto é, eu funcionava como chefe invisivel, como monopolizador sexual, como patriarcha-despota, e, como objecto totemizado, conforme o momento e a parte em reacção.

Entrei primeiro em contacto com uma columna de velhos e velhas. A piedosa submissão das velhas tinha o character de uma recordação agradável, recordação de culpabilidade sexual, alguma cousa que relembrava a potencia patriarchal vivida, e, no momento, sentida. Com referencia aos laços que as prendiam ao Christo, quando muito podiam ser de uma identificação incestuosa, admitindo que incestuoso aqui significa apenas a escolha do objecto mais proximo apropriado ao protesto viril. Neste caso, Christo era tomado como o objecto mais proximo, até o momento em que a minha presença oferecia uma visão mais palpavel e mais a mão, e portanto apropriada a estabelecer a duvida. Via-se claramente no olhar que o sentimento de duvida oscilava.

Para os velhos, Christo era evidentemente um meio de mostrar virilidade, um objecto de orgulho como sempre são os organs sexuaes. O velho era, ao mesmo tempo, o dono, o pae de um totem. Como um aspirante invertido a ser o igual do totem, ele se utilisava do Christo para ostentar uma virilidade já desaparecida, associando-o a si como um symbolo da sua potencia perdida. A minha apparencia jovem me collocava fóra de concurso. Eu não partilhava da ostentação. A minha acção não era humilhadora, porque a minha attitude em nada diminuia o protesto viril dos velhos. Eu não perturbava nem por um momento os laços affectivos entre eles e o Christo ; eu não pertencia á mesma cate-

goria dos velhos e não podia portanto rivalizar com eles; a minha imagem e a minha actuação estavam fora do mundo em que eles estavam integrados, e portanto não affectavam, ou muito pouco, os movimentos nos seus systemas libidinosos. E' possível que a minha presença, quando notada, substituisse a de Christo no papel de organ sexual. A pacatez observada no olhar corrobora. Mas creio que esta substituição se dava de maneira inconsciente, sem que eu, como objecto exterior, perturbasse o movimento da libido.

Agora, se eu fosse um velho, provavelmente seria desrespeitosamente empurrado de lado, e tambem se qualquer um dos velhos da procissão adoptasse uma atitude desrespeitosa, seria rechassado caso continuasse, ou castigado "in loco". O castigo funcionaria como meio de renivelá-lo á massa, rebaixar a sua pretensão á superioridade.

CONDUCTA FEMININA

A reacção entre as filhas de Maria foi diferente das duas já descriptas. A formação passiva e submissa da mulher contrastava com a minha aggressividade, e a minha atitude com relação a esta parte do cortejo era de natureza heroica. Isto é, eu humilhava o conjuncto da procissão, arriscando uma grande diferença numerica contra mim. Como foi visto na experiencia, a minha atitude de audacia não provocou nenhuma revolta contra mim, mas ao contrario, uma certa tendencia geral a uma admiração submissa. Este fenomeno é facilmente comprehendido quando consideramos o desenvolvimento social da mulher desde as epocas mais remotas.

Freud, discutindo o assumpto, diz “O heroe era aquelle que sem auxilio nenhum tinha matado o pae, o qual aparece então no mytho como um monstro totemico. A elaboração poetica das realidades destas epocas, provavelmente transformou a mulher, que antes não era senão o premio da luta, e a causa do assassinato, em instigadora e cúmplice activa do mesmo. (1)

Duas conclusões bem admissiveis, uma causa directa do monopolio sexual do velho e a outra dedução logica da fantasia do poeta. A mulher não somente torna-se a recompensa do heroismo, mas ela mesmo solicita ser usada desta maneira. Os caracteristicos femininos passivos, submissos, indicam o desejo de ser conquistada, dominada pela força. Ela é o atractivo-engodo que até hoje tem posto as forças gigantescas da humanidade em movimento e ao mesmo tempo o receptaculo dessas forças.

O homem nunca é o inimigo da mulher enquanto mostra força e poder. Só quando ele se torna efeminado e igual da mulher é que é desprezado e tido como inimigo. Este fenomeno excepcionalmente importante, caracteriza o mecanismo basico de todas as classes em todas as edades como será mostrado depois.

Antes de voltar á procissão, mais uma cousa importante sobre a conducta feminina a esclarecer: a manifestação da astucia. A astucia, um meio de defesa usado por todos, é o caracteristico principal da mulher.

O modo de funcionar da astucia é o modo da submissão, a passividade, o que equivale a dizer que astucia é igual a feminilidade, ou um exhibicionismo da emoção da duvida, onde as forças se anulam umas ás outras.

Sempre sinto a vontade de imaginar a mulher diagramaticamente como um pequeno nucleo especifi-

(1) “Psychologia das massas e analyse do Eu”, Freud, Pgs. 95, 96 da ed. hespanhola.

camente tumultuoso protegido por um grande parametro de astucia, parametro de caracteres femininos. Veremos logo, que este parametro apparece como o producto de uma selecção defensiva num momento de luta, fazendo com que um elemento feminino seja em ultima analyse igual a um elemento masculino ; se diferenciando apenas pelo arranjo de forças, o masculino indicando uma força em movimento, e o feminino caracterizado por uma porção de forças em equilibrio.

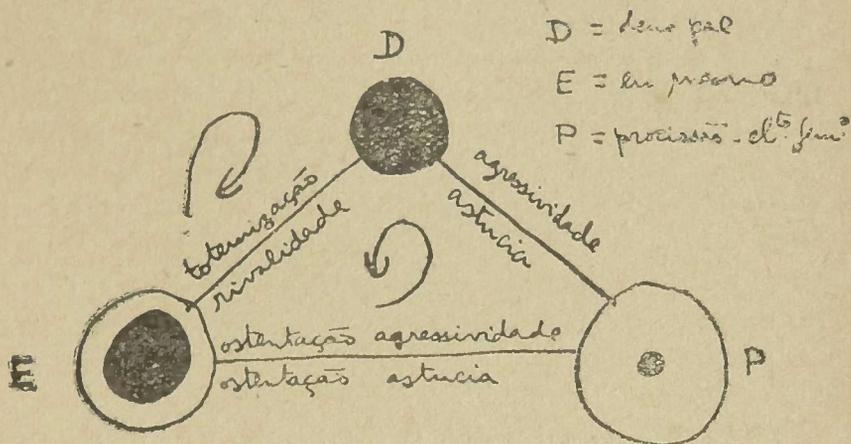
De maneira que os laços affectivos entre a mulher e os objectos externos são fortemente governados pelo par antitetico astucia-agressividade, onde a astucia representa um conjuncto de forças em equilibrio e a agressividade um movimento qualquer procurando perfurar a crosta astuciosa. Este parametro de astucia, parametro de duvida, concede á mulher uma capacidade polyandrica, isto é, ela se manifesta receptora a esta ou àquella agressividade, comquanto que a agressividade consiga vencer as resistencias femininas.

EU E O CHRISTO

Tal fenomeno era aparentemente visivel durante a minha actuação com as filhas de Maria ; visivel na forma de uma bipolarização que parecia oscilar entre o Christo e eu, como tambem affectava o Christo e a mim conjunctamente ao mesmo tempo, e tanto a minha personalidade audaciosa-heroica, como o sexualismo invisivel do Christo, recebiam os favores do ajuntamento de caras palidas e véos brancos. Notei mesmo em certo momento uma porcentagem mais alta do meu lado, talvez devido ao meu estado mais palpavel, mais acessivel que o Christo, pois a natureza feminina passiva dá preferencia às cousas mais acessiveis. A sua imobilidade não procura pesquisar,

No entanto, não me era possível diferenciar entre a oscilação e a acção em conjuncto. O meu julgamento é hypotetico, resultante da possível incapacidade de me identificar com precisão ao Christo.

A necessidade sexual inconsciente, o Christo, apagava-se ou focalisava-se conforme a actuação do mundo exterior. Os objectos do exterior eram : os accessorios da procissão, a assistencia e eu. A assistencia fazia o papel de metro sexual masculino recebendo apenas a ostentação, a vaidade feminina do conjuncto do cortejo. O meu comportamento, como já foi dito, era de rivalidade ao Christo, por estar identificado com ele. Os accessorios eram as velas, estandartes, fitas, imagens, breviarios, terços, etc., e funcionavam como fetiches cada um relembrando o todo ou uma parte do drama libidinoso patriarcal, de maneira que quando eu impunha a minha personalidade, identificando-me com o Christo, notava imediatamente a reacção. As moças, as velhas, os padres, liam o breviario com mais afinco, apertavam as velas com mais fervor (os padres se portavam femininamente). Com um pouco de esforço de imaginação poderíamos associar velas e cabos de estandartes com o orgam sexual masculino, mas isto não é uma necessidade. O importante é notar o movimento reactivo, provocado pela minha actuação. Os accessorios-fetiches reclamavam logo o seu lugar symbolico na familia patriarchal divina, sem duvida estimulando as necessidades inconscientes causando a reconstrucção temporaria da lenda-imagem primitiva. Esta volta ao Christo ou a mim possuia o character de uma acção reflexa, tendo como base inconsciente a submissão ao forte. Christo aparece apenas como o objecto invisivel, relembrado pelos accessorios-fetiches. O poder dos accessorios não era no entanto muito forte, pois com pouco esforço consegui atrahir e dominar a atenção, não com o olhar, mas no sentido de ser a causa do in-



LAÇOS AFECTIVOS = PARES ANTITETICOS
TENDENCIA POLYANDRICA

parametro de P formado por caricias sobre acessorios
 " " E " " " " " procriação

FEITICISMO : E deprecia D com apoio sobre P
 P " mãe " " " " acessorios

TOTEMISMO : E deseja ser igual a D para conquistar P
 P " " " " mãe " receber D e E
 parte branca = caracteres femininos
 " preta = " masculinos.

terromper das caricias aos accessorios, isto é provocar uma especie de panico psychico, durante o qual elas perdiam a direcção e não se dedicavam nem ao Christo nem a mim ; o que provavelmente mostra que os accessorios não eram bastante simbolicos, não representavam com eficiencia a sua contraparte sexual, e não estavam sufficientemente apropriados para conservar relações com o par antitetico astucia-agressividade.

O OBJECTO MAIS PROXIMO

Esta acção reflexa é commum á vida da humanidade. O homem sempre procura se refugiar sob a protecção do objecto mais proximo no instante de perigo ou de insegurança : o gesto de querer cobrir a cabeça com um lençol ou uma capa, num inicio de catastrophe, ou de tapar os ouvidos, apertar um objecto na mão ou cerrar os pulsos, enterrar o chapéu na cabeça de raiva, acender um cigarro na hora do perigo ou em signal de despreso ; tambem o habito de assobiar ou cantar para evitar o medo, todos mostram como o homem procura sempre uma companhia, mesmo quando pouco palpavel, uma amiga que ature e descarregue uma concentração de energia. Este horror á solidão, ao isolamento, este uso constante do mundo objectivo como fetiche para receber o capricho movimentado da sua libido, mostra como funciona o mecanismo do instincto gregario, mostra o modo pelo qual ele se interessa pelo seu vizinho, o modo pelo qual ele se utiliza do ambiente para construir a sua fantasia. Assim procedendo elle se colloca em segurança sob a protecção desses objectos, ele transforma o cigarro, a capa, os seus proprios organs em fetiches associados á acção do par antitetico astucia-

agressividade, e identificados e ás vezes associados ao reagente objectivo. O habito de fumar provem de uma sensação de insegurança ; o fumante procura no cigarro um refugio onde colocar uma inferioridade de momento.

Todo o nosso mundo exterior funciona de uma maneira identica em relação ao Eu; evitando a insegurança, o homem se apoia no seu mundo objectivo para realizar a satisfação psychica de omnipotencia, sendo a escolha do objecto apenas accidental, ou melhor, o que está mais a mão. O objecto fetiche serve de ponto de apoio e de compensação para as suas necessidades. Ele se apoia sobre o objecto como um naufrago; uma especie de unico recurso, onde o raciocinio nada determina. O tacto ou a sensação do objecto-fetiche compensa plenamente a emoção sofrida e o sentimento de culpabilidade, oriundo de ter humilhado ou de ter se sentido inferior ao reagente objectivo. Quando o sujeito humilha o reagente objectivo, o objecto fetiche fornece ao sujeito o perdão do reagente, ou então consegue sempre desculpar o seu acto. Quando o sujeito é humilhado pelo reagente, a caricia, ou o maltrato do objecto fetiche, indica o desejo do sujeito de entrar em contacto com o reagente se nivelando a ele pela astucia ou caricia, ou pelo castigo. O objecto fetiche é apenas o simbolo do reagente sempre capaz de satisfazer as necessidades inconscientes do par antitetico astucia-agressividade. O movimento deste par antitetico tende a dispor todo o mundo objectivo em fetiche, para acalmar o desejo do homem, deste modo moldando o ponto de vista na tona da consciencia. Existe, portanto, um processo de nivelamento funcionando entre o reagente e o sujeito, onde o objecto fetiche é o transmissor, o vehiculo, do mesmo modo como o eter é tido como o mensageiro, o ponto de apoio que suporta a luz, da fonte luminosa ao mundo em redor

A acção reflexa das filhas de Maria, padres e velhas, apertando e acariciando os accessorios-fetiches, no mo-

mento de perigo, não somente significa uma volta ao Christo, como foi explicado, mas também uma manifestação sentimental para commigo, pois tendo-me identificado com o Christo eu os humilhava sexualmente com agressividade, e a caricia ou o castigo do fetiche indicava o desejo que tinham de entrar em contacto comigo. Era uma manifestação de astucia de femi- nidade propria a receber a minha agressão, era por assim dizer o emissario da paz, passivo em pleno engodo da duvida, acatando o meu modo de agir.

O abandono de um objecto necessariamente implica uma diminuição da necessidade de possuir, diminue o sentimento de insegurança, faz desaparecer a agressi- vidade, e o homem muda levando consigo a sensação de tempo.

No caso da procissão os accessorios não eram sufi- cientemente sugestivos para conservar viva a agressi- vidade do Christo. Quando um cortejo como este entra em periodo de medo, logo anterior ao estado de panico, é de supor que as mulheres e os homens efeminados se agarrem aos accessorios-fetiches emquanto que os homens que empunharam fetiches apenas como ostentação viril, abandonem estes se colocando em segurança. Excluidos naturalmente os homens efeminados ou identificados com o elemento feminino, padres etc. ; estes se compor- tariam como as mulheres. Não pude observar a parte do medo nos velhos, nem nos padres e homens efemina- dos, porque o periodo de medo destes sem duvida coin- cidiu ou foi logo depois do momento do "lyncha" em que eu estava preocupado com a minha fuga, mas um meu amigo, testemunha ocular, me assegurou que a um kilometro de onde eu estava "a negrada jogava no chão castiças, opas, crucifixos, breviarios e abria no pé", ele não tinha certeza se a "negrada" era só homens ou se incluia também mulheres e também não pode precisar se isto aconteceu durante o medo ou o panico.

Testemunhagem ocular nunca foi um bom methodo de observação.

O cantico tambem funcionava como um fetiche, parecia ser um ponto de apoio superior aos outros fetiches. Provavelmente a associação das palavras com imagens revivia um drama esquecido, produzindo talvez um movimento mais rapido nas necessidades inconscientes. Não é totalmente repugnante admitir que a libido selecciona de preferencia para as suas associações os objectos capazes de provocar os movimentos mais rapidos nas necessidades inconscientes, escolhendo assim o meio mais curto para realisar um trabalho. Alguma cousa de parecido com o modo por que a luz escolhe sempre o mais rapido percurso para atravessar ambientes diferentes.

Na associação de imagens com as palavras do cantico, a imagem não precisa corresponder á palavra. Pode tambem dar-se uma associação secundaria ficticia variando com o sujeito mas cuja construcção quando terminada movimente mais ou menos as mesmas necessidades inconscientes que movimentou no caso da associação simples. Evidentemente quanto maior o numero de associações intermediarias menos parecido é o resultado com o caso da associação simples. Este processo intermediario se applica aos outros fetiches.

Estudando os laços affectivos entre as filhas de Maria e o continuum ancestral deus-pae, encontramos as mesmas ligações observadas por Freud no seu complexo incestuoso. Deduzindo de Adler : protestaçon viril = sentimento de inferioridade + proteçon compensadora (1).

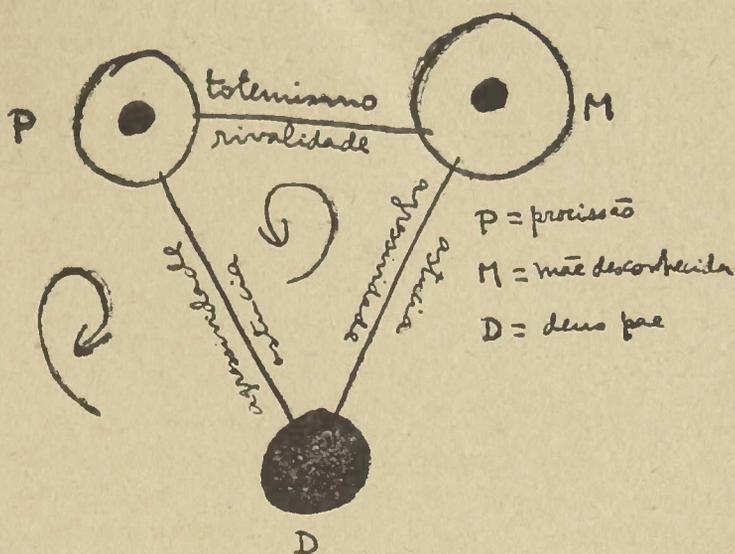
Aplicando o mecanismo do objecto-fetiche ; quando a filha procura no pae uma proteçon compensadora, ella está transformando o pae em objecto-fetiche com rela-

(1) O Temperamento Nervoso — Alfredo Adler.

ção a mãe, isto é ela se sente virilmente inferior a mãe e se apoia no tacto das caricias do pae para levantar o seu prestigio com relação a mãe, procurando assim se nivelar a ela e collocando-se em segurança. Assim procedendo ela faz do pae um objecto fetiche e da mãe um objecto totem. O papel do totem e do objecto fetiche são invertidos no caso do filho.

AS FILHAS DE MARIA

A formula totemismo-feiticismo torna-se assim uma relação de todas as actividades da vida do homem ; onde totemismo fornece o movimento de nivel e desnivel, e feiticismo representa o ponto de apoio que carrega o desespero e a alegria do homem. Christo funcionando como o organ sexual do deus-pae tornava-se assim o primeiro objecto de ostentação da familia deus pae-filhas de Maria-mãe desconhecida. O facto de ser desconhecida influe apenas no processo de totemisação. Esta posição de destaque do membro era um indice de mundanismo, uma mostra de poder. O monopolio sexual era na familia do deus antropomorfico o meio de desnivel e de adquirir admiração e odio, uma mostra de movimento nos grupos humanos. Quando a filha se afeiçoa ao pae e se coloca em segurança ao seu lado, deduzindo de Adler é um processo de exaltação do sentimento de personalidade, uma afirmação viril. Neste caso esta exaltação do Eu e afirmação viril conservam-se sempre insaciaveis devido á inacessivel qualidade desconhecida do objecto totemico, a mãe. Este desconhecido e inatingivel totem provoca um movimento de super exaltação do Eu e um desejo insano de uma virilidade infinita, elevando as caricias sobre o simbolo sexual, o Christo,



LAÇOS AFECTIVOS = PARES ANTITÉTICOS

TENDENCIA POLYGAMICA

parametro de P formado por caricias sobre acessórios
 " " M " " " " D

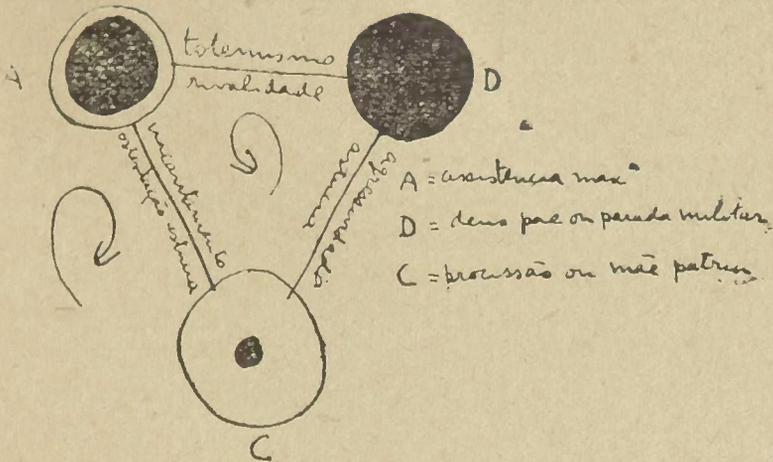
FEITICISMO : P deprecia M com apoio sobre acessórios
 M " mundo objectivo com apoio sobre D

TOTEMISMO : P deseja ser igual a M para receber D
 M " " " mundo objectivo para receber D
 parte preta = caracteres masculinos
 " branca = " femininos.

a um ponto de martyrização sadica, e colocando o Eu no mundo superpopulado e fantastico dos santos isto é no plano das erupções psiconeuroticas, gerando uma tendencia pronunciada para milagres e obras de genio.

A actuação das filhas de Maria perante o deus-pae era apenas uma mostra de vaidade, de serem possuidas por um poderoso ; as eleitas e as preferidas que incitam a inveja do seu sexo, se elevando mundanamente pelo monopolio, pelo privilegio de serem igual a uma mãe invisivel e estranhamente maleavel, de acordo com a imaginação ficticia. O deus pae e o seu orgam sexual funcionam como fetiches. Em relação ás outras do mesmo sexo, são o receptaculo do desejo de monopolio mundano, de super segurança, e são considerados como refugio suficiente para todas as emoções, sendo dispensado o resto do mundo objectivo no momento de extase. E eu tambem estava sendo usado como fetiche para exaltar a virilidade e o Eu das filhas de Maria. Se essas moças possuíssem simbolos bastante sugestivos e inteligentemente projectados para conservar viva a imagem do deus-pae com a sua função viril no Christo, se tornariam logo creaturas insuportaveis, inacessiveis ao homem e mais ou menos odiadas entre si.

Se eu fosse uma filha de Maria procurando humilhar as minhas companheiras, seria tratado bem diversamente do que fui, não teria recebido as astuciosas caricias inconscientes, nem tão pouco seria o fetiche querido transmitindo um movimento nivelador insaciavel ; mas seria considerado como uma usurpadora, querendo se identificar com a mãe desconhecida ; meu gesto provocaria uma bipolarização indesejavel porque eu tambem era pretendente a totem, seria tratado como igual e inimiga pela minha arrogancia pretenciosa, receberia o contacto do castigo e o talho das unhas afiadas, seria lynchado e morto impiedosamente, para manter em



LAÇOS AFECTIVOS = PARES ANTITETICOS

TENDENCIA POLYANDRICA

parametro de C formado por caricias sobre accessorios ou armamentos
 " " A " " " " chiste

FEITICISMO : A deprecia D com apoio sobre chiste
 C " " mãe desconhecida com apoio sobre accessorios
 C " " outras nações com apoio sobre armamento

TOTEMISMO : A deseja ser igual a D para conquistar C
 C " " " mãe desconhecida para conquistar D
 C " " " outras nações para conquistar D
 parte preta = caracteres masculinos
 " branca = " femininos.

segurança a cota mundana, e conservar a exaltação do Eu como campeã unica perante a mãe desconhecida.

TOTEMISMO E MULHER

O totemismo na mulher procura sempre elevar a sua cota mundana em relação a seu sexo e é justamente esta a manifestação afectiva para com o homem. E' o laço amoroso que augmenta de magnitude á medida que o homem consegue levantar o nivel de mundanismo da mulher. O homem funciona como objecto-fetiché, acariciado e torturado para transmitir a obsessão por uma santa celebre ou uma atriz notavel, ele serve de trapezio para o salto totémico, boa parte das vezes recebendo o contacto sexual como uma necessidade secundaria.

As estrellas de cinema são os totems desejados por grande parte das mulheres de hoje. As santas não conseguem conservar prestigio sobretudo devido á inhabilidade do clero de não introduzir no culto elementos proprios para franquear o erotismo; o monopolio do Christo não agrada aos homens crentes, que quando submissos são forçados ao papel de rival feminino.

Se a santa conseguisse dominar sexualmente grande numero de admiradores a sua posição seria desejada e os homens encheriam as igrejas; naturalmente o Christo não tem a força numerica dos admiradores de uma Greta Garbo (1). Se este estado de incompreensão do clero se prolongar, a santa será o primeiro totem a desaparecer.

O esforço de representar todas as santas como jovens bonitas e appetosas não é suficiente. Torna-se

(1) — Estrela de cinema, celebre.

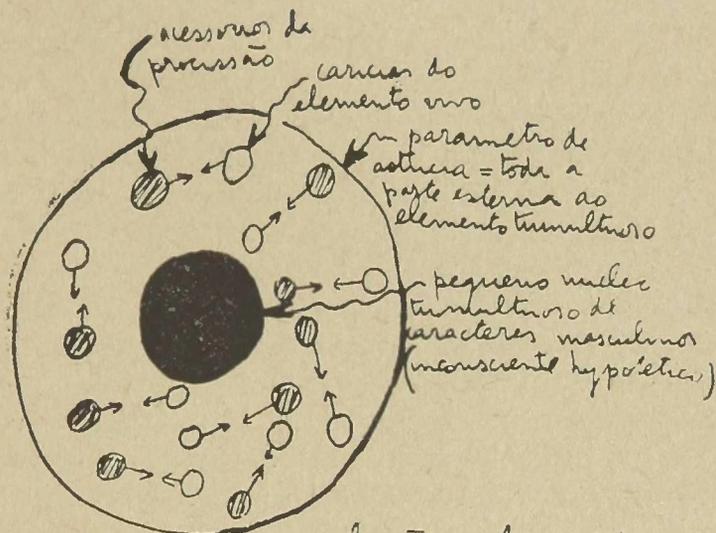


Diagrama mostrando a seleção psicologica n'uma procriação ou bem a seleção amica n'um elemento vivo em actividade: forma-se em redor do nucleo uma parametro de caracteres femininos que se identificam com a 'consciencia do conjunto'.

NB: no caso da procriação o dho tambem funciona como acessorio.

necessario que os elementos homens da congregação funcionem virilmente com relação a santa para que o lugar de santa seja desejado.

O ORGANISMO VIVO DO CORTEJO

Com relação aos espectadores, o conjuncto da procissão se comportava como um organismo feminino a ser desejado, o que naturalmente indica que este organismo era composto na sua maior parte de caracteres astuciosos concentrados na forma de um parametro protector espesso, como aparentemente acontece com a mulher. Estes caracteres protectores astuciosos são as imagens, os santos, os accessorios sagrados, as opas, o vestuario rendado dos padres, que junctamente com o elemento vivo da procissão formam um conjuncto de forças actuando sobre a assistencia e o chefe invisivel e o totem a ser alcançado. Todo o aparato, accessorios, estandartes, etc. . . funciona como fetiches ou como pontos de apoio e de segurança para que o conjuncto da procissão possa alcançar o seu totem : a mãe desconhecida. Quanto mais aparatosa é a procissão, mais efeminada ela é, e mais submissa ao complexo de poder do chefe. Maior a sua ostentação de vaidade e mais insaciavel o seu mundanismo, mais afastado se encontra o seu totem.

Para o organismo vivo da procissão, o mundo objectivo consiste principalmente nos accessorios-fetiches ; mas a assistencia é tambem usada como fetiche, ela funciona como fetiche, em relação ao totem (a mãe) se identificando com o Christo de uma maneira sexual, mas ela não é acariciada como são os accessorios, suas ligações com o cortejo-femea são de expetativa, identicas ás de um possivel futuro amante.

Examinando os laços afectivos dentro da camada protectora feminina do cortejo o parametro da astucia, encontramos o seguinte mecanismo: os accessorios-fetiche que representam partes ou o total do continuum deus-pae sugerem uma antiga sexualidade restaurada na pessoa do Christo e que portanto actua como uma força aggressiva. Esta recordação aggressiva é acalmada pelas caricias do elemento vivo (a massa de crentes) que como já vimos usam o fetiche como ponto de apoio para uma suposta sensação de insegurança. A actuação psychologica do Eu no mundo objectivo exterior é de procurar sempre um ponto de apoio, um objecto fetiche adequado (geralmente o que está mais a mão) para receber a carga afectiva, o toque do inconsciente; este contacto, a caricia, é sempre uma força aggressiva porque movimenta-se do Eu, apoiando-se no objecto-fetiche, contando com ele para uma satisfação. Olhando com os olhos de um terceiro, observamos que tanto a força simbolica do objecto-fetiche como as caricias emanadas do elemento vivo são forças aggressivas que se anulam, o fetiche e o elemento vivo funcionam conjunctamente como apoio um para o outro, produzindo o caracteristico feminino de calma sumptuosa de estado de duvida creando o parametro da astucia.

A massa de espectadores se comporta em expectativa, recebendo a ostentação garbosa, presenciando ao jogo de astucia da camada protectora encantada com o exhibicionismo. Quanto menos aparatosa a ostentação do cortejo, menor o encantamento da assistencia. Numa parada militar de grande sobriedade, de grande demonstração de força masculina, a assistencia procura fazer da parada o seu totem o seu igual, se identifica com o entusiasmo da parada. Quando este desejo de igualdade encontra uma serie de obstaculos, como, por exemplo, a certeza de que ele não pode ser realizado, a assistencia procura um ponto de segurança no chiste, ela

rebaixa o totem desejado pela ridicularização e regosija-se auto-satisfeita. Para uma assistencia de elementos femininos o processo é invertido.

De maneira que os espectadores sofrem dois processos, um de totemismo e outro de feiticismo. Quando eles assistem encantados á ostentação feminina do cortejo, eles fazem da virilidade do deus-pae um totem desejado e quasi sempre ridicularizam o deus-pae (em silencio) rebaixando-o, isto é se utilizando de uma forma qualquer do ridiculo como ponto de apoio como objecto-fetiché para receber a caricia castigo. Para a assistencia a mãe desconhecida não existe ou bem, em caso de grande ostentação por parte do cortejo, se confunde com o cortejo.

No caso da parada militar mascula assistiriamos a um processo de totemismo entre a parada e a assistencia ; um desejo de mostrar poder viril. A mãe-patria, os objectos-fetiches são o chiste e o ridiculo.

A mãe-patria pode ser representada por um diagrama parecido com o da procissão possuindo um parametro da astucia nacionalista, ostentando a duvida, defensiva... e quanto mais patriota mais espesso o parametro.

QUANDO UM PAO MACHUCA...

A assistencia desenvolve sempre um parametro qualquer de astucia que sem duvida varia conforme o elemento sexual dominante. Este parametro é formado da caricia aggressiva do Eu e do ponto de apoio objectivo que funciona como fetiché. Quando as caricias são applicadas a um fetiché representando pae, mãe, marido ou amante desejada, patria, Christo ou qualquer forma do

mundo objectivo, ou mesmo ideologico, não somente elas encontram um ponto de apoio desejado pelo sentimento de agressividade e insegurança, mas este ponto de apoio é um meio de aliviar a carga das necessidades em movimento, de descarregar um estado de insatisfação do organismo psychico, provocando um nivelamento entre um dado estado de alma e o aspecto sugestivo do fetiche. Parece que o estado de alma isola certas propriedades aparentes do fetiche para viver em comum com estas propriedades. O sentimento de insegurança provoca uma fuga para um refugio onde todos os elementos se identificam e onde a formula fraternidade e igualdade é aplicada dentro do mais perfeito comunismo, o refugio escolhido torna-se o perfeito totem do sentimento de insegurança. Este mundo homogeneo dura apenas até haver uma mudança no estado afectivo do sujeito aparentemente provocada por uma mudança ou alteração no panorama objectivo ou subjectivo. Quando um pao machuca um sujeito e ele responde com um pontapé no pao, a caricia aplicada ao pao procura afectar um outro objecto, uma terceira pessoa possivelmente um credor ou uma sogra, ou bem um estado ideologico qualquer. Não é o pao que ele está castigando; o pao foi escolhido entre os muitos outros objectos simplesmente porque se colocou em evidencia portando-se agressivamente. O pao se transforma então em fetiche para receber a sensação de insegurança provocada por um estado de alma oriunda de uma serie de associações completamente alheias ao pao. A parte insegurança transportada para o pao se irmaniza com ele, o que significa que o pao preenche dois fins: ele é o fetiche usado para alcançar um totem e é tambem o totem da parte sentimento de insegurança considerada isoladamente. Temos dois processos um de totemismo e um de feiticismo; a caricia apoia-se ao pao para alcançar a ficção ou o objecto desejado; totemismo em relação ao objecto

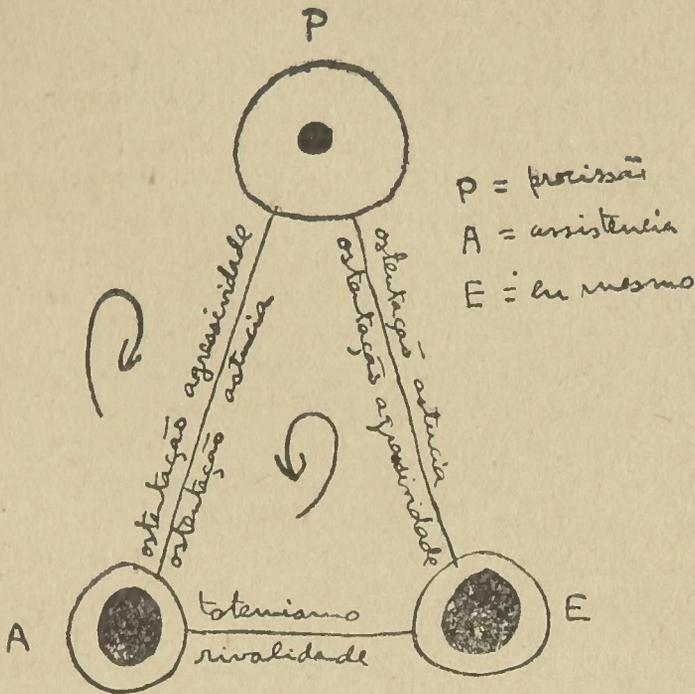
e feiticismo em relação ao páo quando o sujeito é tomado na sua totalidade e temos também totemismo de uma parte do sujeito em relação ao páo. Estes tres processos nunca deixam de acontecer nas relações do homem com o mundo objectivo ou mesmo ideologico interno, e talvez um mecanismo identico possa explicar os acontecimentos do inconsciente.

PENETRANDO NA ZONA JOVEM

Os primeiros protestos dos espectadores na minha experiencia, apareceram durante a minha actuação com as filhas de Maria, e quando os laços affectivos entre eu e elas augmentavam de intensidade, o que significa que naquele momento a assistencia procurava se nivelar a mim, fazendo do protesto o ponto de apoio e me transformando num rival a medida que os protestos augmentavam e que eu me tornava o seu igual. No entanto esta igualdade era praticamente impossivel devido a minha atitudo de destaque de contraste com os outros, devido ao facto de eu monopolizar a atenção accumulando mundanismo. Forçosamente que tinha de conservar o meu emprego de fetiche escolhido das filhas de Maria ; a minha funcção de heroe me concedia este privilegio e depois os proprios protestos da assistencia serviam para augmentar a minha cota de mundanismo tornando-me assim mais inacessivel ainda. De maneira que quanto mais fortes os protestos, maior o numero de fetiches e mais mundanismo eu accumulava, e quanto mais mundanismo eu accumulava menos acessivel era. Uma situação realmente complicada, pois aparentemente continuando a acumular mundanismo eu acabaria me tornando inacessivel, emquanto que ao mesmo tempo

a carga de odio, o chiste, o abuso, o ridiculo, crescia com o numero de fetiches, formando um potencial assustador, procurando invadir o vasio do meu mundanismo, romper com a resistencia do ambiente saturado pela minha ostentação astuciosa. A carga de mundanismo em meu redor renderia qualquer contacto tabu, rodeado por um parametro de santidade e asco. Acabaria me identificando com o velho deus-pae poderoso e odiado ao mesmo tempo e detentor do sexualismo aproveitavel, só o meu assassinato poderia saciar o desejo de totemização dos espectadores, do mesmo modo que os jovens da horda primitiva reprimidos nos seus instinctos sexuaes matavam o pae se nivelando a ele.

De maneira que quando eu penetrei na zona ocupada pelo elemento universitario jovem já carregava comigo uma grande cota de mundanismo, mesmo porque este elemento tinha em parte presenciado a minha actuação com as filhas de Maria. O meu gesto desrespeitoso me colocava no papel de rival do deus; eu procurava me totemizar ao deus mantendo para este fim o meu parametro de astucia adquirido durante a minha actuação e reforçado por um outro processo de feiticismo, pelo qual eu transformava o elemento jovem em fetiche - apoio para melhor me colocar em segurança com relação ao deus. Semelhante mecanismo me coloca no papel de conquistador homosexual, rival do deus, mas ao mesmo tempo o processo de totemização proveniente do elemento jovem estabelece entre eu e este elemento um estado de rivalidade para a conquista do totem desejado, o deus. O meu modo de agir humilhava e diminuia o poder viril do elemento jovem, provocando como reacção, o aparecimento neste de um parametro de segurança ou astucia, apoiado nos accessorios simbolicos do deus pae e dando assim aos laços affectivos do conjuncto um character homosexual. Vemos que o elemento jovem diminuido no seu sentimento viril, desejando se



LAÇOS AFECTIVOS = PARES ANTITÉTICOS

TENDENCIA POLYANDRICA

parametro de P formada por caricias sobre acessórios
 " " E " " " " procissão
 " " A " " " " endurecimento de corpo não
 deixar passar etc..

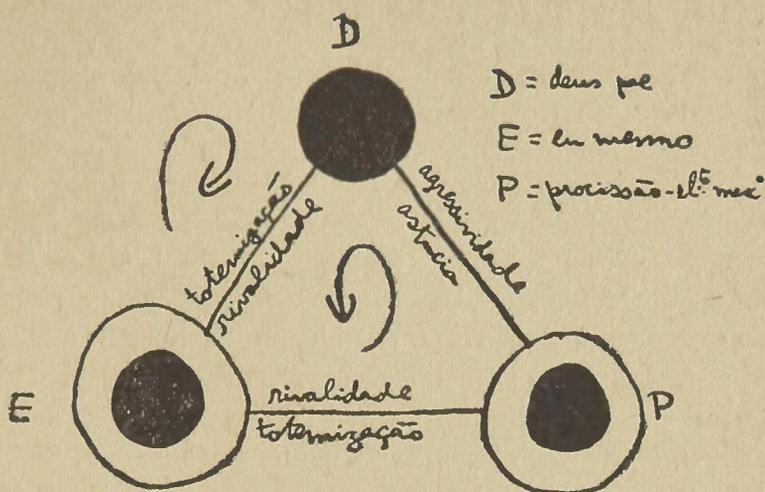
FEITICISMO : A deprecia E com apoio sobre fetiches do parametro de A
 E " " deus pae com apoio sobre P
 P " " mãe com apoio sobre acessórios

TOTEMISMO : A deseja ser igual a E para conquistar P
 E " " " a deus pae para conquistar P
 P " " " mãe para receber A e P

parte branca = caracteres femininos
 " " preta = " masculinos

nivelar ao deus, procurou fazer do proprio deus o seu fetiche, em vez de buscar no mundo objectivo um outro ponto de apoio.

Creando uma situação insustentavel em relação ao deus, pois o deus representa masculinidade maxima sem nenhum parametro de astucia, parametro que ele abandonou logo que assumiu o cargo de recordação antropomorfica com virilidade em Christo logo que ficou infinitamente poderoso ; teriamos então o absurdo de ver um deus todo poderoso e sem parametro feminino de astucia se submeter ao capricho sexual do elemento jovem com caracteres femininos. O que quer dizer, um impossivel escoamento de energia de um potencial mais baixo a um mais alto. O elemento jovem masculino se vê portanto forçado a receber a agressividade do deus, de se comportar efeminadamente em relação a ele, o que naturalmente era agravado pela minha ostentação viril perante as filhas de Maria e pelo facto que, continuando no meu procedimento, eu identificava os jovens universitarios com essas moças augmentando assim o seu parametro de feminilidade. O meu grande mundanismo adquirido pelo contacto indirecto com as filhas de Maria, formava tambem um parametro de astucia de caracteres femininos, provocando assim uma rivalidade não sexualmente mas sim mechanicamente. Sexualmente eu procurava me identificar com o deus sem encontrar obstaculos directos, pois alem das filhas de Maria cujo apoio aos poucos desaparecia, eu me apoiava sobretudo nos proprios elementos jovens que devido ao contacto funcional com o deus já tinham adquirido o parametro de astucia indispensavel ao meu apoio. Tudo isto era agravado pelo facto de pertencerem os jovens em questão á minha classe, isto é eramos ambos classificados socialmente como da mesma categoria de universitario burguez. Mas, cousa curiosa, os outros elementos jovens de outras categorias sociaes não protestaram



SITUAÇÃO POUCA ANTES DO LYNCHA

LAÇOS AFECTIVOS = PARES ANTITETICOS

TENDENCIA HOMOSEXUAL

parametro de P formado por caricias sobre acessorios
 " " E " " " " elem. fem.º procissão

FEITICISMO : E deprecia D com apoio sobre filhas de Maria
 P deprecia E " " " acessorios

TOTEMISMO : P deseja ser igual a E para contuistar D
 P " " " " D " " mãe desconhecida
 E " " " " D " " P
 E desejou " " " D " " filhas de Maria

parte branca = caracteres femininos
 " preta = " masculinos.

contra a minha actuação. O primeiro protesto, como vimos, foi de um colega meu e toda a reacção do lyncha veio de pessoas da minha classe.

DUAS PESSOAS DISCUTINDO

Deste facto importantissimo e de outros factos analogos deduziremos o seguinte argumento : duas pessoas da mesma classe quando discutem um assumpto commum a ambos disputam uma a outra a prepotencia ; cada uma coloca-se em segurança procurando no mundo objectivo em redor fetiches para apoio, creando em redor de si um parametro de astucia, uma camada efeminada, prompta a submissão para galgar em segurança a uma ilusão de superioridade, a uma omnipotencia qualquer.

A discussão se prolonga com engodo efeminado e cada pessoa recebe familiarmente a sua cota de elogios. Cada uma procura saciar de um certo modo o mundanismo da outra porque assim fazendo ela se coloca em maior segurança, subindo no conceito da outra, augmentando o seu parametro protector, tornando-se mais insondavel e menos mascula, impermeabilizando-se com o que o vulgo chama "vaselina", magnifica expressão popular que exprime perfeitamente a diminuição da aggressividade e do atrito.

A discussão quando se prolonga augmenta sempre o parametro da astucia. Cada individuo procura alcançar o seu totem que neste caso é o mesmo totem para ambos, a proeza transforma-se logo numa corrida perigosa em que um procura rivalizar com o outro conservando sempre o parametro etico, tateando no mundo objectivo e ideologico, seleccionando os pontos de segurança conforme a indole, crescendo em omnipotencia

perante si mesmo, confiante e super alimentado de ilusão; continuando arriscam esgotar os fetiches do mundo em redor e a conduzir a bandeira para o mundo ideologo vago. E' o recurso do chiste, do ridiculo das injurias, do calão, é o periodo "pre-mortem" em que a resistencia psichica está prestes a ceder perante a imensa sobrecarga de fetiches e onde o nivelamento em consequencia da corrida ao totem, só pode se dar pelo contacto, pelo toque da morte. Ambos ficam demasiados omnipotentes, atingem a um gráo de tabu dissoluvel só na orgia do sangue, sagrados por auto-imposição, odiados porque são rivaes consequentes da igualdade, e porque não podem ambos agarrar o totem ao mesmo tempo. Assemelham-se a duas crianças que lutam para a posse de um balão ou de um brinquedo. O totem é então destruido e cada um conserva uma reliquia com propriedades milagrosas exclusivas; a reliquia vem sempre como resultado de uma reprodução da tragedia primitiva do homem. Ou então o rival destroe o poder do outro, rompendo o tabu, se identificando com o totem, absorvendo os poderes, ficando o igual do totem.

O totem neste caso é um personagem fantastico creado por cada um dos disputadores e que satisfaz as necessidades inconscientes.

A rivalidade escoa sempre de cima para baixo; é sempre o que está em cima que considera o que está em baixo o seu rival e a totemização escoa de baixo para cima. Naturalmente que não pode haver totemização sem rivalidade. A rivalidade é a força que provoca o desnivel constante, estabelece o contraste dentro de um quadro homogeneo, é enfim a causa da necessidade de totemização.

Pessoas de categoria mental diferente não podem entreter relações com o par antitetico totemização-rivalidade, porque os seus mundos objectivos não se associam. Contudo, logo que qualquer associação começa,

é o inicio da comunhão, e da rivalidade, é o entusiasmo que coloca o homem em estado de encantamento, que aponta uma nova visão, engodando com um erotismo humido e vigoroso. O encantamento é o começo de um novo mundo. O futuro rival recebe cada associação como uma grande descoberta ; aos poucos ele constroe o seu totem, tateando em redor, amontoando e descartando fetiches e corrigindo a imagem espantallo do seu inimigo de amanhã. Sempre ha uma trilogia nesse processo ; o fetiche, o totem e o sujeito ; e o contacto com o fetiche traz a sensação de poder, forma o parametro astucioso necessario ao salto mortal ; efemina e paralyza em segurança antes de romper a trilogia da vida afectiva e exultar a união com o totem. O processo multiplica-se assumindo cada objecto em si mesmo novos atributos sucessivamente e ao mesmo tempo ; um totem pode ser ao mesmo tempo um fetiche e um sujeito e pode conter em si elementos com esses atributos, ou bem o sujeito de uma dada trilogia pode tambem ser o fetiche ou o totem de outras trilogias. Ou bem as trilogias se especializam nas suas funções conservando os seus atributos.

PROCESSO DE FEITICISMO

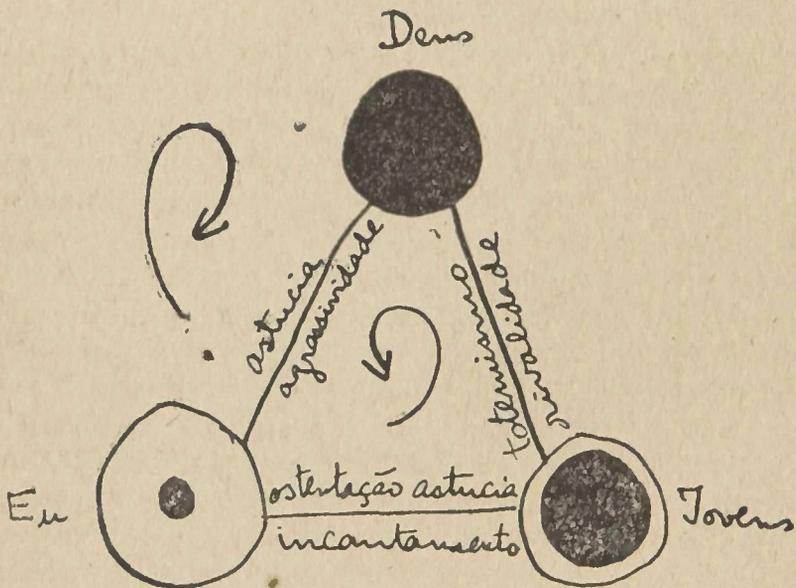
A rivalidade proveniente do nivelamento está em toda parte, em todas as classes da sociedade, em todas as profissões ; na amisade, os maiores amigos se consideram mutuamente os maiores rivaes... Em toda a parte onde ha igualdade é assim. Parece que o estado de igualdade é instavel nas massas humanas. O elemento homem não pode conter a sua alegria de posse, o seu desejo de immiscuir-se na mirage 1 maravilhosa

da novidade. As forças afectivas da trilogia orientam o seu funcionamento ; o fetiche é o seu apoio, o transporte de seu carinho, o receptaculo do seu amor, o seu consolo. E o totem é o seu destino quasi sempre recuando, é o movimento.

Eu caminhava para um deus e a minha ilusão me fazia efeminado. O meu rival, ao mesmo tempo que recebia a agressividade do deus totemizava-se commigo. O meu linchamento era o contacto necessario para dissolver o meu parametro feminino de astucia, elevando-me á categoria de heróe onde deus é esquecido ; e o rival, tendo-se nivelado a mim, conserva o seu parametro efeminado, procedendo com o deus como antes com outros fetiches e outros totems.

Eu actuava no elemento jovem como se fosse uma força rebelde a ser dominada, um dos seus, engodado pela novidade ; transformava os jovens da minha classe em meus rivaes, provocando immediatamente a totemização e o feiticismo. O processo de feiticismo destacava-se bem : pulsos cerrados, injurias ameaças caras vermelhas e roxas as caricias no symbolo do deus, accesorios e fitas o proprio chão em que pisavam recebia violencia, o ar tambem era castigado, a respiração forte os berros, o querer e o não querer, pois a duvida apparecia efeminada astuciosa, os elementos hesitavam em parametro isolando a furia interna, os jovens se seguravam uns aos outros.

Do meu lado, tambem o feiticismo era grande. Me apoiava como já foi dito nos elementos da procissão para totemizar-me com o deus, levantando em redor de mim um parametro afetivo. Estavamos um em frente ao outro cada um com um parametro em perfeita calma e sem duvida teriamos permanecido nessa posição por muito tempo, se eu não tivesse procurado um novo ponto de apoio, a fuga. Deslocando-me, deslocava tambem o rival, pois do contrario o processo de



SE EU FOSSE UMA MULHER BONITA

totemisação seria interrompido. Quanto mais apressava a fuga, mais depressa era perseguido. Uma pequena aceleração da minha parte provocava uma maior no rival. Parecia que elle accumulava fetiches, apoiando-se em tudo desesperadamente, procurando atingir-me com o contacto nivelador. Se não fosse a serie de obstaculos, como por exemplo a travessia da procissão, teria sido totemisado pelo rival.

O fenomeno de nivelamento consistia principalmente num fenomeno de imitação ; fazer o que o totem fazia, para ser igual a ele ; — os fetiches representavam receptaculos desses desejos, uma especie de alicerce capaz de aturar a imitação ao totem. Ambos mantinham um passo mais ou menos identico de afastamento e aproximação, e a carnificina começaria no momento em que o totem (eu) produzisse uma manifestação impossivel de ser imitada pela massa rival, e é por isso mesmo que o meu discurso não podia dar nenhum resultado preventivo. Quando demonstrei com palavras a covardia da massa, ela naturalmente não poudé imitar a minha demonstração, resultando um grande ganho de terreno da minha parte. A massa distanciada psychicamente só viu como recurso para recuperar o perdido, o grito do “lyncha”. Tendo-se debatido de raiva e de humilhação, parecia que a multitudine de pontos de apoio se desmantelava, cedia, parecia que tinham molas infinitamente compressiveis, e que a agitação era atôa. O grito do “lyncha” appareceu como um salvador, como um ultimo e unico recurso, e foi acolhido como um heroe e bradado por todas as bocas num magnifico surto de protesto viril. Era aparentemente o unico meio de rebaixar o totem.

Se eu fosse uma mulher bonita perturbando com o meu encanto, sem duvida seria tratado diferentemente pelos jovens colegiaes. Seriam outros os laços affectivos entre o deus e os jovens, eles fariam de mim um fe-

tiche para alcançar o poder do totem - deus e com toda certeza reberia as mais doces demonstrações de encantamento, enquanto que os acessórios, as fitas, os brevarios provavelmente seriam escondidos ou abandonados como inúteis, incapazes de levantar o sentimento da virilidade. Por toda parte rigidez masculina, aventura, desprendimento, o desejo de heroísmo tão alheios às fitas e aos acessórios da submissão. O parametro da astúcia diminui, conservando apenas o necessario encantamento. E quem sabe mesmo uma transformação no par ostentação astúcia - encantamento para agressividade - encantamento. O deus seria então o inimigo do jovem.

POSSIVEIS EQUAÇÕES

A experiencia e a narrativa mostram que os episodios mais velozes como o lyncha, a fuga, o medo, foram os que deixaram impressões mais detalhadas, mas impressões provenientes do movimento do inconsciente, porque me parecia que quanto maior a rapidez menor a percepção visual.

Se isto é verdade como parece, então —

$$I \propto V^{n_1} \quad (1)$$

Onde, I = intensidade do movimento inconsciente.

V = velocidade do sujeito.

n_1 = expoente a ser determinado

Foi tambem observado que quanto menor a velocidade do sujeito menor o movimento inconsciente e maior a observação consciente,

$$C \propto \frac{1}{V^{n_2}} \quad (2)$$

Onde, C = intensidade do movimento consciente.

n_2 = expoente a ser determinado.

Tomando $n_1 = n_2$ como parece ser verdade e substituindo :

$$C = \frac{K}{I} \quad (3)$$

Onde, K = constante dependendo do systema de medidas etc...

Não tenho muita certeza sobre a relação (1) devido á deformação provocada por diversos factores como o lapso de trez dias entre a experiencia e a narrativa, mas a relação (2) parece ser mais justificada. Tomando como conscientes as impressões do mundo objectivo e as associações com este, admitindo-se que o movimento inconsciente se manifeste por uma série de associações com o consciente já vivido, como acontece nos sonhos, isto é a movimentação do inconsciente seleccionando imagens do já vivido, construindo um conto censurado dos desejos da libido. De maneira que na experiencia o inconsciente aparece como uma série de desejos ou tendencias censuradas pelo já vivido e muito pouco influenciada pelo mundo objectivo, porque a percepção visual do mundo objectivo era pouco detalhada para a grande velocidade, e a sonora se associando com imagens fornecia um pequeno quadro movimentado do tumulto.

Quando escrevi a narrativa procurei reviver a scena com todas as emoções que tinha sentido. Consersei-me tambem num ambiente uniforme, recolhendo-me o mais possivel no meu mundo interior.

A terceira equação tomada em si é bastante significativa, vemos que quanto mais intenso o movimento inconsciente menor o movimento consciente, isto é, quanto menos associações com o mundo objectivo imediato maiores as associações do inconsciente com o já vivido. Quando I é muito grande, C praticamente desaparece, se aproxima da morte. Este fenomeno parecia tambem confirmado pela experiencia mas com um certo espaçamento. O periodo em que eu estava mais ameaçado de morte era precisamente o periodo de maior movimento inconsciente. O periodo de panico, segundo a narrativa, parecia mostrar uma realização no inconsciente (ou talvez no preconsciente de Freud) de uma cousa que me teria acontecido se o escoamento normal das cousas continuasse.

Parece que o inconsciente, embalado juntamente com o consciente e o sujeito, não pode parar quando o sujeito reduziu bruscamente a velocidade. O inconsciente continuou na sua corrida em direcção ao "lyncha" realizando pouco depois esse "lyncha" na forma de um estado de panico com subsequente imagem visual e sensação do tragico desfecho. Pode talvez ser argumentado que o panico é anterior ao momento da morte e que representa um estado exaltado de super inconsciencia.

Para poder debater mais vamos admitir que a terceira equação é verdadeira. De que maneira se comporta o consciente com relação ao mundo objectivo a medida que augmenta a exaltação do inconsciente ?

A experiencia mostrou que quanto mais eu me aproximava do "lyncha", e quanto maior a velocidade, menos detalhada a percepção objectiva e maior a emoção proveniente do inconsciente. A experiencia mostrou mais, ainda, haver uma selecção do mundo objectivo que "parecia ser inconsciente", isto é, quanto mais eu me aproximava do perigo e mais veloz ia, menor o numero

dos objectos usados por mim como apoio. Aos poucos abandonei o apoio que tinha sobre a expressão fisionomica da procissão, deixei de ver os castiçaes e uma porção de detalhes dos accessorios, passei logo a considerar a procissão como uma massa homogenea agitada, e no momento da fuga não via mais a massa. Aos poucos eu seleccionava os meus pontos de apoio e intensificava a minha actuação nos pontos seleccionados, por exemplo no momento em que actuava com as filhas de Maria, o chão era um apoio insignificante sob o ponto de vista psychico, mas na ocasião de fuga ele recebeu grande parte da minha attenção, por ser a parte do mundo objectivo que mais se fazia sentir na minha percepção.

NOS MOMENTOS DO PERIGO

Na ocasião do perigo, um objecto antes tido como insignificante, assume proporções gigantescas. A pessoa coloca toda a segurança da sua vida emotiva sobre esse objecto e parece que o mesmo, que ás vezes pode ser um lapis ou uma folha de papel amassado, é sufficiente para compensar o sentimento de inferioridade e colocar a pessoa em segurança ; parece que é sufficiente para redimir o sentimento de culpa, e a pessoa em perigo, como um naufrago, agarra-se ao objecto, porque é o que se apresenta mais a mão, confiando a ele toda a sua vida emotiva.

De maneira que em vez de distribuir a sua vida emotiva sobre muitos objectos como no momento de calma, na hora do perigo ela concentra toda a sua emoção sobre um ou poucos objectos, diminuindo assim o seu contacto numerico com o mundo objectivo. Esta

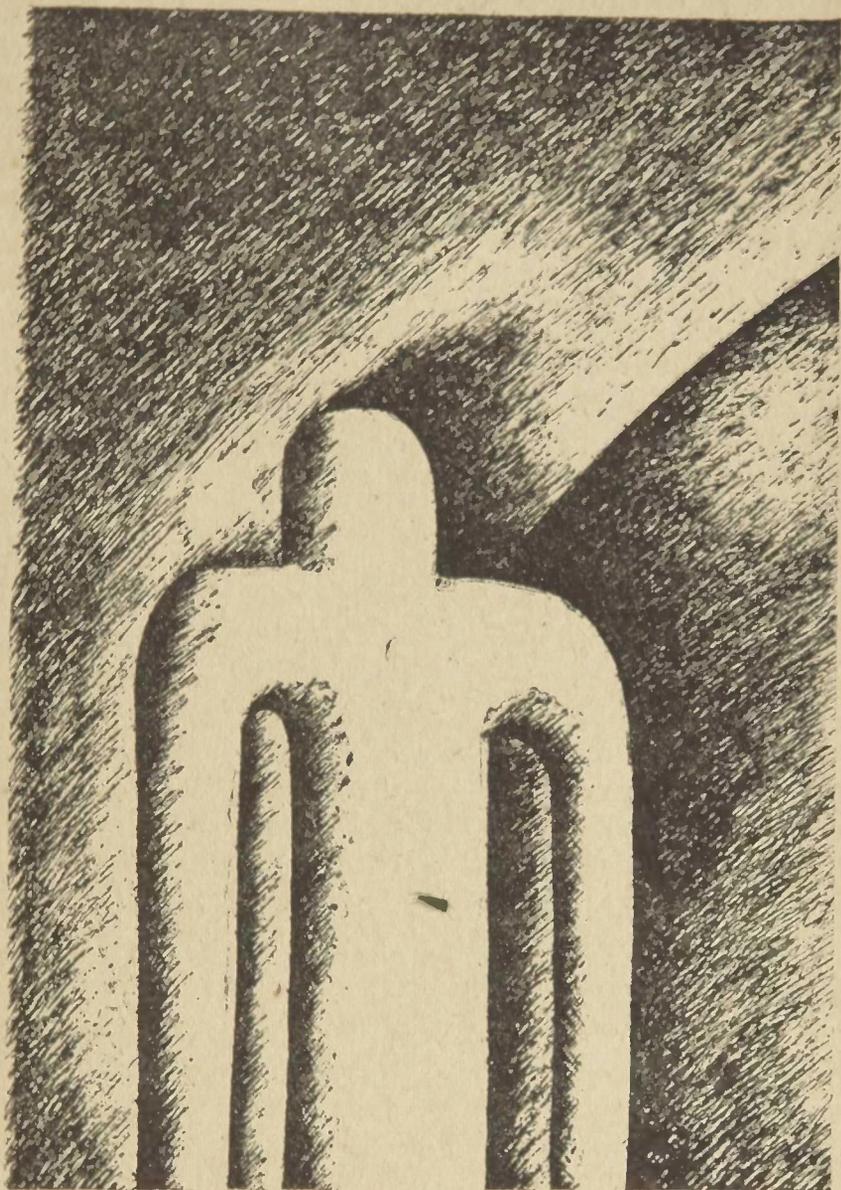
diminuição no contacto numerico acarreta uma diminuição na variedade das associações. Ao que parece, a sugestibilidade de um só objecto não pode provocar o mesmo numero de associações que todo o mundo objectivo conhecido antes.

O objecto agarrado funciona como uma caixa cinematografica do já vivido, ele relembra todas as fases da vida do sujeito em contacto com objectos dessa categoria, mas principalmente funciona como fetiche, como receptaculo da insegurança do homem ou do estado de movimento, ele transporta o movimento do homem para a sua meta.

O estado de insegurança se confunde com a idea de movimento, quando o sentimento de instabilidade domina a emoção do homem. Ele se sente como se tivesse perdido alguma coisa com referencia ao mundo que o cerca, é como se a sua personalidade pairasse fora do ambiente. A ancia de movimento vem instinctivamente e procura um receptaculo compensador (no mundo objectivo possivelmente uma mulher), mas é sempre o fetiche que o transporta novamente em presença da sua ficção fantastica.

Esta fatalidade, o movimento, confere ao homem a ilusão de poder, é o brinquedo luminoso que contrasta com o já vivido, que focalisa a sua emoção desligando-o do ambiente, concentrando o seu esforço para atingir essa luminosidade e a medida que augmenta o mundo objectivo augmenta o campo de acção do movimento, mais se afasta a meta luminosa o totem.

Inseguro ele se agita no mundo procurando imitar o ponto focal dos mundanismos em seu redor ; ele usa os homens e as cousas para o seu apoio e entre o odio e o amor segue esse estranho caminho do utero ao nada.



... e entre o odio e o amor segue esse estranho caminho
do utero ao nada.

QUANDO O HOMEM
MORRE

A sua juventude é o periodo de maior ligação com o mundo objectivo, é o periodo em que ele se utiliza de maior numero de fetiches para atingir o seu mundanismo. A' medida que ele envelhece observa-se uma concentração de esforços sobre um numero mais restricto de fetiches ; parece que a decrepitude do seu organismo não o permite mais de alcançar, de se pôr em contacto com um mundo objectivo tão extenso. Depreciado na sua actuação, ele procura concentrar a sua necessidade inconsciente de movimento sobre um pequeno numero de objectos ou imagens, que estejam ao seu alcance, contando com estes poucos fetiches para transporta-lo ao seu totem. Portanto, o velho depreciado se comporta como o naufrago na hora do perigo. Concentra a sua emoção sobre apenas um ou poucos objectos, esperando se colocar em segurança. Em ambos os casos vemos um abandono do mundo objectivo na luta para conservar o poder.

Um homem moribundo aparentemente funciona pelo mesmo processo ; aos poucos ele deixa de reconhecer as cousas e as pessoas em seu redor e abandona o mundo objectivo, concentrando o movimento do seu inconsciente sobre apenas alguns objectos, diminuindo sempre o contacto e as associações com o mundo objectivo até o momento em que uma religião qualquer coloque uma vela ou um crucifixo na sua mão, e então, como o naufrago, ele se agarra á vela ou ao crucifixo, transporta toda a insegurança da sua vida emotiva sobre a vela e o crucifixo, fazendo desses accessorios o vehiculo para transporta-lo a um ceo ou a um estado de igualdade com deus.

O momento da morte produz exaltação do inconsciente e o desaparecimento gradual do consciente. Este movimento inconsciente traz uma certa ordem de associações com o já vivido, e isto provavelmente justifica a idéa de um preconsciente sugerida por Freud. (O período de panico na narrativa parece demonstrar também a existencia de um preconsciente).

Quando eu tinha quatorze annos e estive para afogar-me num banho de mar, certa vez, lembro-me de ter experimentado o panico; via ao longe a terra com todos os seus atractivos; aos poucos a visão da terra se apagava, os detalhes se confundiam em massas uniformes; só a agua me era real, e mesmo esta retirava-me o seu apoio, perdia contacto com o mundo objectivo; em desespero recitei trez Ave Maria, (nesse ocasião era crente), e me lembro que em dado momento encalhei na reza; não conseguia de geito nenhum me lembrar das palavras, e o meu desespero crescia, pois tinha colocado na reza toda a minha emoção, toda a minha esperança, e as palavras vinham e paravam... Apesar de estar ainda na superficie, visualisava todas as imagens de um afogamento; a minha vida interna parecia estar terrivelmente agitada e a vida consciente quasi desaparecida.

O VELHO E SUA SAUDADE

A pessoa normal, á medida que envelhece, concentra a sua emoção num mundo objectivo cada vez menor, seleccionando os objectos de acordo com a capacidade de mostrar poder, de se identificar com um possivel ideal. Os velhos mais senis se dedicam a narrativas amorosas impossiveis, relembram com insistencia os

episodios mais viris da mocidade, se conferem titulos honorificos ou scientificos imaginarios, buscam as situações politicas de dominio, e se utilizam sempre da mocidade como ponto de apoio para ostentar poder atribuindo a si feitos dos outros. As velhas procuram compensar a sua depreciação com actos de caridade, enchem as igrejas para receber a condescendencia graciosa do deus infinitamente viril, guardam com ciumes os segredos de cosinha, receitas de bolos, doces, cousas gostosas, capazes de assegurar algum dominio sobre a mocidade. Diminuem a ligação com o mundo objectivo concentrando a afeição sobre alguns objectos.

O nevrotico, em muitos aspectos, se parece com so velhos, vive uma vida irreal intensa, abandonando o mundo objectivo, focalizando o seu contacto com o mundo objectivo em poucos objectos, despresando a existencia de outros e dirigindo as suas manifestações na vida na direcção da sua ficção. O protesto viril dos nevroticos é parecido com o protesto viril dos velhos, sendo que o nevropatha procura "realizar" sua ficção, enquanto que o velho se satisfaz com a forma illusoria de fazer outros "acreditarem" na sua virilidade.

Tenho observado commigo mesmo que quando eu vivo uma vida real muito intensa, muito em contacto com um variado mundo objectivo, especialmente do ponto de vista sexual, diminue sensivelmente a intensidade de minha vida inconsciente, não consigo fazer associações com o já vivido com bastante intensidade, sinto-me muito mais estúpido.

Todas essas manifestações tendem a mostrar que a equação (3) é provavelmente verdadeira.

A consciencia, assim, torna-se uma funcção do contacto com o mundo exterior que aos poucos se transforma numa prisão, ligando o homem aos seus objectos, moldando-o na rotina do convencional, cada objecto com uma significação, sugerindo a uma parte da sua



A insegurança do velho.

fantasia, satisfazendo a uma parte da sua necessidade inconsciente. Ele se apodera do mundo objectivo como ele se apodera da mulher, o contacto satisfaz uma necessidade, aproxima-o da sua fantasia idealista, "faz bem a alma", como se costuma dizer popularmente. Ele selecciona no objecto em contacto os caracteristicos que lhe agradam e que servem para reforçar a sua ficção, abandonando os outros. O mundo torna-se um immenso campo de fetiches para aproxima-lo do modelo fantastico da sua imaginação. Este amor entre o homem e o mundo objectivo é o seu codigo moral porque eleva a sua personalidade aproximando-o do seu totem.

Da sua actuação com o ambiente crea-se em redor d'elle um estado de veneração e desrespeito, um parametro de astucia.

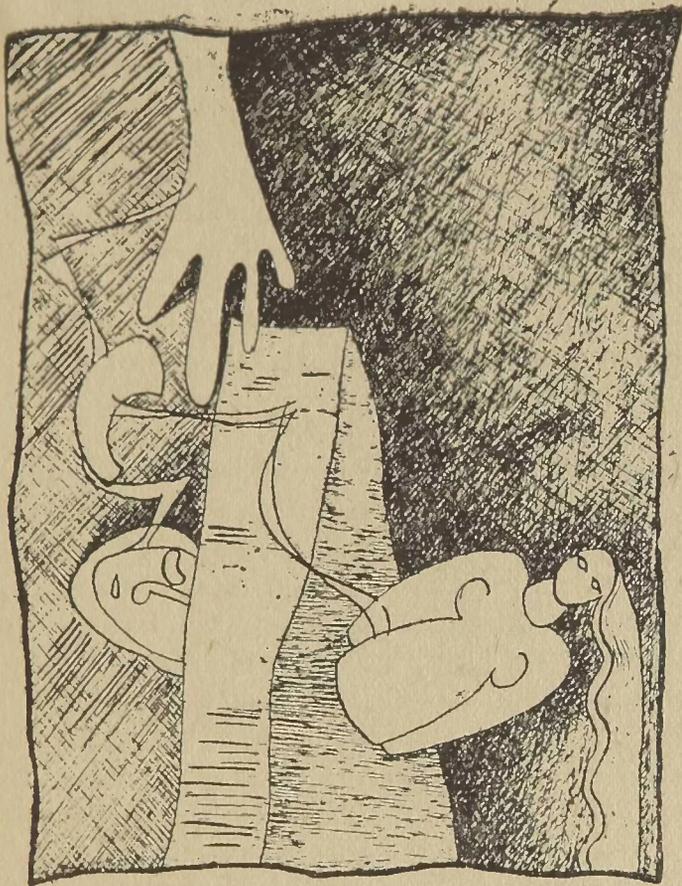
O PARAMETRO DA ASTUCIA

Quando uma mulher se agarra protectoramente ao seu amado em perigo, ela cria em redor dele uma situação de duvida pelo contacto ; ela forma um parametro de segurança, ela transforma o amado em apoio para satisfazer uma parte de sua fantasia. Usa o homem como um fetiche para alcançar uma imagem construída pelo seu "já vivido". O seu contacto com o amado forma uma zona de calma, uma protecção contra a agressividade. Ela neutraliza a sugestividade

do seu amado, satisfazendo a uma parte da sua ambição, se aproximando do seu totem ; ela cria o parametro da astucia. A sua presença traz ao amado a sensação de contacto real com o mundo objectivo, traz para ele a realização do milagre da consciencia, ele compensa a sua insegurança e encontra na mulher um excelente fetiche capaz de refazer a sua compostura.

Uma nação em perigo cria em redor de si um parametro de astucia, movimentando um efeminado serviço diplomatico, tratados de paz ou commerciaes conferencias onde diplomatas se acumulam com elogios, alianças de cordialidade, jogo de tarifas, e toda uma serie de caricias praticadas por personagens que se utilizam da massa de povo como ponto de apoio, como fetiche, para alcançar o céu mais proximo e realizar parte de uma fantasia de um ideal qualquer immediato, que ostente mundanamente, qualquer enfeite capaz de chamar a atenção. Nasce em redor uma orla nacionalista marcialmente efeminada, ostentando poder e oferecendo a paz, elogiando o inimigo, o igual, mas se colocando sempre por cima, armando-se, usando da astucia, para ser superior.

Tratados commerciaes, tratados e conferencias de paz, acordos, alianças, são fetiches-apoios para saciar uma sensação de insegurança e ajudar a construir a imagem fantastica de um totem-patria ornamentado de uma ficção inacessivel. Internamente o tumulto, as injurias pela imprensa, procuram castigar o igual-inimigo, rebaixando-o. No exterior o parametro da astucia eloquente, efeminado, estende as suas garras sobre o mundo objectivo, exhibindo a consciencia da nação prendendo-se ao mundo convencional. Nação e parametro formam um conjuncto fatalista atheu, talvez só com uma visão maxima de duzentos anos. A astucia não consegue construir uma imagem mais duravel, a sua satisfação deve ser immediata.



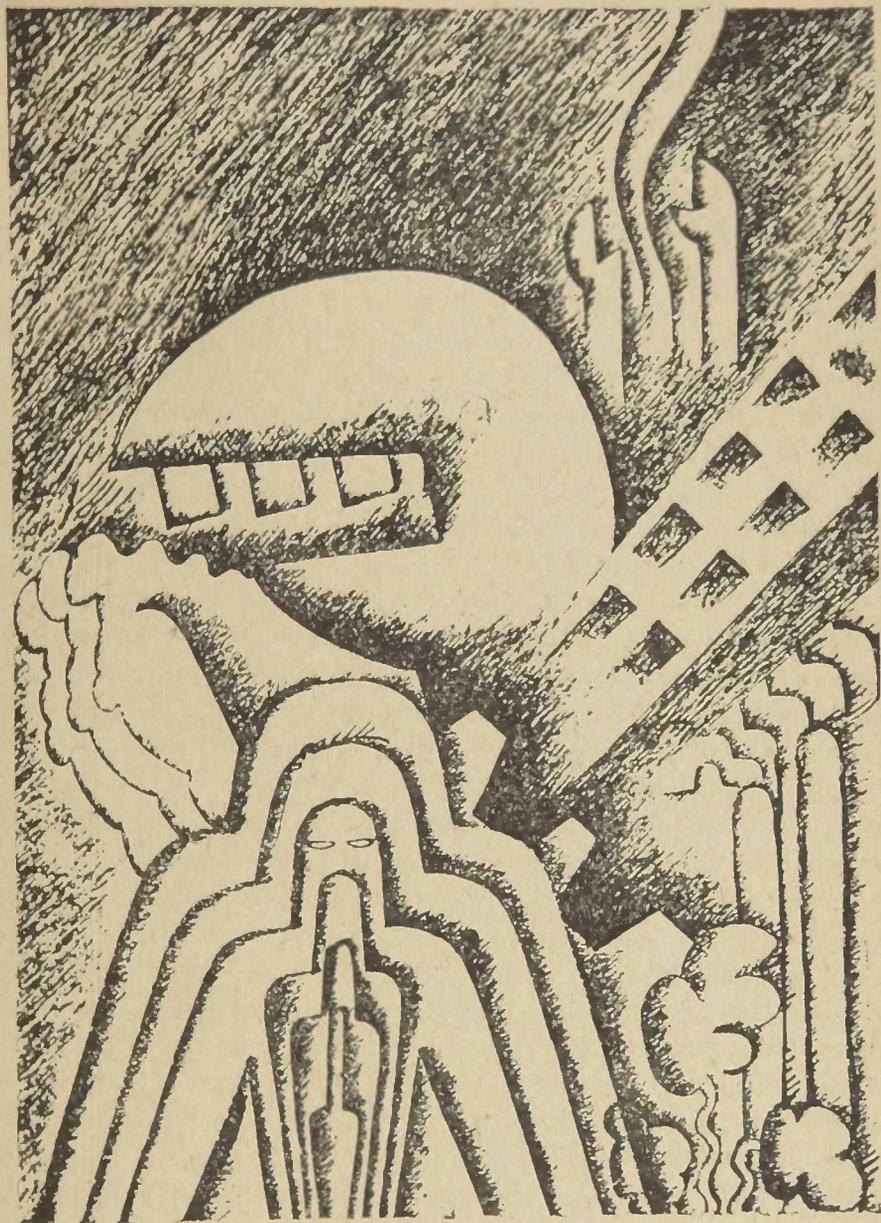
... como sensoriaes primarios apalpando amorosamente o ambiente.

O programa politico é o parametro de astucia do partido politico, é o enfeite querido do totem-patria que o politico oferece ao povo. Numa associação de classe, o parametro aparece na forma de regulamentos e imposições que se apoiam sobre o mundo exterior para manter o prestigio de imaginação interna, é a defeza da associação.

Por toda a parte esta exhibição de astucia como camada protectora contra o mundo exterior, entre os homens, entre as nações, no mecanismo interno das sociedades existe a astucia na superficie defensiva, como se fosse expurgada por selecção interna.

Quando uma nação, um homem ou um grupo entra em actividade, parece haver uma separação entre os elementos psychicos, parece que estes saltam de um tumulto para a parte exterior, funcionando como sensoriaes primarios, apalpando amorosamente o ambiente, saciando os seus desejos. Parece que o desejo amoroso do grupo e o amor do homem consistem em se apoiar sobre o mundo objectivo para atingir aos poucos um totem. Estes sensoriaes primarios formam a consciencia do grupo ou do homem, são a parte capaz de amar o mundo objectivo, de entrar em contacto com ele, e pelo contacto formar a parte astuciosa o molejo que absorve os choques.

Vimos na experiencia que o parametro formado no instante antes do "lyncha" era composto dos mesmos elementos que o interior tumultuoso ; a parte mais proxima á minha pessoa, a parte consciencia do grupo de crentes, e que lutava entre si, era proveniente do interior da massa, e apareceu como resultado de selecção natural. O sentimento de inferioridade provocou esta selecção, fazendo da massa crente um grupo contornado de nacionalismo, com heroes e diplomatas se anulando mutuamente. Em aspecto heroes e diplomatas se igualam, porque ambos funcionam como elementos

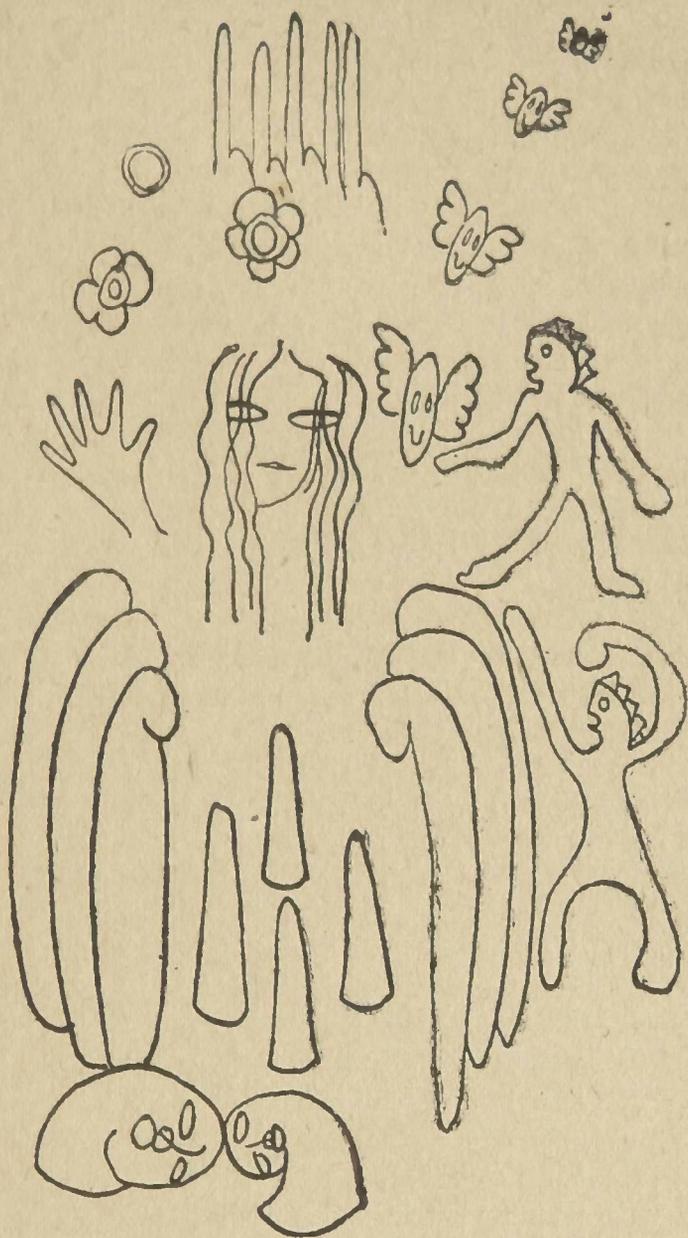


E realizar o ideal do Eu.

psychicos para a formação da consciencia. A função do diplomata é a de receber os primeiros murros dos heroes. Ele é um fetiche fornecido ao parametro pelo mecanismo interior. No homem seria pelo inconsciente em movimento, para cooperar com os outros fetiches. Os diplomatas servem para sustentar a ficção do heroe e são utilizados como transmissores da fantasia nacionalista, e ajudam a conservar de pé a estrutura que sustenta o ideal do Eu, antes de aniquilar o rival pela morte eliminando a concorrência.

Na vida normal do homem, dentro de uma sociedade, os diplomatas são inúteis, não aparecem porque o totem do homem é acessível e o seu contacto amoroso com todo o mundo objectivo forma logo um parametro suficientemente astucioso para consolidar a imagem fantástica do totem, fornecendo assim a ilusão de poder. Portanto, o mundo objectivo só tem utilidade directa para o sujeito quando o totem a ser atingido já existe na sociedade; o seu parametro de astucia é formado de uma ligação imediata e muito real com o mundo exterior, o sujeito vive uma vida intensa e mediocre de satisfação, sendo a sua fantasia facilmente acessível. Ele encontra no mundo objectivo uma analyse do seu motivo de vida; o seu parametro efeminado cresce, e cresce o seu amor para o mundo objectivo, á medida que os seus desejos se satisfazem. A velhice traz uma diminuição desse mundo objectivo em virtude da depreciação fisica, com uma consequente concentração de esforço.

O contacto com o mundo objectivo reaviva no sujeito uma serie de associações, de ideais; ele se lembra do já vivido que de um certo modo, numa certa ordem, é a sua teoria sobre a vida. E ele maneja o mundo objectivo de acordo com essa teoria, perpetuando a rotina. A teoria é imposta ao sujeito pelo mundo objectivo, como condição de vida, e as suas associações



E segue cordialmente o passo de reza da vida

são produzidas por auto-defesa, para manter a ilusão de sua virilidade e evitar uma depreciação que resultaria, caso ele abandonasse a rotina. Repetindo a teoria ele se integra agradavelmente no ambiente standardizado, é acolhido pelo inimigo como um igual prompto a ser devorado, e segue cordialmente o passo de reza da vida.

A teoria que ele ostenta em defesa propria é a sua consciencia, em funcção de um aglomerado heterogeneo de homens. Ela só pode sobreviver pela standardização e pela afinidade geral para com ele.

A base de toda consciencia é a defesa propria. Colocar-se em segurança, tem aceitação geral, e todas as vezes que pensamos "minha consciencia me diz que eu devo fazer isto..." é para nos colocar em segurança com relação á rotina, não perder o prestigio da nossa personalidade, num movimento de astucia para nos garantir no futuro.

A consciencia actua efeminadamente pelo engodo e pela astucia. Ela é o producto do enamoramento pelo mundo objectivo, do capricho pela rotina. Uma separação do mundo objectivo diminue o parametro de astucia, um isolamento traz em pouco tempo a perda completa da consciencia. Mesmo nos homens que vivem dentro de uma dada rotina, a consciencia diminue á medida que envelhecem, devido a um contacto mais restricto com o mundo objectivo, um encantamento menor e em geral um desprendimento maior, um desejo menos acentuado de se manter nele.

O que caracteriza a parte feminina da mulher é a sua prisão ao convencional ; a mulher é extremamente conscienciosa ; a sua vida consciente é maior que a do homem, o seu contacto extremamente amoroso com o ambiente reforça a sua ligação com a rotina, provocando um grande movimento de astucia em seu redor, necessario para atingir ao totem mais proximo prescripto

pela rotina official. As mulheres efeminadas vivem vagarosamente, presas á rotina, submissas ao jugo da teoria em uso, se arrastam langorosas pelo mundo objectivo, fazendo da moda e da rotina o totem apropriado e conveniente, vivendo na expectativa do dominio sexual, e desenvolvendo uma grande quantidade de astucia para assegurar esse dominio.

A mulher efeminada procura sempre entrar em contacto directo com o mundo objectivo. Ela quer tocar. A caricia ao fetiche agrada a sua vaidade: martirizar para elevar o Eu ao nivel do totem rebaixado.

Uma diminuição da consciencia traz logo um augmento na masculinidade. Quanto menos preso pela rotina, quanto menor o encantamento pela teoria social, mais masculino se torna o sujeito; todo o mundo sabe que os homens de pouca consciencia são tidos como os mais masculinos, a masculinidade do bandido depreciado, o protesto viril do homem de genio se afastando das teorias em uso. Astucia e audacia não podem ser manifestadas ao mesmo tempo. Um elemento pode se tornar mais ou menos astucioso, á medida que ele se aproxima ou se afasta do mundo objectivo.

Muitos imaginam que os bandidos são astuciosos, puro engano — são individuos sem consciencia que laboram por uma outra teoria, funcionam sobre uma base de resentimento e possuem uma consciencia pre-consciente e em muitos respeitos se parecem com os grandes cientistas.

Quando os bandidos se tornam astuciosos, ficam logo fazendo parte reconhecida da sociedade onde operam. Adquirem consciencia.

Houve epochas em que os donjuans eram tidos como masculinos; porem agora, aceitos pela rotina social, se

comportam efeminadamente, conscienciosamente. A co-tação do mercado de donjuans diminue com o acrescimo da acessibilidade.

Quanto maior o parametro de astucia, maior o sentimento de consciencia, mais ligado fica ao ambiente, mais fortes os laços afectivos entre a necessidade e o ambiente, e portanto mais preso á rotina, porque só pela rotina ele consegue firmar contacto. O abandono da rotina implica uma reorganização dos laços afectivos entre os objectos do mundo. A rotina parece facilitar a formação do parametro no sentido de estabelecer uma astucia oficial, um engodo feminino aceito como tradição. Mas a base da rivalidade conserva-se intacta; o parametro de astucia de cada rival cresce, á medida que ele luta contra o sentimento de insegurança apoiando-se nos fetiches para elevar o Eu á fantasia totemica. A rotina limita e prestabelece a fantasia impondo uma restricção na forma e no numero de fantasias disponiveis.

Estas restricções da rotina tendem a augmentar a magnitude dos laços afectivos da consciencia; parecem reforçar a consciencia, fazendo della não somente o contacto e as associações com o mundo objectivo, mas tambem uma determinada ordem de contactos, isto é faz a consciencia mais conscienciosa ainda.

Da escravidão, a moda das mulheres é um bom exemplo de consciencia conscienciosa, os deveres do casamento, a etica esportiva e social, e todas as eticas, são exemplos.

O abandono da rotina viria libertar a afeição amorosa do homem; ele não se apoiaria mais sobre os objectos repetindo a mesma sequencia — os objectos seriam sugestivos de outra maneira, possivelmente alterando o modo de funcionar do inconsciente e as associações e imagens do preconsciousente.

Tomando como definição que astucia é um estado de calma provocado pelo contacto do sujeito com o mundo objectivo e ideologico, á primeira vista parece que a rotina não pode influir no parametro da astucia porque a idea de rotina vem de repetição, de uma sequencia, e aparentemente não ha nada que faça supor que a repetição só seja o bastante para incrementar uma tendencia inconsciente, augmentando o esforço na formação do parametro. Mas o conhecimento da rotina preconcebida, em si, já forma uma idea, um apoio poderoso suficiente para augmentar a astucia ; é como um ultimatum que impõe um "modus vivendi" sob pena de eliminação.

Para a maior parte das pessoas, a rotina de um ambiente é um fetiche inevitavel, e forma uma grande parte da astucia e da consciencia como meio de defesa para poder viver.

O abandono da rotina deveria diminuir consideravelmente a astucia da vida, a necessidade de engodo, e consequentemente de uma maneira geral o sentimento de insegurança. O sentimento de insegurança existe por comparação com a maioria que fornece o padrão e o modo da rotina. Sem uma maioria e uma rotina o mundo objectivo torna-se menos "proximo" em relação ás associações do já vivido ; o sentimento de insegurança diminue e o homem seria em parte, libertado da sua curiosa prisão, aparentemente o seu totem tornar-se-ia menos acessivel.

Na prisão da rotina o seu totem só era acessivel pelo desenvolvimento da astucia e do engodo isto é de uma grande quantidade de consciencia ; a alteração na sugestividade do mundo objectivo, quebrando a rotina e tornando este menos conspicuo diminue a quantidade de consciencia e o sentimento de insegurança que é producto da idea de padrão recolhendo o homem a

uma vida interna maior onde ele se associa com mais afinco ao já vivido.

De maneira que todo o conceito da consciencia vem a ser uma funcção do enamoramento do mundo objectivo e dos laços afectivos da rotina ; o contraste humilhante da rotina provocando a insegurança produz o enamoramento pelos fetiches que o ajudam a alcançar o seu totem, o homem ama o objecto que o coloca em segurança perto do seu ideal fantastico.

O amor torna-se uma consequencia de necessidade de se colocar em segurança para o prazer narcisista de exaltar a personalidade e a consciencia cresce á medida que o amor augmenta pelas cousas do mundo, enlaçando o homem em formas de mumia, fazendo-o escravo de uma etica como meio de defeza para manter-se vivo e adquirir mundanismo. E quanto mais submisso ele é á rotina da etica mais cedo ele alcança o seu totem mundano.

A idea de luta pela vida está ligada á idea de consciencia ; lutando com a natureza, apalmando o ambiente, ele constroe a sua personalidade conforme a reacção das forças da natureza, todo o seu modo é de submissão, ele se coloca na defensiva astucioso e submissão ao "não faça isso" em redor; na luta para viver ele selecciona apenas os objectos que lhe trazem mundanismo, que satisfazem a sua ficção totemica, é o desejo de se nivelar ao seu totem que determina a selecção. A fatalidade dos actos do homem está precisamente neste desejo de nivelamento. Existe fatalidade no facto de serem seleccionados somente aqueles objectos capazes de aproxima-lo da sua fantazia. A luta pela vida não é a mesma cousa que o momento de perigo, quando ele se agarra ao objecto mais proximo como refugio para a sua insegurança ; o momento de perigo se caracteriza pelo afastamento do mundo objectivo, pela diminuição da consciencia, pela dificuldade organica de alcançar

o mundo objectivo, pela aproximação da morte. Não ha luta pela vida no momento da morte ou do grande perigo, porque não ha selecção. Ele só pode colocar a sua insegurança no objecto mais perto; admitindo está claro que luta pela vida envolve uma selecção mesmo quando forçada pela fantasia.

No momento do grande perigo o homem abandona toda a etica e a ficção mundanismo-consciente desaparece e é provavelmente substituida por um mundanismo preconsciente. Enquanto a luta pela vida oferece um mundo variado, impondo uma rotina, sujeitando a selecção dos objectos á ordem da rotina. O efeito da rotina é de guiar o homem na sua fantasia; ela modela os successivos totens que o homem precisa atravessar mais ou menos como acontece no exercito com as promoções; o totem predeterminado é atingido depois de uma luta com o mundo objectivo na qual os fetiches são disputados; a seleção se dá durante a luta de uma maneira mais ou menos convencional, conforme as necessidades da fantasia e possivelmente a sugestibilidade dos objectos. O conceito "luta pela vida" diferencia-se do momento de grande perigo conforme a acessibilidade do mundo objectivo.

Pode-se argumentar tambem que a rotina é um fenomeno geral da natureza e que ela é formada por uma simples ilusão ou convicção da nossa parte e pode ser substituida pela descoberta de novos fenomenos. Por exemplo, a rotina de ser religioso será deslebrada logo que a descoberta de novos fenomenos explicar convenientemente a inutilidade de ser religioso, logo que for possivel demonstrar que a religião não oferece nenhuma segurança ou compensação pelo mundanismo perdido; enquanto isso os templos continuarão a funcionar como grandes companhias de seguro.

A rotina parece ser um fenomeno de ilusão alteravel com a percepção do homem; é o dogma da percep-

ção que orienta a fantasia do homem na formação de sua consciencia.

As mudanças rapidas na percepção mostram a fragilidade da consciencia do homem.

A rotina é sempre uma antiga teoria que se conserva funcionando porque crea no homem a ilusão de poder. Desaparecendo a ilusão de poder e de segurança desaparece a rotina. As rotinas religiosas são restos das velhas teorias sobre a vida. A isca da immortalidade dá ao homem a ilusão de poder, ele se deleita em poder continuar as suas peripecias depois da morte.

“Tudo o que sabemos do mundo exterior alcança a nossa mente por intermedio dos cinco sentidos. Estes são imperfeitos porque só conseguem transmitir ao cerebro uma pequena fracção de todas as sensações possiveis. Estas tambem são imperfeitas, evidentemente que mal representam muitas das impressões que conseguem transmitir—ou, como diz Petronius: “Somos iludidos pelos nossos olhos, os nossos sentidos errantes pesam sobre a razão mentindo. Uma torre de quatro lados vista de uma certa distancia tem os seus cantos apagados e torna-se redonda” “Entretanto, com estes sentidos recolhemos os supostos factos do ambiente, e tendo recolhido bastante, procuramos construir uma imagem mental que possa explicar as nossas observações. Esta imagem mental é a teoria. Quanto mais as observações concordam com as deduções da teoria, mais satisfeitos ficamos e mais temos confiança na exatidão da imagem mental.

Uma teoria não deve ser considerada como uma descripção final e verdadeira das causas das nossas sensações, mas sim como uma bolsa conveniente onde conservamos os resultados as inumeras observações que

do contrario seriam abandonadas em confusão pelo mundo" (1).

A instabilidade das teorias e da rotina depende de um afrouxamento da consciencia, de uma ligação amorosa menos intensa com o mundo exterior e implica uma diminuição no parametro de astucia.

O afroxamento da consciencia desorienta a fantasia do homem ele fica sem totem definido ou o seu totem é situado fora do mundo consciente fóra da rotina que ele abandonou ; ele constroe um mundo para si no seu preconsciente com um aparelhamento completo de fetiches e deuses. O totem é inacessivel fóra do consciente ; o parametro de astucia do consciente diminue e sem duvida aparece um outro parametro de astucia colocado no preconsciente, repetindo em outra escala e no mundo ideologico o mesmo mecanismo de antes. Totems serão construidos com o apoio de ideas ; deuses são destruidos para saciar o movimento de nivel e desnivel e o drama da vida continua do mesmo modo apoiado sobre uma outra teoria e fóra do mundo objectivo. A vida interna do homem parece seguir o mesmo processo que a vida externa.

Toda a humanidade está mais ou menos amorosamente submissa ao mundo objectivo, esta submissão é a força motriz do mundanismo e dela resulta a idea de astucia gerada na luta pela afirmação do Eu, do contacto com os fetiches ; são os caracteres femininos do elemento homem, o meio de defesa, a força acumulada habilmente no protesto viril camuflage, as armas e as munições da paz, a cordialidade do argumento, as caricias para romper o aspecto do intocavel, do tabu e galgar ao dominio.

(1) "Materia e radiação", John Buckingham.

Parece que em redor das nações, dos grupos dos homens, dos objectos do mundo, das cousas do universo, se forma uma tensão de superficie, alguma coisa de defensivo, protectora, que evita a desintegração e protege contra o desmanchar, contra uma mudança no aspecto.

A TRILOGIA

Sujeito, fetiche e totem formam a trilogia da humanidade, o modo de funcionar do homem em relação ao seu mundo. O fetiche é o vehiculo que recebe e transporta o desejo procurando alcançar a meta totemica, é a estrutura que segura as partes soltas da imagem fantastica recebendo o contacto amoroso das caricias, é o molejo que sacia a vontade de brincar, o receptaculo do goso, alguma cousa para carregar o desespero e a alegria do homem.

O totem é a fantasia do homem, producto do contacto **com** o objecto-fetiche e causa desse contacto.

Fantasia composta do já vivido, do contacto com um mundo objectivo anterior, ou bem das associações desse já vivido com os objectos presentes. Vem á tona como uma aspiração, uma forma de entusiasmo do Eu, e quasi sempre submissa á rotina ou á teoria em uso. Sugerida pelo ambiente recebe deste uma directriz, funcionando astuciosamente ; producto de uma revolta concede ao ambiente uma directriz sem astucia. A revolta vem de uma repulsão entre o já vivido e o mundo em redor. O já vivido não consegue se associar com o mundo objectivo de uma maneira consciente ; o mundo objectivo repele o contacto com o já vivido do sujeito revoltado, não aceita a sua fantasia, afastando-o da rotina, e ele constroe o seu mundo sobre resentimento, apoiando-se num mundo objectivo dentro do preconsciente, abandonando a astucia e a consciencia. O seu protesto viril fóra da teoria em uso, aparece como um intruso indesejavel, faz o efeito de um leão aparecendo repentinamente num salão de chá, ou de um louco recém escapado de um hospicio. Os loucos, quando em longo contacto com o mundo, deixam de causar espanto.

A sua fantasia, apoiando-se sobre um mundo fora da rotina, torna-se em si um totem para o mundo da rotina, alguma cousa de desejavel e odiavel ao mesmo tempo. Desejavel porque contrastando com a rotina atrae atenção, promove mundanismo ; odiavel porque veio perturbar e alterar a rotina, concorrer com os totens já existentes e tornar o mundanismo mais difficil. A revolta a maior parte das vezes aparece apoiada sobre um sentimento de inferioridade ; o desejo de possuir torna-se uma obsessão, uma necessidade para o revoltado, que só pode atingir a méta pela violencia ; o monopolio abusivo das actividades exige esse procedimento — é o caso da revolta primitiva contra o monopolio sexual — as revoltas politicas são quasi todas dessa natureza, nascem do despotismo e da humilhação e

são contra o monopólio do intercambio social. Os seus programmas e propagandas são apenas pontos de apoio para compensar essa inferioridade, e formam em redor do revoltado o seu meio de defesa, a sua astúcia indispensável, o seu modo feminino. A fantasia do revoltado oprimido faz parte da teoria em uso, está dentro da rotina e é acessível pelo processo commum da rotina. A violencia apenas acelera a totemisação, não é uma fantasia fora do mundo objectivo immediato, pertencendo ao já vivido. Em todas as campanhas politicas, observa-se esse processo de rebaixamento, de castigo: o oprimido procura se nivelar ao que está em cima, se apoiando em injurias pela imprensa, no ridiculo, no chiste, apelando pela honradez, divulgando detalhes da vida do igual inimigo fora da formula social aceita. O revoltado politico tem sempre uma grande preocupação de se conservar na rotina fazendo da rotina o seu padrão de honra.

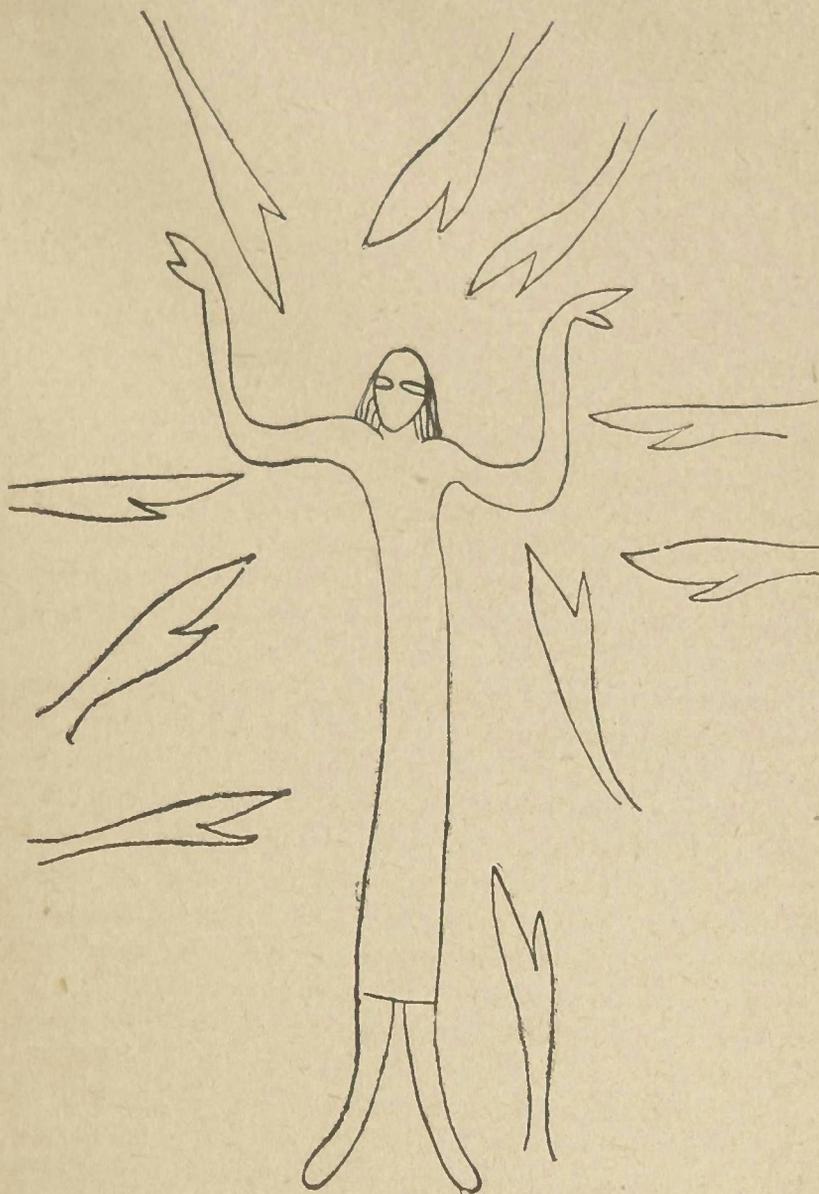
A medida que o abuso augmenta tambem augmenta o sentimento de inferioridade e o oprimido procura substituir a rotina por uma outra teoria, na qual ele toma precaução contra possiveis despotismos. Neste caso, a fantasia se afasta da ordem estabelecida, é formada por associações do já vivido com o mundo objectivo em uso, e é acessível pelo contacto directo com o mundo objectivo pela caricia aggressiva. O processo de ascensão á fantasia é o mesmo que o da velha rotina ; depreciação do que está em cima e elevação do Eu, da personalidade, o processo de mundanismo. A fantasia do revoltado fora da rotina tem a vantagem de ser creadora. Nascida de uma pressão profunda ela traz na sua imagem elementos de defesa contra a extincção, ela selecciona no seu preconsciente o que ha de mais viril de mais violento e mais genial para manter vivo o protesto ; é a selecção natural do ser oprimido, o modo de compensar pela exclusão de convívio pela recusa da rotina se alterar.

O aparelho psychico aparentemente funciona como um transformador; recebe do mundo objectivo e do já vivido sensações arranjadas numa certa ordem, transforma a ordem destas sensações construindo uma fantasia conforme a sua necessidade, e devolve ao mundo objectivo as sensações, colocando a fantasia no mercado mundano para ser usada e disputada, e concorrendo com uma parte da rotina futura.

A fantasia é a exhibição do movimento psychico, aparece como resultado de um movimento, como um contraste á calma, pertence a todas as actividades e é o engodo para o movimento da vida emotiva, a ambição, o padrão de poder, o indice que mostra a diferença de nivel, trazendo para a mente do homem o contraste das cousas. Em summa é simplesmente um estado da natureza que se destaca por comparação, indicando que houve movimento e que haverá movimento.

Quando presa a rotina é ás vezes a reconstituição mental da forma de um velho chefe, um padrão de heroismo a ser seguido, como no caso da recordação do deus-pae e do futuro estado totemico do christianismo, onde a palavra totem foi tomada em sentido restricto.

Nos laços affectivos da trilogia: sujeito se apoiando sobre fetiche para alcançar totem, encontramos dois processos, um de totemisação e outro de feiticismo. O processo de feiticismo é o contacto directo ou indirecto com o objecto-fetiche, o vehiculo, e produz como laços affectivos o par antitetico aggressividade-astucia. A caricia aplicada ao fetiche pelo sujeito é igual á aggressividade e por sua vez o fetiche responde com um parametro de astucia e este parametro de astucia corresponde á resistencia ás caricias. Sendo o objecto-fetiche um elemento vivo, a resistencia ás caricias se manifesta pela sugestibilidade do objecto; o objecto resiste a qualquer tentativa, que possa perturbar o seu equili-



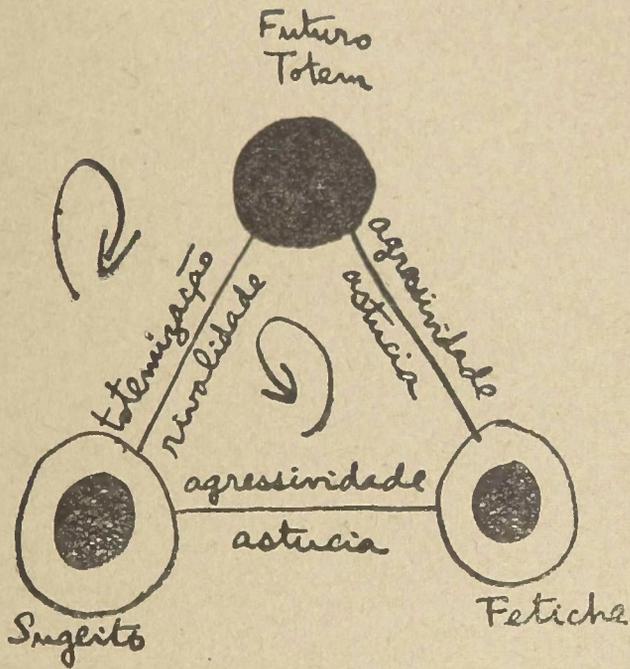
Intocavel — Um parametro de astucia.

librio psychico, e ás vezes o seu equilibrio fisiologico, e a resistencia se manifesta por meio de astucia.

Quando uma mulher estranha é tocada, ela tem uma tendencia de se retirar do contacto, parece que o contacto veio perturbar alguma cousa no seu equilibrio ; ela procura mesmo evitar o contacto ; quando ela está vestida e prompta para sahir, exhibir-se, ela é absolutamente intocavel ; tendo-se arreado de acordo com um ideal, o toque traz uma alteração no aspecto que ela procura evitar pela astucia. Em summa, qualquer caricia que perturbe o ideal ou a fantasia do fetiche encontra como resistencia a astucia. O fetiche se defende contra a agressão do sujeito, se apoiando sobre outros fetiches e iniciando um outro processo de totemisação fóra daquelle que estamos considerando.

Quando o fetiche é um objecto sem vida, a reacção astuciosa está na propria resistencia do material, tactil e outras. O fetiche encontra em si mesmo o seu apoio, pois parece existir uma tensão de superficie sufficiente para protege-lo contra as caricias. Quando o fetiche é uma idea, uma injuria, por exemplo, — não sei qual é a tensão de superficie da injuria capaz de resistir ao toque psychico, mas a injuria é um attributo concedido ao personagem a ser rebaixado e portanto pode ser representada por uma imagem que se torna o totem involuntario do igual-inimigo a ser rebaixado.

Quando o homem desfia um rosario de injurias sobre o seu inimigo, cada uma das injurias pode ser representada por um animal domesticado e pacato ou por uma situação qualquer despresada do mundo objectivo. Ninguem chama o inimigo de leão. O fim do homem é rebaixar o inimigo pela comparação, e então faz-se da injuria o totem do inimigo. Na realidade ele se rodea de um verdadeiro jardim zoologico pacato e da chamada escoria social, um quadro deprimente de miseria e de calma com ele no centro garboso e saciado. Agrande



ELEMENTO TRILOGIA

TOTEMISAÇÃO E FEITICISMO

astucia consiste em estabelecer a comparação ; o homem se compara a cada um dos animaes que o rodeam e se sente satisfeito com o contraste ; ele se sente superior e mestre do seu dominio ; e como cada um dos animaes representa tambem o inimigo ele se sente o vencedor de muitos inimigos.

Esta extraordinaria falta de modestia é o principal caracteristico da vida psychica do homem e aparece em todas as actividades sob varias formas e mais ou menos aparente, sempre o mesmo quadro : o homem rodeado por curiosos fantasmas desabrigados e construidos por ele mesmo á imagem do inimigo.

A situação de superioridade é por demais evidente. Que faz ele em face de tanta miseria ? — distribue pontapés a todos, empurrando para frente como se costuma empurrar soldados na guerra.

Cada imagem-injuria ou cada reproducção do inimigo é tratada como fetiche, recebendo a caricia indispensavel á totemização do sujeito. De maneira que a reacção da imagem-injuria torna-se uma cousa vaga, admitida como uma consequencia logica por comparação com outras reacções.

Esta idiosincrasia pelo toque por parte do fetiche tende a transforma-lo num objecto sagrado, alguma cousa de odiavel e adoravel, ao mesmo tempo de intocavel e ruinoso, capaz de prender, de agradar, de destruir a acção niveladora — o fetiche fica tabu.

O toque tende a perturbar o aspecto do fetiche, produzir um desarranjo no equilibrio psychico. Parece que a pessoa a ser tocada repele o toque por medo de ser descoberta, de ter de abandonar o seu segredo, e este facte de ser descoberta produziria uma condição de inferioridade. O toque parece desvendar um mysterio, descobrir alguma cousa que devia ter-se conservado secreta, provavelmente algum caracteristico de inferioridade astuciosamente occultado. As mulheres detestam

o toque quando estão pintadas e penteadas, porque um desarranjo no cabello e na pintura revelaria a sua verdadeira pessoa que é considerada por ela como inferior ao seu ideal composto. O toque perturba o aspecto desse ideal, e transforma-a num personagem ridiculo ; o toque tem o efeito do chiste, desorienta e rebaixa decompondo a imagem do ideal, nivelando a pessoa ao vulgar da vida. Uma mulher pintada e enfeitada adquire o status de um santo de igreja, repele o toque e a violencia, torna-se tabu, propria para ser adorada e odiada ao mesmo tempo, se destaca por ser inacessivel e mysteriosa e evita o efeito chistoso do toque para não desmanchar o encantamento, torna-se sagrada-santificada.

O toque se confunde com o chiste, produz o mesmo efeito de rebaixamento, desmantela a imagem psychica do tocado ; o fetiche, alem de servir ao sujeito como escada para alcançar um dado totem, reage astuciosamente ao toque do sujeito, procurando preservar a sua personalidade, conservar o seu mysterio. A acção do fetiche é de defensiva em relação ao sujeito. Desenvolve astucia ao sentir aggressividade. O systema fetiche com ideal, pertence a uma outra trilogia onde o fetiche funciona como sujeito.

Numa dada trilogia o contacto do sujeito com o fetiche não é para se nivelar ao fetiche, mas sim a um ideal, a um futuro totem ; este ideal é a imagem idealistica do Eu, o sosia impalpavel do Eu ; o sujeito levanta em redor de si um altar, ás vezes bem modesto para adorar a si mesmo ; o altar é composto dos seus fetiches e de um modo geral do mundo objectivo. Aos poucos ele se eleva no altar sustentado pelos fetiches.

O contacto do homem com o mundo objectivo é puramente egoista e a reacção do mundo objectivo contra esse contacto é de preservar a personalidade de cada fetiche, creando uma defesa de astucia, tentando se isolar do contacto, procurando ser tabu. O processo de

feiticismo portanto resolve-se na aplicação da carícia pelo sujeito e na defesa do fetiche criando um parametro de astúcia em redor de si. A defesa visa não somente preservar a personalidade do fetiche como também a se nivelar a um outro ideal numa outra trilogia. O fetiche funciona astuciosamente em relação ao sujeito e mundanamente em relação a um outro fetiche. O processo de conservar a personalidade de qualquer objecto envolve a astúcia e a agressividade mundana. De forma que astúcia e agressividade, propriedades afectivas de cada objecto tomado individualmente, caracterizam o modo de agir normal do Eu.

O processo de totemisação difere do de fetichismo ; as relações entre o sujeito e totem não são as mesmas que entre o sujeito e o fetiche, apesar de semelhança em certos aspectos. Quando o fetiche se torna intocavel pela recusa astuciosa, ele fica de um certo modo parecido com o totem ; a semelhança é só aparente — ele se distancia, torna-se difficil, tentador como o totem ; o seu aspecto pode mesmo influir na formação final do totem, tendo uma influencia indirecta, mas não pode se confundir com o totem porque no momento da totemisação o fetiche é uma entidade acabada, enquanto que o totem está sendo aos poucos construido pelo Eu do sujeito — quando, dentro da rotina, ás vezes, o sujeito conhece a sua forma ultima por ser ela um padrão estabelecido, mas psychicamente só conhece a medida em que ele se totemiza — em geral o totem é a conclusão de uma teoria, o fim de uma ambição durante a totemisação ; ele é incompleto para o sujeito, a sua forma nada tem que ver com a natureza dos fetiches e do mundo objectivo no sentido de que o mundo objectivo oferece apenas apoio para melhorar a percepção, mas não oferece uma sugestibilidade absoluta. Para o sujeito, o totem é infinitamente viril, ponto mais alto a que ele pode atingir até o momento em que altera as suas associações

preconscientes. Portanto, o totem não exhibe um parametro de astucia ao sujeito, admitindo que ele possua sentimento; o seu sentimento é de rivalidade para com o sujeito e aggressividade para com o fetiche. O sujeito, totemizando-se com ele, torna-se o seu rival perante o fetiche, e as relações entre o totem e o fetiche são as mesmas que entre o sujeito e fetiche.

Totemização corresponde a nivelamento; é um protesto viril, o meio de preservar a personalidade, e parece ser inevitavel, provavelmente tão inevitavel quanto a propria idea de movimento; está em toda a parte.

Quando uma mulher distribue caricias sobre o seu amado, o toque das caricias tende a perturbar o equilibrio psychico do amado provocando por parte deste uma serie de reacções, onde ele invoca astucia para esconder algumas das suas inferioridades. A caricia chega como uma profanação ao santuario intimo do amado; ele procura ostentar as suas partes mais viris e ocultar as menos dotadas.

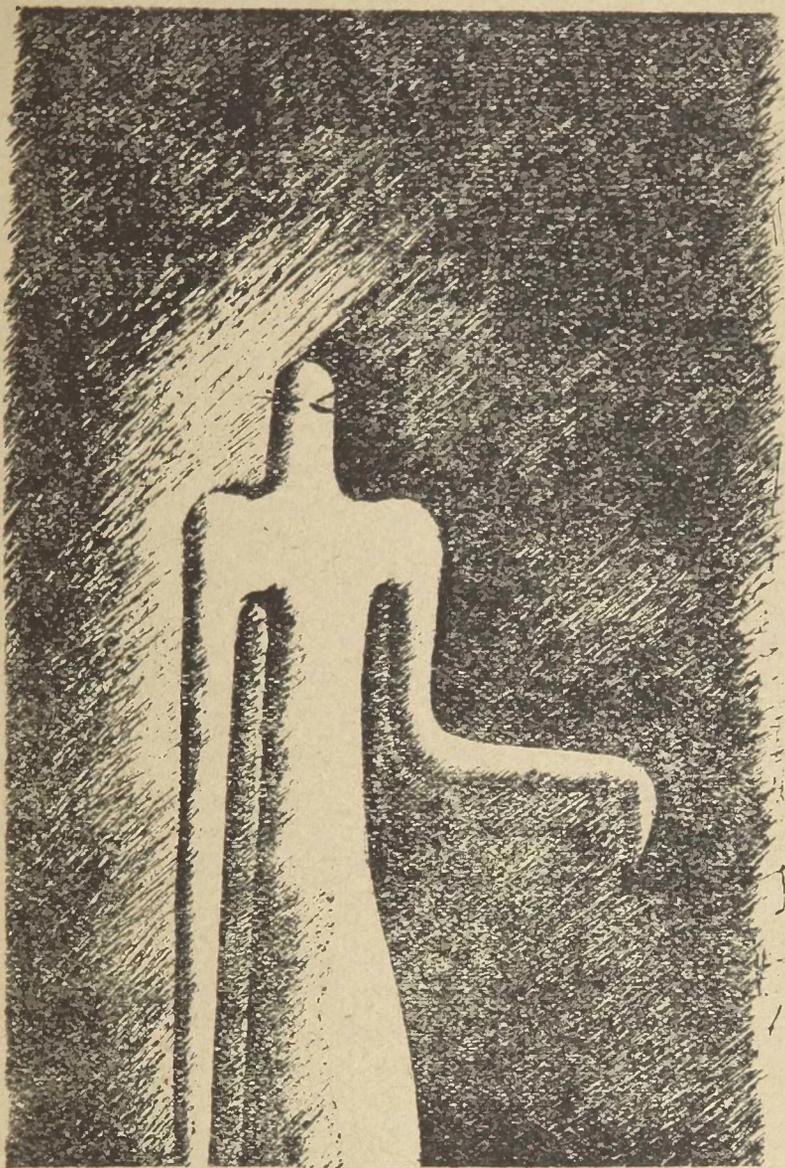
Quando um sentimento de inferioridade é atingido pela caricia, ele esquivase, ou procura, por uma demonstração viril qualquer, compensar o efeito depreciador da descoberta. Ele se aborrece com tudo quanto o diminue, e coloca-se logo na defensiva contra a depreciação, procurando pontos de apoio para a sua personalidade, fetiches para compensar a sua perda; sendo fumante consome cigarros; o cigarro alivia a sua nevrose; ás vezes bebe em excesso ou bem recita versos heroicos, ou se atribue aventuras amorosas impossiveis, ou ainda procura esconder a inferioridade com uma violencia, mordendo a companheira em qualquer parte — a sua defesa desenvolve-se na astucia. Ele fica submisso e carinhoso para melhor vencer, para melhor afirmar a sua personalidade; ele torna-se persuasivo, efeminado ao seu modo — *vaselina* —, inti-

mamente ele torce para não ser depreciado e os seus aborrecimentos acabam quando ele entra arreado no mundo da rotina.

Em contacto com as caricias, ele faz-se efeminado em defesa propria ; o toque da caricia procura descobrir o mysterio da sua pessoa, procura perturbar o seu aspecto idealista ; expondo-o ao chiste, rebaixando-o, desfazendo a sua importancia ; do ponto de vista da mulher ele torna-se assim vulgar, igual aos outros, e é usado como fetiche para alcançar poder.

Ela desmantelou a sua personalidade conhecendo o seu segredo ; aos poucos ela se cerca de todos esses segredos de todas as inferioridades do amado, organizando a sua defesa ; cada inferioridade representa uma injuria ao sentimento viril do amado e possivelmente ela compara cada inferioridade a um aspecto qualquer do mundo animal, uma boca de cavallo, uns olhos de peixe, uma expressão de camelo ou de carneiro, um aspecto de girafa ou de hipopotamo, e se ela é voluvel, em pouco tempo vê-se dona de um generoso circo. A substituição pode tambem ser feita no mundo objectivo.

Ela ama para acumular em redor de si um parametro de miseria que a possa defender ; é o seu parametro de astucia, o seu modo efeminado ; radiante, no centro do circulo-injuria, ela se sente poderosa, tem a ilusão de dominar, o que quer dizer que ela constroe a sua superioridade sobre o contraste provocado pelas inferioridades dos outros ; ela opera astuciosamente para atingir a sua fantasia, se utiliza do homem como fetiche, escolhendo para apoio as inferioridades e construindo sobre esses apoios o ideal do Eu, totemisando-se. As suas aventuras amorosas têm um fim em vista, satisfazer a sede de mundanismo consciente ou não. A sensação de prazer é provavelmente explicavel pelo mesmo processo, o processo de totemização, para atingir um fim.



... ela desmantelou a sua personalidade conhecendo
● seu segredo.

A substituição das inferioridades por imagens no mundo animal e objectivo foi feita para explicar o mecanismo hipotetico do parametro de astucia — não importa muito se a substituição se realiza toda ella conscientemente ou não.

O amado, por sua vez, procura na mulher pontos de inferioridade, usando-a como fetiche para o seu apoio, juntamente com outros objectos e ideas. Da mesma maneira elle forma um parametro de astucia para a sua protecção, procurando atingir o seu inimigo, o ideal do seu Eu em construcção. O seu amor consiste em mostrar virilidade, em mostrar força e poder, contrastando-se com o seu parametro efeminado. O processo para descobrir as inferioridades da mulher é o mesmo de toque e de violação do santuario já mencionado.

Na familia, o filho procura se totemizar ao pae, usando a mãe como fetiche, o toque psychico, por palavras ou pelo contacto funciona do mesmo modo que o que já foi contado. O filho procura esconder da mãe os seus defeitos e tudo que tende a uma depreciação da sua pessoa ; as crianças e meninos procuram sempre esconder as pequenas molestias que os depreciam ou compensa-las com actos demonstrando virilidade ou poder, procurando semelhança com o pae. Elles se defendem astuciosamente contra a interferencia dos paes no aspecto e na personalidade.

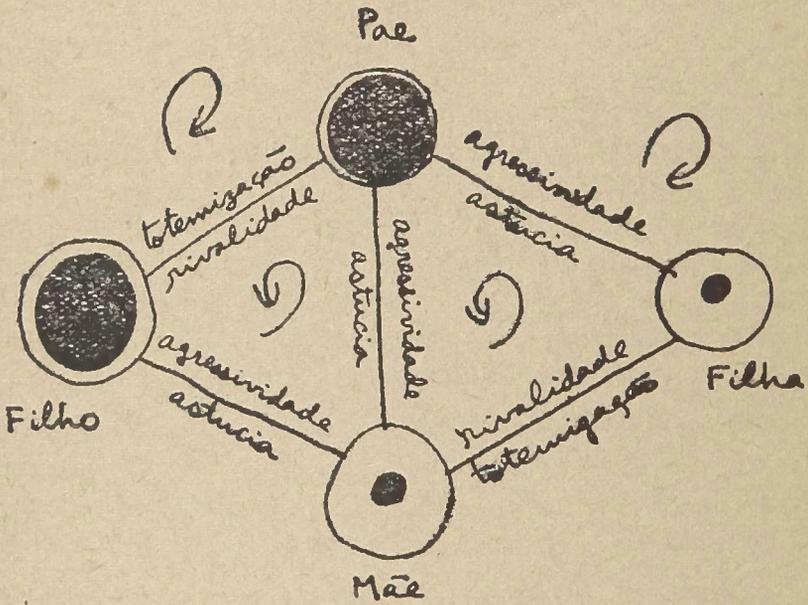
O filho se aproxima da mãe da mesma maneira que elle se aproxima do resto do mundo objectivo ; em todas as edades faz della um apoio, um fetiche para aturar a sua fantasia, para se mostrar superior, o igual do pae. Mechanicamente, as relações entre o filho e a mãe, e a filha e o pae, são as mesmas relações existentes entre o sujeito e qualquer fetiche.

O complexo de Edipo pode ser applicado tanto a familia como a qualquer actividade do homem na vida ;

o fetiche de um sujeito é sempre o seu objecto sexual, isto é, recebe a sua satisfação porque consegue involuntariamente fazer ver ao sujeito que ele é superior.

As manifestações em sonhos, ocorrências, nas associações livres de ideas, as recordações da vida infantil e os laços affectivos que indicam a existencia de um complexo de Edipo, são situações na vida em que o sujeito precisou se defender contra uma inferioridade collocando-se no seguro ; a imagem erotica aparece como uma afirmação desse sentimento idealistico, e é escolhida por estar mais perto, mais á mão, por ser a mais ligada á vida infantil ; cada um desses momentos representa utilização da mãe ou do pae como fetiches para garantir uma superioridade, um desejo de poder. A sugestibilidade da mãe como fetiche traz logo a idea de ser ela intocavel, tabu, de ser sagrada ; o que é em maior ou menor gráo a sugestibilidade de todo o mundo objectivo que funciona como fetiche.

A mãe torna-se logo submissa ás caricias do filho ; o toque perturba o arranjo psychico maternal, desmanchando o aspecto sagrado, rebaixando-a pela submissão, satisfazendo a vontade de ser viril do filho. A submissão é uma mostra de astucia para manter poder ; ela defende-se da descoberta de suas inferioridades, procura ocultar essas inferioridades por meio de compensações comportando-se dum modo semelhante ao do amado no caso precedente. Tudo quanto pode ser sugestivo ao filho é usado por ela como fetiche para se defender contra uma depreciação ; ela coloca a insegurança da sua idade adiantada sobre a protecção de segredos de cosinha, cosmeticos, santidade, respeito, depreciando a nora, etc... todos esses pontos de apoio formam o seu parametro de segurança e de astucia ; ás vezes ela procura apoio desvendando as inferioridades do filho, se queixando da falta de carinho, de bondade, e em tudo quanto possa enaltecer a sua pessoa por contraste.



A FAMÍLIA • LAÇOS AFECTIVOS

Os laços afectivos que concedem a uma pessoa classificação de filho, nada têm que ver com o parentesco ou a consaguinidade. Uma pessoa começa a ser filho no momento em que o companheiro ou companheira se sente inferiorizado, procurando compensar o seu poder perdido ou a sua inferioridade física, velhice, enfermidade, etc., com uma dedicação protectora, na qual ela se coloca em segurança, acariciando as inferioridades do futuro filho ; é um meio de perpetuar a sua juventude chamando a atenção sobre si pelo contraste. Não podendo evitar o dismantelamento do seu aspecto, a pessoa procura nas inferioridades de um fetiche o apoio necessario para obter contraste e ser apreciada. Os velhos gostam de chamar os moços de filhos. As mulheres muito bonitas que são mundanamente procuradas não sentem a necessidade de filhos ou não se preocupam com eles, as feias encontram nos filhos uma compensação para a sua inferioridade, um fetiche para o seu uso.

A auto defesa do sujeito não implica necessariamente uma conservação da vida ou uma preferencia pelo prazer ; os mazoquistas, os suicidas, os soldados heroicos, procuram na dor e na morte outra cousa.

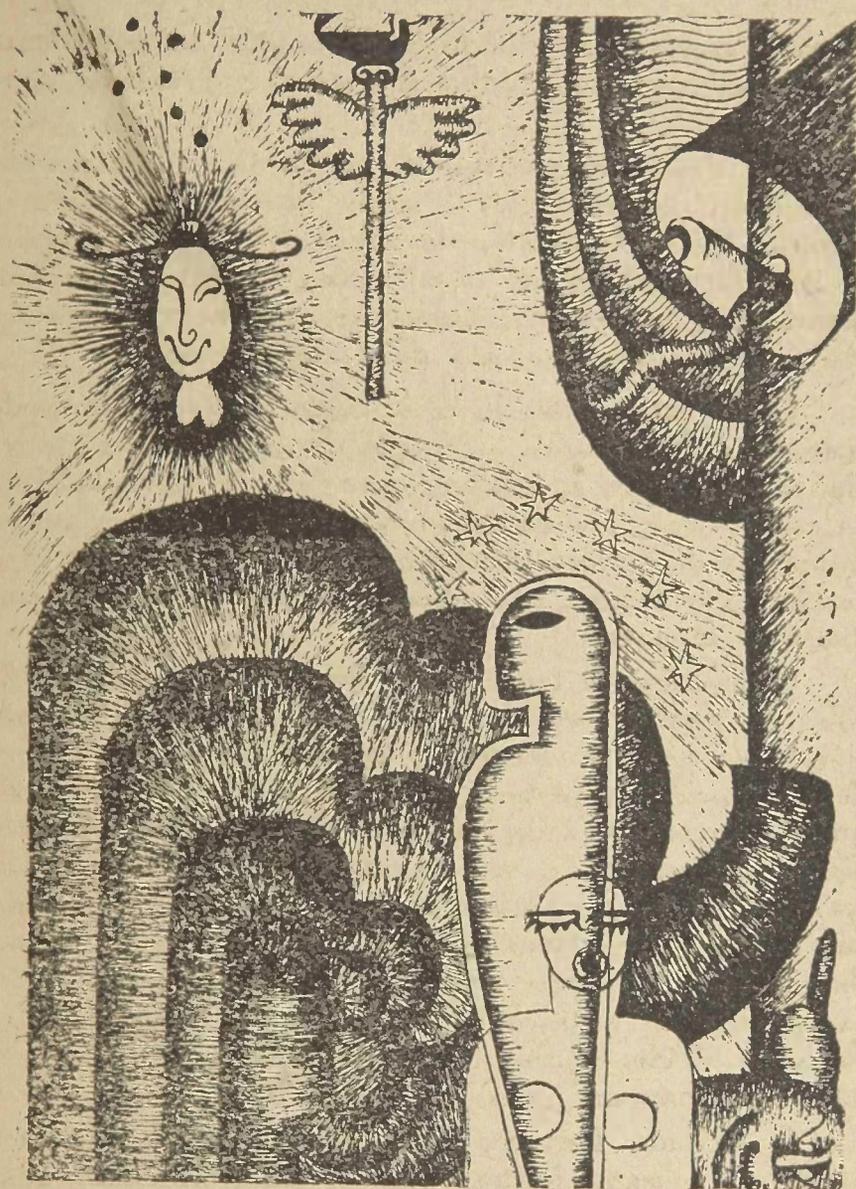
Quando o sentimento de insegurança cresce a ponto de não conseguir apoio satisfactorio nos fetiches do mundo objectivo, o desejo do sujeito para uma ficção ou uma fantasia, em desespero se afasta do mundo objectivo, procurando formar uma imagem totemica no preconsciente.

Se a pessoa é possuidora de grande consciencia muito ligada á rotina do mundo, provavelmente não conseguirá iniciar no preconsciente um processo de totemismo e feiticismo capaz de saciar a sua ambição e o seu mundanismo, e então encontra na morte o alivio para o desespero, o unico acto de mundanismo que lhe resta. Ou bem, sendo a pessoa afastada do mundo ob-

jectivo, vivendo uma vida preconsciente intensa, não consegue mais mundanismo no preconsciente e encontra na morte a saída forçada. Em ambos os casos ela pode esperar mundanismo numa outra forma de vida, isto é uma valorização da sua personalidade; o suicidio a coloca num suposto plano acima de todo o mundo objectivo, provocando um rebaixamento geral de todo o mundo objectivo; o mundo objectivo torna-se o parâmetro de astúcia, a consciência do morto.

A intenção do suicida era de irromper, desmantelar o mundo objectivo pelo toque de destruição, como vingança pela sua sensação de inferioridade. Ele estava completamente integrado na rotina do mundo objectivo ou do preconsciente, ele desejava confundir o seu Eu com esses dois mundos, ao mesmo tempo que queria fugir deles, do contraste, como meio de conservar a sua ilusão de virilidade, procurando o ultimo apoio para elevar-se a si mesmo e rebaixar o mundo. A morte serve de objecto fetiche receptaculo do seu amor — o seu gesto é um gesto de auto defesa animica e se parece um tanto com a esperança religiosa das pessoas velhas, doentes, aleijadas, os despresados do mundo, procurando nos templos a penultima defesa do seu mundanismo, o derradeiro seguro.

O soldado heroe e o masoquista funcionam do mesmo modo; ambos procuram salvar qualquer coisa, a patria e o mundo, ambos sacrificam-se para um suposto bem geral; o masoquista tem dó de si mesmo e sente-se forte no sofrimento, deseja ser maltratado para mostrar quanto o mundo é máo, procura no maltrato e na dor um alivio para o seu desejo; quer ser victima, quer que todo o mundo veja a sua situação que ele considera injusta; é do sentimento de justiça que nasce esse seu desejo soffredor. Ele acha que o mundo não soube aprecia-lo, que ele devia estar por cima dominando



... o Christo, o padre, o Budha, o Moysés, o politico esquecido, o recluso o mendigo, a prostituta amorosa, o homem de genio...

e para castigar o mundo se submete ao sofrimento, para que o mundo tenha remorsos e o aclame como heroe.

Ele deseja que o mundo venha fazer contricção a seus pés. Ahi então ele se sente fraternal e amigo do mundo. Ele é o salvador de almas ; o Christo, o padre, o Buddha, o Moysés, o politico esquecido, o recluso, o mendigo, a prostituta amorosa, o homem de genio, o seu fetiche é o mundo seu deus ele mesmo.

O seu intenso desejo de se congelar num todo poderoso exige uma grande exhibição de astucia, — a modestia, a submissão, a timidez, o engodo, a sobriedade são as suas armas. Do contacto com o mundo ele constroe a imagem do tyrano, recebe o chiste dessa imagem esperando a contricção, o momento de ver o colosso humilhado a seus pés.

O processo de feiticismo é duplo — as suas caricias sobre o mundo objectivo em vez de exhibir as inferioridades deste, ao contrario, provocam o aparecimento de superioridade, de tudo quanto é viril e aggressivo. Ele quer parêcer pequeno ao lado do mundo objectivo. Tendo construido o seu tyrano, ele procura por um toque mental desorganizar o aspecto, profanando o santuario do tyrano, mostrando a sua alma vasia, humilhando-o. A vida do tyrano está nas suas mãos ; ele torna-se assim o salvador do tyrano, o benevolente, o santo, o fetiche-Christo, o igual ao heroe, o querido da mulher, o homem "vaselina" que ficou deus.

O soldado heroico, conservando-se numa posição inferior, consegue formar planos, fraternalmente guiar tropas em numero inferior contra um inimigo imaginario, esmagando sempre o inimigo. O seu fraco são os prisioneiros. Surgem aos milhões em grandes massas para mostrar aos conterraneos o heroismo do soldado esquecido ; ele se sente grande e não deseja ser nada

acima de um major ou um coronel, para mostrar aos seus superiores e ao mundo em geral a injustiça de ter sido esquecido. Muitas vezes procura um sofrimento maior, tenta retroceder a um posto inferior, ser tenente sacrificado ou cabo, mostrando ao mundo quanto é bom e grande; se ele se tem em muita consideração, procura ser miseravel, abandonado do mundo, esquecido, tem pena de si mesmo, se comove com as menores cousas e deseja ardentemente ser socorrido por amigos e ser transformado em heroe modesto.

A's vezes ele deseja a morte como paliativo mundano, antecipando um monopolio sexual, um goso *post-mortem*.

O politico heroico segue mais ou menos o mesmo percurso.

O mecanismo afectivo é semelhante ao do masoquista; o inimigo é transformado em tyrano e os seus superiores e conterraneos em inimigos arrependidos; ele consegue, com o tempo, rebaixar ambos a um nivel vil muito abaixo da sua pessoa, sublimando-se em heroe unico e salvador prestes a ser santificado. A sua "finale" reproduz o drama archaico do homem, rebaixar para aparecer grande.

Possivelmente, o organismo do sujeito se relaciona ao ambiente, como uma formula motriz possuindo um certo numero de tendencias cada tendencia com uma escala de variações mais ou menos conhecida. Qualquer movimento envolvendo a formula e o ambiente, talvez procurando como fim um rendimento maximo como uma machina qualquer, valorizando o Eu.

O mundo é o seu objecto sexual, e como diz Freud "a actividade muscular serve de ponto de apoio para distinguir um interior de um exterior". (1).

(1) Pg. 122 "Psychologia das massas", Freud.

Cada organismo se considera um centro de atração, formando um systema trilogico aparte. Partindo do inconsciente, o movimento psychico parece se dar por intermedio do que Freud chama o estimulo instinctivo ou necessidade (1) e que parece ser apenas uma forma de movimento, uma modalidade, existindo em virtude do mundo ambiente. Seria impossivel conceber uma necessidade sem a existencia de alguma cousa que forneça o contraste, alguma cousa que possa receber essa necessidade; o resultado do contacto com o objecto sexual, pode ser chamado a satisfação, o gozo que alivia. Para o homem todo o mundo objectivo, menos o seu totem, é objecto sexual, ele se comporta aggressivamente para com todos como se todos quizessem alcança-lo, como se ele fossem o totem de todos; ele sente-se rivalizado pelo mundo objectivo e responde com aggressividade. A sua astucia é reservada ao totem. O estudo dos laços affectivos entre o homem e o seu totem mostra que o sentimento de rivalidade vem da pessoa que está sendo deslocada, escoa do totem ao aspirante, emquanto que os laços affectivos entre o homem e o mundo fetiche são aggressividade-astucia, isto é meramente sexuaes, um meio de se defender contra uma insegurança como no caso da copula que traz o filho como meio de garantir a segurança do pae, de perpetua-lo no futuro. O sentimento de rivalidade ainda pouco mencionado entre o homem e o mundo objectivo deve ser considerado como uma consequencia da necessidade sexual de entrar em contacto com este mundo, de tocar o mundo.

(1) Pg. 121 "Psychologia das massas", Freud.

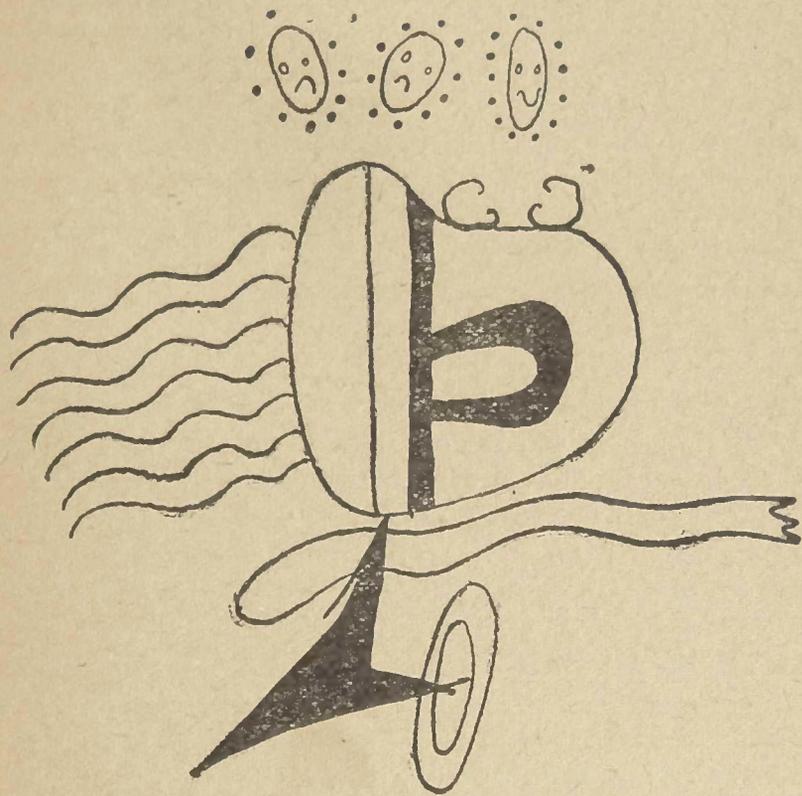
O COMPLEXO DE OMNIPOTENCIA

O mecanismo da trilogia tende a mostrar a existencia de um movimento inevitavel na vida psychica do homem, uma tendencia para nivelamento onde ele procura atingir uma meta saciando o seu desejo no mundo objectivo.

Quanto maior a reacção ou sugestibilidade do mundo objectivo, mais distante fica a meta. Vimos que ele construía a sua imagem fantastica procurando desmantelar ou descobrir as inferioridades do mundo objectivo,

e que a sua imagem brilhava pelo contraste que oferecia com as inferioridades descobertas; essas inferioridades formam o parametro protector, a demonstração de astucia. Todas as suas actividades na vida parecem passar pelo mesmo mecanismo de trilogia. Parece que o seu desejo é atingir sempre uma meta, formar uma personalidade superior a/sua, que representa potencia e pela qual ele possa se considerar o centro do seu universo, pela qual ele possa alcançar um estado de omnipotencia. Ele trata a sua fantasia como sendo o padrão do universo, como sendo a unica que regula, e a sua auto-estimação sobe á medida que descobre as inferioridades do mundo e as acumula em torno de si. Esta tendencia a ser o sol de um dado mundo o persegue toda a vida, ele pode ver e sentir outros mundos ou sentir a existencia de outros, mas o mundo da satisfação, que sacia o seu desejo, é aquelle que ele oprime e rebaixa, aquele em que ele pode entrar em contacto, mostrar a sua virilidade, satisfazer o seu desejo de omnipotencia. Vimos que aqueles que buscam a dôr procuram um mundo ainda mais exaltado, uma omnipotencia maior, envolvendo a submissão de toda a humanidade, e ás vezes mesmo um dominio extra-terrestre. A sublime ilusão de um goso post-mortem. A selecção de uma directriz parece em toda parte obedecer ao comando omnipotencia. A escolha recae sobre um mundo no qual a ilusão de omnipotencia é maior mas dentro da classe do sujeito.

Omnipotencia é perceptivel por contraste. O aspecto heterogeneo da natureza é uma mostra de omnipotencia; de uma cousa se destacar da outra, tornar-se mestre da outra, ocupar uma posição mais importante que a outra, é tudo indicação da existencia de movimento de cousas que procuram destinos. Uma superficie homogenea infinita daria a ilusão de igualdade,



... é uma mostra de omnipotencia, de uma cousa se destacar da outra, tornar-se mestre da outra.

de falta de omnipotencia. A humanidade vista de uma grande distancia forneceria a mesma ilusão.

A omnipotencia vem como consequencia natural da noção de contraste nivelamento e desnivelamento das cousas da natureza, não pode ser dispensada, e o homem envolvido na natureza se comporta mechanicamente como a natureza. A sua fantasia construida á custa do mundo objectivo, destacando-se por contraste com este mundo mostra que o movimento da vida animica exige uma omnipotencia relativa; cada vida animica com uma capacidade de formar mundos que é a afirmação do Eu.

As religiões são meios de conceder aos fracos e aos oprimidos uma ilusão maior de omnipotencia, de estar perto de deus, ser o escolhido, se sentir no seguro. O resentimento dos oprimidos é sempre de natureza religiosa; deploram eles o monopolio imposto pelo mundanismo e procuram uma compensação no mundo ideologico afastado do objectivo, procuram omnipotencia entre os fantasmas de preconscientes. As mulheres se afeiçoam muito á religião porque difficilmente conseguem omnipotencia de outra maneira, no mundo objectivo a sua personalidade-ornato se concentra no mundanismo da copula; ela produz um estado de encantamento em redor de si, torna-se tabu, intocavel e desejavel, e pela astucia procura sempre entregar-se a um deus. Os filhos vêm como uma compensação pelo seu estado de inferioridade e as mulheres que mais desejam ter filhos são as que se sentem menos seguras, que precisam do filho como uma compensação — meio de encobrir um sentimento de inferioridade — um fetiche para a sua omnipotencia. Os paes gostam de viver a vida emotiva dos filhos, porque é um meio de conservar potencia. As pessoas de idade mostram no seu comportamento esse mesmo desejo de dominio. O complexo

de Edipo, é um desejo de omnipotencia, as guerras, a protelação viril nacionalista, as lutas politicas, todas trazem a mesma ancia de dominio, a exaltação do Eu.

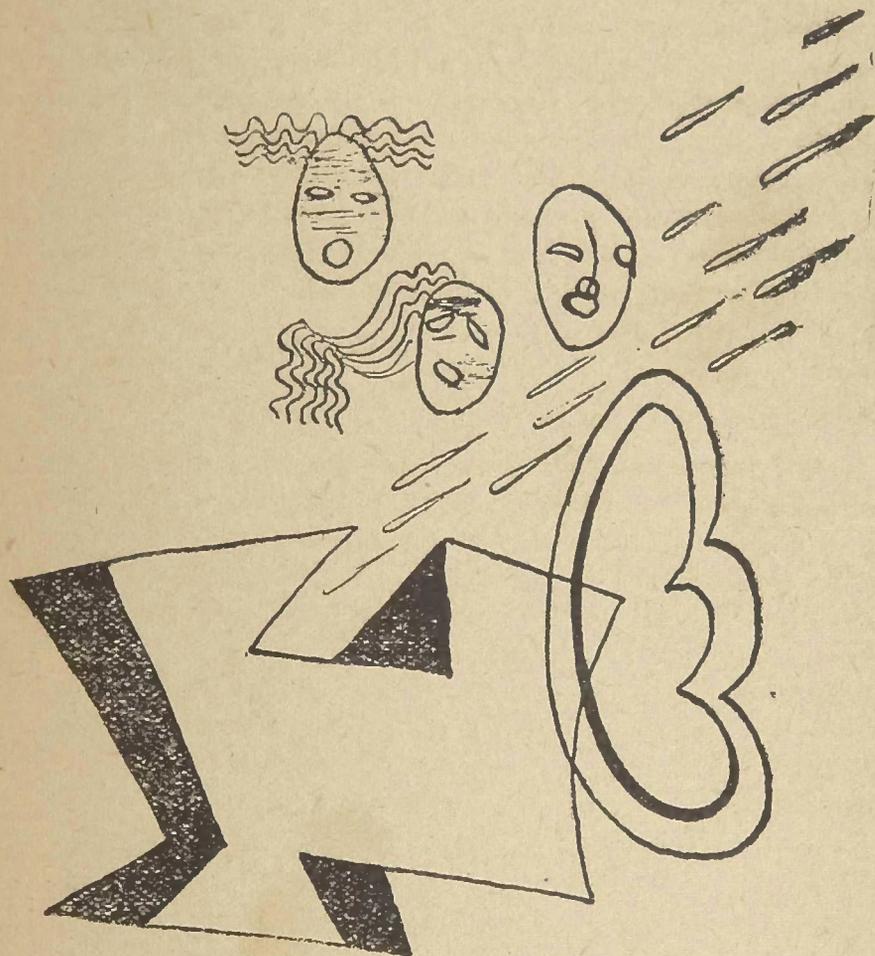
Entre os paizes rebaixados pelas circunstancias ou em estado emotivo de perigo persiste sempre uma tendencia para ostentar efeminadamente uma camada astuciosa de nacionalismo, a exaltação do Eu nacional; uniformes pomposos, proclamações inflamadas, paradas em grande numero, o desejo de mostrar virilidade como defesa para ocultar os pontos fracos.

O paiz rebaixado torna-se efeminado no modo de agir, os homens procuram desesperadamente pontos de segurança mantendo uma omnipotencia ilusoria, nascida do resentimento e religiosa em caracter, afastada do mundo objectivo opressor e, em certos casos, concentrada numa dada rotina e tradição. O nacionalismo procura segurança na tradição historica e no sentimento de patria e familia, que ainda é hoje sustentado por um grupo que diminue sempre, como religião que não se discute; o nacionalismo exaltado é uma manifestação nevrotica de uma nação inferiorizada e só aparece em momentos de perigo e funciona como uma força cohesiva. O periodo de critica de uma nação poderosa corresponde a uma fase de totemismo, de subdivisão de ideas e é consequencia da exaltação nacionalista. O periodo de totemismo é a revolta do oprimido em busca de omnipotencia, é a reacção natural contra o despotismo religioso nacionalista. Vemos que quando uma entidade alcança uma idea de omnipotencia, aparece nas entidades que serviram de apoio este mesmo desejo de omnipotencia, operando os laços afectivos totemização-rivalidade entre os oprimidos e o poder, e agressividade-astucia entre os futuros totems. Logo apos á desintegração durante a fase de democracia e magia observa-se em cada entidade democratica manifestações do complexo de omni-

potencia, o homem torna-se imoral em relação ao seu padrão etico, a politica aparece encantando distribuindo o sortilegio que incitará o desnivel ; ela contem os atractivos de um "vamp" cheio de "it" porque dá ao homem a ilusão de poder, ela é adorada como numa religião a sua imagem encanta e os homens astuciosamente tentam se aproximar, são efeminados e submettem programmas politicos cheios de engodo, uma desculpa para o desejo de omnipotencia, o meio de esconder a ambição. Esses programmas são geralmente formulados para retirar aparentemente a potencia do candidato ou do partido, obtendo assim o apoio do povo, e constituem a parte diplomatica entre o candidato e o povo, funcionam como um parametro protector efeminado.

O fenomeno politico de um paiz parece ser a manifestação mais rotineira e mais consciente do complexo de omnipotencia, como é tambem a mais efeminada. Todos conhecem as promessas impossiveis, as ideologias contemplativas, a magia honrada dos chefes politicos, o esforço tremendo para encantar um eleitorado iludindo-o ; cada politico esconde a sua inferioridade em baixo de uma capa de honra e justiça colocando-se no seguro, ocultando a sua incapacidade, para alcançar mais depressa a sua visão de omnipotencia.

Do sujeito emanam sempre duas forças afectivas : a totemisação, para com a fantasia, e a agressividade, o amor para com o fetiche. Essas duas forças se complementam. Nenhuma delas pode existir isoladamente e a idea de homem não teria nenhum sentido com uma delas só ; a fantasia é a impulsora do desejo de contacto do amor ao mundo objectivo, ao mesmo tempo que é consequencia desse mundo objectivo. Estas duas forças organizam o fenomeno de contraste incitando o complexo de omnipotencia. Elas representam a relação indispensavel entre o homem e o seu mundo, e explicam porque



— O fenomeno de contraste —

vivemos, e mostram que é melhor encaminhar a noção de alegria para a sugestibilidade das cousas do mundo. O "instincto impulsivo" vem sem duvida dessa sugestibilidade, ou melhor a sugestibilidade é a faísca que precipita o instincto impulsivo, que o transforma de passivo e latente que era em activo e dynamico. A sugestibilidade acciona como um toque no inconsciente, desperta o entusiasmo do homem pela vida, trazendo á tona o interesse pelas cousas, a força de amar, e de se firmar, e uma vez em movimento ele procura a situação mais segura, omnipotente, dentro da sua percepção.

Uma vez encantado pelo mundo, ele procura desmanchar a ordem do objecto encantador; a idea de ordem sacode a sua alma em adoração e respeito, chama a sua atenção por contraste, provoca o desejo amoroso e agressivo de entrar em contacto de desmanchar.

O organizado é a cousa encantada, possui a elegancia de uma imagem tabu, cada parte com uma significação actuando como uma lembrança da rotina, representa o estado de uma teoria prompta a ser criticada, desmantelada, uma ordem que atrahiu pela sequencia, um symbolismo da vida que mostra uma entidade pela repetição e convida o homem a destrui-la.

Sugestibilidade torna-se função de entidade. Fazer uma cousa perceptivel ao nosso ponto de vista, compôr os seus limites para chamar a atenção, creando uma tensão de superficie que é o encantamento do objecto, sugere ao homem a necessidade de ser agressivo, despertando no seu inconsciente um movimento capaz de desmanchar a ordem. Existe alguma cousa entre a idea de ordem e a agressividade. Uma parece provocar a outra. Sem duvida, a inteligencia do homem, o seu espirito critico rebela-se contra o tédio do estabelecido, contra o impudor de uma ordem dogmatica. Ele pre-

cisa despedaçar para ver o que tem dentro, divulgar o vazio do mysterio, ser sempre um delator de falsas pretensões.

Uma cousa construida e organizada provoca logo o par antitetico agressividade-astucia, a agressividade constroe uma forma amorosa que procura entrar em contacto, vencer a tensão de superficie, a astucia do objecto ; a cousa construida nunca pode ser eterna. Uma ancia de movimento exige que ela seja desmanchada e feita de novo, o espirito critico do homem rebela-se contra o aspecto, instinctivamente ele quer mostrar as inferioridades ocultas, desmanchar o encantamento do objecto. A cousa organizada torna-se o fetiche-apoio para a nova fantasia, recebe o amor do homem.

Esse desejo de tocar no organizado, na cousa que se tornou quasi intocavel, é a base argumentativa da omnipotencia. Destruir o tabu para divulgar a inferioridade é a falta de resistencia de imagem sagrada ; o contraste do estrago dá a sensação de poder e sacia o narcisismo. O homem torna-se omnipotente por auto-estimação, porque conseguiu dominar um mundo sujeito apenas ao seu modo de perceber. A base argumentativa vem então como uma necessidade de movimento, de desmanchar uma cousa organizada, estagnada em encantamento. Parece que a sugestibilidade do mundo objectivo crea no homem um potencial, um inicio de fantasia capaz de desarranjar o organizado.

INSTINCTO GREGARIO

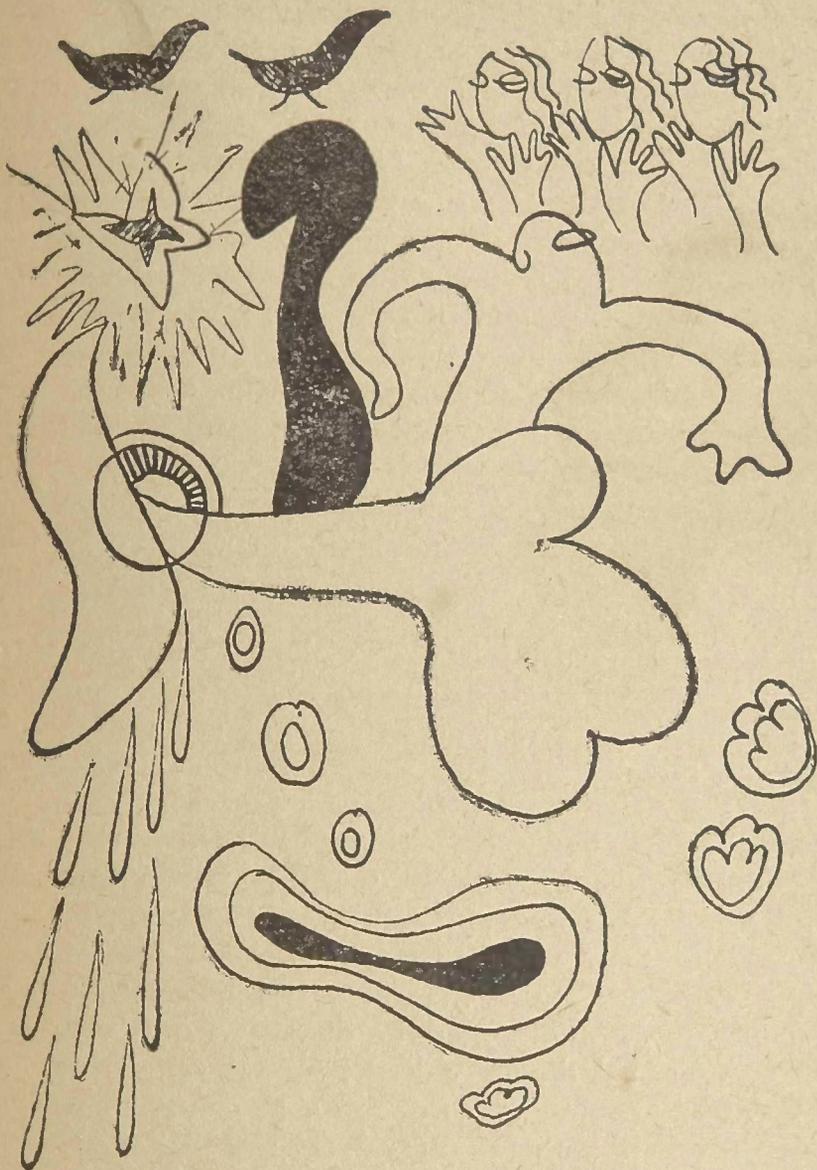
O instinto gregario é a busca do fetiche, o desejo de ser encantado e de entrar em contacto, de possuir e perturbar a ordem do fetiche. O mundo objectivo é apoio indispensavel. O homem procura o homem para mostrar a sua fantasia e adquirir poder. O seu igual é o que é mais capaz de comprehender a sua fantasia e é portanto o escolhido para receber o amor agressivo, para ser destruido e rebaixado, e servir de contraste ao exhibicionismo e a exaltação do Eu do pretendente.

Quando isolado da sociedade, o homem organiza os objectos da natureza em adoração a si proprio ; ele acaricia esses objectos com grande satisfação porque os objectos se submetem facilmente a sua vontade. Quando encontra alguma cousa que não conseguiu dominar, ele a considera o seu inimigo, mesmo quando só com a natureza a sua actuação é para a omnipotencia. Ele procura se agregar á natureza e concede aos objectos da natureza propriedades animicas iguaes a dele, transforma a natureza em seu igual para melhor mostrar a sua fantasia, para que ela seja comprehendida pela natureza. Quasi sempre é uma tarefa facil, a natureza raramente protesta.

Os homens retrahidos da sociedade, os reclusos, os exploradores, são aqueles que, dominados por um sentimento de inferioridade, e não conseguindo mostrar a sua pessoa entre os homens, procuram o afastamento, procuram a natureza para conceder o contacto que rebaixa, e satisfazer o seu desejo de mundanismo. A's vezes os exploradores se utilizam da natureza como meio de conseguir mundanismo entre os homens.

Muitos transportam as suas caricias para os animaes, porque estes se tornam em pouco tempo submissos encantados com o dono, e o dono se sente forte e poderoso — é um meio facil de obter omnipotencia. As pessoas envelhecidas, que sofrem uma diminuição na virilidade e ás vezes no poder social, tambem têm uma tendencia para a sociedade dos animaes e do isolamento na natureza.

Dentro ou fóra da sociedade o instincto gregario exige um fetiche, um apoio para o Eu, alguma cousa para receber o amor de si mesmo, e mostrar a sua grandeza. E' um instincto de conservação, de auto-defeza da personalidade, evitando sempre de enchergar dentro de si mesmo e procurando ocultar as inferioridades com



Exhibicionismo

compensações. O individuo procura conservar a sua forma idealistica, proteger-se contra o seu desmanchamento, evitar pela astucia o contacto que revela a sua inferioridade, ele desenvolve uma acção agregadora, ele é o chefe de si mesmo que controla e mantem a ordem interna do seu organismo, é o seu ditador, que fornece as illusões de omnipotencia ao conjuncto do seu organismo, é o parametro de astucia que protege o instincto gregario de sua vida animica contra uma aggressão humilhante.

De maneira que o instincto gregario, alem de ser a busca do fetiche, está bem ligado á idea de conservação da forma, á necessidade de evitar um desmantelamento, um desejo de conservar o passado, de manter uma tradição. O instincto gregario torna-se parte da idéa de entidade, é uma força emotiva que opera para acumular elementos suficientes em numero, para mostrar poder, se destacar, tornar-se visivel no mundo ambiente. E' uma força de protestaçoão colectiva, que faz com que uma nação se comporte como um individuo' procurando manter entre os seus elementos uma acção unida para garantir o sucesso da sua fantasia. Naturalmente, esta força busca o fetiche como ponto de apoio.

E' uma força de cohesão, mantida pela influencia externa e procura conservar a forma do objecto, defender o passado. Os homens se aglomeram como protecção contra o ambiente, para manter a vida e conservar a personalidade. E' uma medida defensiva que visa occultar a inferioridade individual.

A aglomeração é um refugio contra o perigo porque coloca o homem em pé de igualdade com os seus rivaes.

Um homem numa aglomeração sente que em caso de perigo ele pode perfeitamente ser o protegido da sorte, enquanto que isolado ele sente com mais vehemencia a fatalidade do perigo. A aglomeração é o seu refugio. Ele



Mesmo quando só com a natureza a sua actuação é para
a omnipotencia.

procura sempre estar do lado mais numeroso, do lado que ofereça uma segurança para a sua pessoa. A sua fuga para o abrigo é uma defesa. Ele conhece mais ou menos a sua capacidade de enfrentar perigos, e o abrigo vem ocultar os seus pontos fracos.

A aglomeração vem como consequencia da agressividade. Os homens se aglomeram em torno de uma coisa capaz de os encantar, uma coisa sugestiva onde encontram segurança suficiente para a vida animica.

Quando os homens se aglomeram em torno de uma mulher esquisita e seductora, cada um se imagina encontrar na mulher um ponto de apoio suficiente para a sua inferioridade. Acercando-se da mulher, e recebendo os seus favores, eles se collocam numa posição segura, capaz de atrahir mundanismo; a aglomeração em redor da mulher é para eles um signal de poder e indica a grande sugestibilidade da figura rodeada. A figura rodeada se transforma em imagem encantada, torna-se alguma coisa tabu. As suas rivaes procuram profana-la, desmanchando o encantamento, diminuindo o seu prestigio. Os adoradores da imagem sentem-se protegidos pela sua magia e observam o respeito e o odio, que elles seriam capazes de ter por uma virgem Maria ou uma santa Teresinha. A segurança dos adoradores depende da integridade da imagem, e se ela é protegida com ardor contra qualquer profanação torna-se intocavel, a bem do regosijo narcisista da aglomeração. O homem parece procurar sempre um ponto de segurança animica, um atractivo, uma imagem encantada que satisfaça a sua necessidade de exaltar o Eu, as aglomerações se refugiam sob a protecção dessas imagens fetiches; a mulher encantadora, a santa, a virgem, o chefe, o Christo, o deus, a patria, são refugios communs da aglomeração em perigo.

As religiões são pontos de refugio muito procurados pelo homem para esconder a sua inferioridade ; a patria, como idea derivada do patriarcha, tem sempre ajuntado grandes grupos de homens ; ultimamente porem o seu encantamento anda em perigo. A introducção de novas forças economicas no scenario mundial, como o advento da machina e o interesse demonstrado pela palavra eficiencia, parecem querer crear uma nova filosofia da vida um novo mundo ideologico que orientará os laços affectivos do homem para um internacionalismo mais intenso, augmentando a visão de cada um.

A patria é a imagem sagrada nacionalista e se comporta precisamente como a mulher esquesita encantada. Tem a força religiosa de crear submissão e de implantar o tradicional na rotina. O seu nacionalismo consiste em dar a cada homem o favor de ser dela. Todos os patriotas se nivelam, são iguaes como na religião todos os crentes são tidos como iguaes ; ela é a imagem encantada que recebe a adoração de todos os iguaes, colocando todos em segurança ; a sua santidade é mantida pelo sentimento de insegurança do homem quando em contacto aggressivo com outros povos ; ela, em consequencia desse contacto, vem como uma defensiva, como a astucia da nação.

Quando uma aglomeração é perturbada por um perigo, o homem procura sempre se refugiar do lado onde aparece um encantamento, um atractivo capaz de lhe garantir segurança.

A aglomeração usa o atractivo como um fetiche para a sua emção — deseja o contacto com o fetiche para firmar a sua pessoa.

Assim, o instincto gregario surge como um sentimento de defesa propria, um meio do homem se valorizar, mostrando a sua fantasia viril ao seu igual e rival e sempre procurando esconder as inferioridades. E' o

instincto que faz ele querer conservar a sua forma fantastica, que procura evitar que um contacto aggressivo o desmantele e venha perturbar a organização de sua teoria, reduzi-lo a um nivel inferior, a um homem sem teoria, desorientado e com vergonha de sua exhibição. Ele procura conservar a sua personalidade contra a destruição, construindo em redor de si uma muralha de astucia, procurando se transformar numa imagem intocavel sagrando-se a si mesmo.

Este sentimento de defesa, é a necessidade que ele tem de entrar em contacto com o mundo objectivo, de apalpar e sentir, é a sua curiosidade de desmanchar o organizado, de desvendar o mysterio que o atrahе para o homem. Ele precisa entrar em contacto, amar o mundo, mostrar-se. Fazer-se deus e destruir pelo amor o organizado. Proteger ou destruir a sua personalidade, para se mostrar viril — a auto-destruição ás vezes é uma ostentação de poder de desprezo para o mundo — e desorganizar o organizado em redor, porque é o unico meio que ele tem para se proteger ; crear em redor de si uma sagração mundana, o seu mundanismo que o faz tolerar a companhia do igual.

Dois processos caracterizam o instincto gregario. Um constructivo e outro destructivo ; o constructivo é consequencia do destructivo, do contacto com o mundo exterior. Pelo contacto desmancha o organizado e constroe e defende a sua personalidade, constroe e defende as nações, os grupos, os syndicatos, e todas as aglomerações do homem.

Apesar de haver uma igualdade aparente entre as gentes aglomeradas em torno de um encanto, um chefe, uma patria em perigo, esse sentimento de igualdade só existe perante a fantasia colectiva ; é tolerado como meio de defesa ; sob um ponto de vista subjectivo, o instincto gregario não procura uma igualdade

da massa, mas sim uma desigualdade ; o homem procura a companhia do homem para satisfazer o seu mundanismo, tornar-se dono daquilo que ele talvez não comprehenda mas que o atrahê e que pertence á capacidade de outros, para mostrar aos seus iguaes a sua força.

A anciedade de uma massa igual e homogenea é de provocar disturbio interno ; a anciedade de movimento, os laços affectivos dessa massa não são duradouros e o seu estado representa apenas um momento temporario de calmaria, que exige como modalidade passageira um contraste para mostrar um estado em movimento em outro lugar.

Antagonismo e astucia vêm sempre entre pessoas da mesma actividade. E' um absurdo pensar que o operario detesta fazer parte das outras classes. O que acontece sempre é que eles se detestam entre si, isto é reservam a sua vida emotiva para com aqueles com quem vivem em contacto.

O animo contra o patrão não é um animo desagregador de uma sociedade, como por exemplo o animo contra o semelhante profissional, mas sim uma força tendente a levantar o nivel da sociedade ; o operario quer ser patrão como o soldado quer ser general, mechanicamente ele deseja levantar o seu nivel, afirmar o seu Eu. O operario que tem caminho aberto para se aproximar do lugar de patrão não possui o mesmo animo que os outros contra ele. Numa massa operaria, o instincto gregario vem como uma demonstração de força, como um protesto viril, um meio de se colocar em segurança e de firmar uma personalidade. Geralmente o operario tem pouca ou nenhuma oportunidade de mostrar a sua personalidade, e é por isso mesmo que o instincto gregario entre as massas operarias oprimidas

é muito forte ; a união vem como unico meio de mostrar força. (1)

Nas diversas associações de classe, nos syndicatos, domina como em toda a parte o mundanismo, a afirmação coletiva do Eu. As reivindicações, os direitos de classe, são cousas secundarias, constituem o phenomeno de defesa a ostentação astuciosa para proteger o tumulto interno. As ideologias são pontos de apoio, são meios astuciosos de afirmar o Eu do oprimido, são o passaporte mental aceito por todos como desculpa para ostentar a omnipotencia intelectual do homem.

O mesmo acontece com a união das diversas massas religiosas ; a idea de religião é apenas uma capa, uma desculpa astuciosa para esconder o tumulto interno, o desejo violento de dominar, de se aproximar de um deus, ser o igual de um deus. As pessoas muito religiosas, em muitos casos, são as que sofreram forte repressão no dominio social.

As forças desagregadoras e agregadoras que compõem o instincto gregario são sempre impulsionadas pela necessidade de se colocar em segurança, de encobrir um sentimento de inferioridade ; o que vem a ser, a satisfação de entrar em contacto com o mundo objectivo e de formar a fantasia do Eu. O instincto gregario faz, portanto, parte da defesa natural do homem e é uma manifestação inevitavel, pois mesmo quando isolado dos seus semelhantes o homem concede ás cousas da natureza propriedades animicas suficientes para satisfazer aos seus impulsos.

O contraste atrahê a sua atenção como uma cousa encantada e mysteriosa que precisa ser conhecida, tocada

(1) Não discuto esses pontos sob quaesquer aspectos sociologicos.

e desarranjada. E' o modo de perceber o mundo, e o movimento como nós somos capaz de ver e comprehender.

As religiões tentam induzi-lo a uma estagnação mental amarrando-o ao seu sentimento especifico de insegurança, a insegurança do drama archaico que redundou no assassinio do patriarcha. Ele se vê envolvido por uma prisão teologica incompativel com o seu estado geral evoluído, numa rotina que necessariamente pertence ao drama archaico, e que não poderá subsistir, pois que a crescente intensidade da vida animica reclamará sempre novas directrizes para o seu mundanismo. A idea geral de um deus faz com que a vida do homem se torne absolutamente desnecessaria, desde que o deus traz a illusão da perfeita segurança.

A noção geral de deus pode ter sérias consequencias numa teoria especializada e immutavel, pode retardar o processo mental e temporariamente agregar o homem a uma uniformidade imbecil.

Milhões de deuses são necessarios para saciar a sede animica e dar ao homem que começa a nascer uma emoção illusoria de potencia, um lugar ficticio no turbilhão das cousas. A idea de um chefe da humanidade infinitamente poderoso não foi de todo satisfactoria; a segurança dos povos dependia do codigo etico e moral, emanado desse personagem, por intermedio da precaução defensiva do homem; mas a moral do deus fracassou; poucos acreditam na sua eficiencia e um chefe desmoralizado não pode manter-se.

Uma vez que um chefe deixa de oferecer a illusão de poder e segurança ele se torna odiavel como um impostor, e esta é a situação actual da idea de deus.

O homem está começando a comprehender que ele oferece pouca ou nenhuma segurança, e é insatisfactorio como meta, porque a fantasia do homem já creou mui-



Estupido sanatorio onde padres e mulheres adminis-
tram as suas ultimas necessidades sexuaes...

tas metas acima da organização sexual do velho deus antropomorfo. Desarreditado como chefe, rebaixado pelo chiste e pela critica, o todo poderoso perde o seu encantamento, mostra a sua alma vasia ao escarneo do mundo.

O contacto com o homem sustou o mysterio, desorganizou o deus apesar do grande esforço das religiões para conservar o impostor em attitude sagrada, afastando-o do homem, cercando-o de respeito e adoração.

A intensidade da vida animica actual collocou o velho deus agonisante num estupido sanatorio onde padres e mulheres administram as suas ultimas necessidades sexuaes. Ele não se levantará mais acima desse sanatorio ; desfeito no seu poder, ele perdeu a confiança dos povos, perdeu o seu credito de chefe, não é mais capaz de manter as massas encantadas em seu redor. Ele é como o dictador desmascarado, como o general vencido. Desfaz-se por não conseguir mostrar poder, exhibir força, elevar o Eu colectivo, exaltar a fantasia dos povos. Aos poucos ele se torna pequeno e insignificante, diminue e quasi desaparece, e abandonado ao acaso se confundirá com as muitas bugigangas da natureza usadas pelo homem como fetiches.

Para satisfazer ao instincto gregario do homem moderno, do homem que começa a nascer com as novas forças economicas, é preciso alguma cousa mais que um mero boneco com um céu feito sob medida.



EXPERIENCIA N. 2

I L L U S T R A D A P E L O A U T O R

5 -

A VOLUPIA
DA FORMA
PRODUZ NO
HOMEM A
ANCIA DE
DEMOLIR E
CONSTRUIR
MODERNA-
MENTE



2-6286

Flávio de R. Carvalho

ENG. CIVIL
ARQUITETO
ESULTOR
DECORADOR

CRISTOVAM COLOMBO 1
SÃO PAULO